

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Ana Filipa Santos Leal

Lisboa, abril de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Ana Filipa Santos Leal

Relatório para a obtenção de grau de mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, sob a orientação da
Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, abril de 2013

Parecer do Orientador

Agradecimentos

Para a realização deste Relatório de Estágio Profissional foram indispensáveis os contributos de algumas pessoas, a quem não posso deixar de expressar os meus agradecimentos. Assim, agradeço às crianças das escolas onde estagiei e às respetivas educadoras e professores, com quem contactei ao longo destes últimos meses. Uma palavra de agradecimento também para as Supervisoras de Prática Pedagógica. Deixo um obrigada especial à minha orientadora, pelo tempo que me disponibilizou.

Às minhas colegas de Estágio Profissional, R., I. C. e S., obrigada pelo companheirismo e amizade.

Por último, aos meus pais e irmã, pela confiança e incentivo que sempre me souberam dar.

Índice Geral

Índice de Quadros	XIII
Índice de Figuras	XV
INTRODUÇÃO.....	1
1. Identificação do local de Estágio.....	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional.....	4
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional.....	5
4. Identificação do grupo de estágio.....	6
5. Metodologia utilizada.....	6
6. Pertinência do Estágio Profissional.....	7
7. Cronogramas.....	8
CAPÍTULO 1 - RELATOS DIÁRIOS	13
1.1. 1.º Momento de Estágio (Grupo de 5 anos).....	15
1.1.1. Caracterização do Grupo	15
1.1.2. Caracterização do espaço.....	16
1.1.3. Horário.....	17
1.1.4. Rotinas	17
1.1.5. Relatos Diários	19
1.2. 2.º Momento de Estágio (Grupo de 3 anos).....	37
1.2.1. Caracterização do Grupo	37
1.2.2. Caracterização do Espaço.....	38
1.2.3. Horário.....	39
1.2.4. Rotinas	40
1.2.5. Relatos Diários	40
1.3. 3.º Momento de Estágio (Grupo de 4 anos).....	54
1.3.1. Caracterização do Grupo	54
1.3.2. Caracterização do Espaço.....	55
1.3.3. Horário.....	56
1.3.4. Rotinas	56
1.3.5. Relatos Diários	57
1.4. 4.º Momento de Estágio (Grupo de 2 anos).....	74
1.4.1. Caracterização do Grupo	74

1.4.2.	Caracterização do Espaço	75
1.4.3.	Horário.....	75
1.4.4.	Rotinas	75
1.4.5.	Relatos Diários	76
1.5.	5.º Momento de Estágio (4.º ano, turma B)	79
1.5.1.	Caracterização da Turma	80
1.5.2.	Caracterização do Espaço	80
1.5.3.	Horário.....	81
1.5.4.	Rotinas.....	82
1.5.5.	Relatos Diários	82
1.6.	6.º Momento de Estágio (2.º ano, turma B)	98
1.6.1.	Caracterização da Turma	98
1.6.2.	Caracterização do Espaço	99
1.6.3.	Horário.....	100
1.6.4.	Rotinas.....	100
1.6.5.	Relatos Diários	101
1.7.	7.º Momento de Estágio (3.º ano, turma B)	122
1.7.1.	Caracterização da Turma	123
1.7.2.	Caracterização do Espaço.....	123
1.7.3.	Horário.....	124
1.7.4.	Rotinas.....	125
1.7.5.	Relatos Diários	125
1.8.	8.º Momento de Estágio (1.º ano, turma B)	145
1.8.1.	Caracterização da Turma	145
1.8.2.	Caracterização do Espaço.....	146
1.8.3.	Horário.....	146
1.8.4.	Rotinas.....	147
1.8.5.	Relatos Diários	148
CAPÍTULO 2 - PLANIFICAÇÕES		167
2.1.	Fundamentação teórica.....	169
2.2.	Planificações.....	172
2.2.1.	Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação	173
2.2.2.	Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação	177

2.2.3.	Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio	182
2.2.4.	Planificação da área curricular de Português.....	186
CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO		191
3.1.	Fundamentação teórica	193
3.2.	Avaliação da atividade na Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)	196
3.2.1.	Contextualização	196
3.2.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	196
3.2.3.	Grelha de avaliação de atividade no Domínio da Matemática	197
3.2.4.	Descrição da grelha	199
3.2.5.	Apresentação dos resultados em gráfico circular	199
3.2.6.	Análise do gráfico.....	200
3.3.	Avaliação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo	200
3.3.1.	Contextualização	200
3.3.2.	Descrição do parâmetro e critérios de avaliação	200
3.3.3.	Grelha de avaliação de atividade na Área do Conhecimento do Mundo	201
3.3.4.	Descrição da grelha	202
3.3.5.	Apresentação dos resultados em gráfico circular	202
3.3.6.	Análise do gráfico.....	203
3.4.	Avaliação da atividade na Área de Português.....	203
3.4.1.	Contextualização	203
3.4.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	203
3.4.3.	Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa	206
3.4.4.	Descrição da grelha	206
3.4.5.	Apresentação dos resultados em gráfico circular	207
3.4.6.	Análise do gráfico.....	208
3.5.	Avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio (História de Portugal) ..	208
3.5.1.	Contextualização	208
3.5.2.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	208
3.5.3.	Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)	209
3.5.4.	Descrição da grelha	211
3.5.5.	Apresentação dos resultados em gráfico circular	211

3.5.6. Análise do gráfico.....	212
REFLEXÃO FINAL	213
1. Considerações finais.....	215
2. Limitações	217
3. Novas pesquisas.....	218
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
ANEXOS	231
ANEXO 1 - Proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática).....	233
ANEXO 2 - Proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo.....	237
ANEXO 3 - Ficha formativa da Área Curricular de Português.....	241
ANEXO 4 - Ficha Formativa da Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)	245

Índice de Quadros

Quadro 1 - Cronogramas	9
Quadro 2 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação.....	173
Quadro 3 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação.....	177
Quadro 4 - Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio.....	182
Quadro 5 - Planificação da Área Curricular de Português	186
Quadro 6 - Escala de Likert.....	196
Quadro 7 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática).....	197
Quadro 8 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática).....	198
Quadro 9 - Escala de avaliação utilizada.....	199
Quadro 10 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Conhecimento do Mundo	200
Quadro 11 - Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo .	201
Quadro 12 - Escala de avaliação utilizada.....	202
Quadro 13 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na.....	205
Quadro 14 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Português	206
Quadro 15 - Escala de avaliação utilizada.....	207
Quadro 16 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)	209
Quadro 17 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio	210
Quadro 18 - Escala de avaliação utilizada.....	211

Índice de Figuras

<i>Figura 1 - Sala do grupo de crianças de 5 anos (Grupo B).....</i>	16
<i>Figura 2 - Horário do grupo de crianças de 5 anos (Grupo B).....</i>	17
<i>Figura 3 - Roda de acolhimento das crianças</i>	18
<i>Figura 4 - Cuisenaire</i>	31
<i>Figura 5 - Sala do grupo de crianças de 3 anos (Grupo B).....</i>	38
<i>Figura 6 - Horário do grupo de crianças de 3 anos (Grupo B).....</i>	39
<i>Figura 7 - 1.º Dom de Froebel</i>	53
<i>Figura 8 - Sala do grupo de crianças de 4 anos (Grupo B).....</i>	55
<i>Figura 9 - Horário do grupo de crianças de 4 anos (Grupo B).....</i>	56
<i>Figura 10 - 4.º Dom de Froebel</i>	62
<i>Figura 11 - Blocos lógicos</i>	64
<i>Figura 12 - Sala de aula do 4.º ano (turma B).....</i>	81
<i>Figura 13 - Horário do 4.º ano (turma B).....</i>	81
<i>Figura 14 - Roda de acolhimento das crianças</i>	82
<i>Figura 15 - Quadro interativo.....</i>	84
<i>Figura 16 - Sala de aula do 2.º ano (turma B).....</i>	99
<i>Figura 17 - Horário do 2.º ano (turma B).....</i>	100
<i>Figura 18 - 5.º Dom de Froebel</i>	107
<i>Figura 19 - Sala de aula do 3.º ano (turma B).....</i>	124
<i>Figura 20 - Horário do 3.º ano (turma B).....</i>	124
<i>Figura 21 - Sala de aula do 1.º ano (turma B).....</i>	146
<i>Figura 22 - Horário do 1.º ano (turma B).....</i>	147
<i>Figura 23 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática).....</i>	199

<i>Figura 24 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo</i>	<i>202</i>
<i>Figura 25 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Português.....</i>	<i>208</i>
<i>Figura 26 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal).....</i>	<i>211</i>

INTRODUÇÃO

1. Identificação do local de Estágio

Este Relatório de Estágio Profissional foi realizado no âmbito das unidades curriculares de Estágio Profissional I, II e III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação João de Deus.

Neste Relatório estarão presentes descrições e observações realizadas ao longo do estágio efetuado na educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo de escolaridade do Ensino Básico. O estágio realizado na educação Pré-Escolar foi efetuado numa escola privada da zona de Sintra. A passagem pelas salas iniciou-se na de crianças de 5 anos, seguidamente, na de 3 anos e na de 4 anos. O estágio realizado 1.º Ciclo do Ensino Básico foi efetuado numa escola privada de Lisboa, respetivamente nos 4.º, 2.º, 3.º e 1.º anos.

A escola onde estagiei no Pré-Escolar situa-se no concelho de Sintra e, por se encontrar geograficamente ao lado da uma grande empresa industrial, acolhe essencialmente crianças filhos/as de funcionários a trabalhar ali. Trata-se de uma zona de expansão comercial e industrial. A freguesia pertence a Sintra, sendo uma das freguesias que mais cresceu nos últimos dez anos. Esta escola tem valências de berçário, creche e Pré-Escolar. Oferece ainda Atividades para Tempos Livres a crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico que frequentam uma escola pública vizinha. O edifício tem recreio, apropriado para as crianças de todas as idades, e, para além das salas respectivas de cada Grupo, um refeitório, um amplo ginásio equipado com diferentes materiais necessários à realização de aulas de ginástica e ainda uma sala destinada a atividades de entretenimento como leitura, jogo e televisão. Todo o corpo docente desta escola parece estar bem organizado e a cooperação entre todos é evidente.

Quanto à escola privada onde estagiei no 1.º Ciclo, ela situa-se no centro de Lisboa numa rua principal e muito movimentada, com acessibilidade de transportes e junto de um jardim público bastante aprazível. Esta escola tem valências de Pré-Escolar, 1.º Ciclo e ainda 5.º ano do Ensino Básico. As instalações contam com dois recreios, sendo que um é constituído por um pequeno campo de futebol e o outro contém baloiços e escorregas para as crianças mais pequenas. Para além das salas de aula, tem ainda um salão, um refeitório, um ginásio, uma biblioteca e uma sala de computadores para serem desfrutadas por todos os alunos da escola.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este Relatório conta com a presente Introdução, a necessária Reflexão Final (bem como as Referências bibliográficas) e três capítulos.

Na Introdução, para além a identificação do local de estágio acima feita e da descrição agora feita, referir-me-ei à importância da elaboração do Relatório, identificarei o grupo de estágio, focarei a metodologia utilizada, falando ainda sobre a pertinência do Estágio Profissional. Por último, darei notícia da distribuição do tempo de estágio.

No primeiro capítulo, estão presentes os relatos das observações realizadas ao longo do estágio, nas diferentes salas de aula dos dois ciclos de ensino. Estes relatos são complementados por inferências e fundamentações das práticas observadas. As aulas ministradas pelas respectivas educadoras e professoras das turmas onde estagiei serão objeto dessa reflexão teórica, bem como algumas aulas programadas ou aulas surpresa dadas pelas minhas colegas de estágio. Se bem que consciente de que, também eu, estou em processo de aprendizagem, comento todas as aulas dadas por mim. A reflexão sobre a forma como me preparei e o que fiz, levar-me-ão a uma autocrítica que me parece indispensável.

Algumas planificações de aulas realizadas surgem no segundo capítulo. No que respeita à educação Pré-Escolar, as planificações apresentadas são referentes à aula lecionada, junto de um grupo de crianças na faixa etária dos 5 anos, na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática, e à aula lecionada, num grupo de crianças na faixa etária dos 4 anos, na mesma Área, mas no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Quanto ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, as planificações apresentadas referem-se a uma aula lecionada, numa turma de 2.º ano de escolaridade, de Estudo do Meio e, por fim, uma aula de Português que lecionei numa turma de 3.º ano.

No terceiro capítulo, apresento os dispositivos de avaliação que realizei ao longo do meu Estágio Profissional. Para o Pré-Escolar, os dispositivos apresentados referem-se a: um dispositivo no Domínio da Matemática, aplicado a crianças com 5 anos de idade; um dispositivo na Área de Conhecimento do Mundo, aplicado também a crianças na faixa etária dos 5 anos. Posteriormente, apresenta-se um dispositivo de avaliação de Português, aplicada a uma turma de 4.º ano de escolaridade e, por último, um

dispositivo de avaliação de Estudo do Meio (especificamente sobre História de Portugal), que também foi aplicado a uma turma de 4.º ano.

Na Reflexão Final, apresento algumas conclusões desta minha experiência de Estágio e da escrita deste Relatório, apontando algumas das limitações surgidas ao longo da elaboração do mesmo.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional é de especial importância, uma vez que é essencial para a reflexão a fazer sobre a prática de estágio; esta reflexão acaba por se tornar fundamental na formação de um docente. A realização do mesmo proporcionou-me momentos de investigação que contribuíram para a estruturação de conhecimentos.

Com a prática proporcionada pelo Estágio Profissional é possível desenvolver a capacidade de estruturar experiências e refletir sobre métodos de trabalho pedagógico. Segundo Loughran (citado em Flores e Simão, 2009, p. 34), «Os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adotar uma perspetiva de investigadores».

A elaboração do presente trabalho obrigou-me à realização diária dos relatos das práticas observadas em sala de aula, bem como à releitura de bibliografia teórica aconselhada ao longo dos três anos de curso de licenciatura em Educação Básica e de ano e meio deste mestrado ou, nos casos em que esta se revelou insuficiente, à pesquisa e leitura de novas fundamentações teóricas, que sustentassem as narrativas diárias.

Concluo, afirmando que a elaboração deste Relatório me proporcionou novos conhecimentos e aprendizagens. Quanto melhor preparada estiver para a prática docente, conseqüentemente, mais significativos e melhores momentos de aprendizagem poderei proporcionar às crianças.

4. Identificação do grupo de estágio

No primeiro semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o meu grupo de estágio era composto por quatro elementos: eu e três colegas (R., I. e C.). No segundo semestre, o meu grupo de estágio era composto apenas por mim e outras duas colegas (R. e S.). Finalmente, no 3.º semestre, o grupo de estágio era constituído por mim e pela colega R.

Realizar o estágio em grupo é uma mais-valia. Como refere Korthagen, (citado por Flores e Simão, 2009, p. 51), a aprendizagem reflexiva deve ser «assistida por pares». Este grupo de estágio funcionou bastante bem, visto ter sido estabelecida uma cumplicidade, um espírito de ajuda e uma relação de amizade e companheirismo. Na verdade, desenvolvemos o trabalho em equipa, o que é fundamental para trocar opiniões críticas sobre o que vemos acontecer nesta profissão.

5. Metodologia utilizada

A elaboração deste Relatório assenta numa investigação qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994):

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. (p. 16)

As informações apresentadas foram recolhidas através da técnica de observação direta e de análise documental.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1988, p. 164), «A observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados (...). Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada». Deshaies (1997, p. 296) também defende que a «observação é direta quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das ações, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação». Depois de realizada uma

observação, é necessário escrever e relatar acontecimentos observados, bem como expor a opinião sobre as realidades observadas. Este trabalho é considerado pelos autores Bogdan e Biklen (1994, p. 150) como «o relato escrito daquilo que o investigador ouve vê, experiencia e pensa no decurso da recolha».

Diariamente, e após as manhãs de estágio, registei aspetos por mim considerados relevantes e, posteriormente, realizei os relatos diários. Com mais cuidado, passado alguns dias, refletia sobre o que tinha escrito e avançava para as respetivas inferências e fundamentações.

Outro instrumento utilizado foi, como referido acima, a análise documental. Miles e Huberman (citados por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 1994, p. 118) definem o tratamento de dados como «a estrutura de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões». No meu caso, procedi à recolha e observação de documentos, como sejam os horários e os Projetos Curriculares de Turma. A análise destes documentos tornou-se imprescindível para a descrição de espaços e de rotinas, bem como para uma melhor caracterização da turma.

O presente Relatório de Estágio Profissional foi escrito de acordo com o novo Acordo Ortográfico. Para aspetos formais, respeitei as normas APA e segui Azevedo (2000).

6. Pertinência do Estágio Profissional

Segundo Calderhead (citado em Pacheco, 1995, p. 38), «aprender a ensinar é um processo articulado entre teoria e prática e depende de um contexto prático». Na verdade, a melhor forma de aprender algo é praticando. A prática pedagógica fornece um conjunto de aprendizagens indispensáveis à boa formação de um professor: aprendemos quais as características e quais os aspetos mais importantes para nos tornarmos um bom docente.

O conhecimento científico tem bastante relevância. No entanto, de igual importância é o conhecimento a nível de prática. É essencial ter um contacto direto com diversas realidades, adquirir a perceção das necessidades de cada criança, bem como apercebermo-nos de quais são os melhores métodos e estratégias a adotar com cada

uma. Como defende Nóvoa (1992, p. 28), a «formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas».

O Estágio Profissional permite também ter a noção de como funciona o “mundo do trabalho”, uma vez que assistimos a situações e práticas que nos levam à reflexão e à construção de conhecimentos. De extrema importância, ainda, é o facto de, na Prática Pedagógica, termos a oportunidade de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos adquiridos anteriormente, com o objetivo de testar estratégias e saber avaliar e criticar as mesmas, pois, como esclarece Schon (citado por Pacheco, 1995, p. 15), «a atividade profissional consiste numa resolução instrumental de problemas pela aplicação de teorias e de técnicas científicas».

O Estágio Profissional abre, assim, horizontes para uma boa formação de educadores e professores. O contacto com a realidade educativa proporciona momentos de aprendizagem, aquisição de novos conhecimentos e a integração na dinâmica escolar.

7. Cronogramas

Na página seguinte apresentam-se três cronogramas (um para cada semestre letivo), nos quais estão presentes a calendarização das aulas que observei – das educadoras e professoras Cooperantes e dos meus colegas de Estágio, das minhas aulas programadas e aulas surpresa, bem como as reuniões tidas com a orientadora de tese e as semanas que dediquei à pesquisa e elaboração do Relatório de Estágio Profissional.

Meses (3.º semestre)	setembro	outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro			
Semanas	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Observação de aulas																					
Aulas programadas																					
Aulas surpresa																					
Pesquisa bibliográfica																					
Elaboração do relatório de estágio																					
Reuniões tidas com a orientadora																					

CAPÍTULO 1

RELATOS DIÁRIOS

Como referido, no presente capítulo estarão descritas as práticas observadas em sala de aula, bem como algumas das aulas que planifiquei e pude concretizar ao longo da minha Prática Pedagógica. Este capítulo está dividido em diferentes secções, sendo que cada uma delas é referente a um momento de estágio (Grupo ou ano de escolaridade).

Em cada secção é possível encontrar a caracterização do Grupo/ Turma e do espaço, a descrição das suas rotinas e o horário semanal. Os relatos diários, na sua maioria, são complementados com inferências e fundamentação científica. Reproduzo fotografias, imagens e esquemas que ajudem a perceber, de forma mais clara, algumas atividades da turma em questão.

1.1. 1.º Momento de Estágio (Grupo de 5 anos)

O meu primeiro momento de estágio decorreu entre 27 de setembro e 7 de novembro de 2011, numa escola privada da zona de Sintra, junto de um grupo de crianças de 5 anos.

1.1.1. Caracterização do Grupo

O grupo junto do qual estagiei (Grupo B) é constituído por vinte e três crianças, sendo onze do género feminino e doze do género masculino. Apenas duas crianças da turma completaram os 5 anos de idade no mês de dezembro de 2011; todas as restantes já tinham completado os 5 anos de idade. Na turma, apenas uma criança entrou para esta escola no presente ano letivo. Duas crianças estão a ter um acompanhamento especial a nível da aprendizagem.

De acordo com a informação oral prestada pela educadora, a turma é bastante interessada pelas atividades propostas, tanto em sala de aula como em espaços exteriores. As crianças colaboram de forma dinâmica nas rotinas e mostram motivação para as ações propostas.

1.1.2. Caracterização do espaço

A sala do Grupo B é bastante luminosa, por conter bastantes janelas para o exterior. Tem uma decoração muito vistosa. Todo o teto e o espaço à volta dos dois quadros (para uso de giz e de caneta) são decorados com estrelas de diversas cores. Esta sala apenas tem uma porta de acesso.

A sala não é muito espaçosa e, lamentavelmente, ao contrário do preconizado para salas de crianças destas idades, não existe uma área que proporcione «movimento e liberdade para fazer coisas, para utilizar, oportunidades de contactos com os outros, etc.» (Zabalza, 1998, p. 125).

Num canto da sala, existe um pequeno espaço de lazer com alguns brinquedos e o “cantinho” da leitura. No outro canto da sala, situa-se a secretária da educadora que tem em cima a *Cartilha Maternal*, de João de Deus.

As mesas das crianças estão organizadas por filas, tendo cada fila, aproximadamente, cinco mesas. As crianças sentam-se a pares por mesa.



Figura 1 - Sala do grupo de crianças de 5 anos (Grupo B)

1.1.3. Horário

O horário deste grupo de crianças, que nos foi cedido pela educadora, é o que se transcreve a seguir.

Segunda		Terça		Quarta		Quinta		Sexta	
9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções	9.00	Rodas e canções
9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita	9.30	Iniciação à matemática	9.30	Iniciação à leitura e escrita
		10.00	Iniciação à escrita matemática			10.00	Iniciação à escrita matemática		
10.30	Atividades de ar livre								
11.00	Educação pelo movimento		Estimulação à leitura e escrita	11.00	Iniciação à matemática		Iniciação à leitura e à escrita	11.00	Iniciação à matemática
11.45	Iniciação à matemática	11.00		11.30	Iniciação à escrita matemática	11.00		11.30	Iniciação à escrita matemática
12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Cantinho da leitura	12.30	Jogos livres e orientados	12.30	Cantinho da leitura	12.00	Informática
13.00	Almoço								
13.30	Atividades de ar livre								
14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Conhecimento do mundo	14.45	Música	14.30	Conhecimento do mundo	14.30	Educar para a cidadania/ experiências/ área projeto*
15.00	Estimulação à leitura e à escrita	15.00	Ditados gráficos/ Desenhos em série *	15.45	Estimulação à leitura e à escrita	15.00	Expressão plástica	15.30	Estimulação à leitura e à escrita
						15.30	Inglês		
15.45	Biblioteca de turma	15.45	Estimulação à leitura e à escrita			16.00	Estimulação à leitura e à escrita	15.45	Conclusão e arrumação de trabalhos
16.20	Lanche								
16.45	Jogos livres e orientados	16.45	Jogos livres e orientados	17:00	Ballet	16.45	Jogos livres e orientados	17.00	Karaté

Figura 2 - Horário do grupo de crianças de 5 anos (Grupo B)

1.1.4. Rotinas

A aquisição de rotinas é de especial importância no desenvolvimento das crianças, visto que, como defende Zabalza (1998),

As rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem as estruturas e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza. (p. 52)

Todas as crianças desta escola, excluindo uma ou outra rotina particular (caso da sesta), possuem um conjunto de rotinas comuns (acolhimento, recreio, higiene e refeições) e o Grupo B não é exceção. Passo a referir essas rotinas:

Todas as manhãs, conforme as crianças vão chegando à escola, dirigem-se para o ginásio, onde a educadora presente os recebe. Este acolhimento é realizado com todas as crianças das diferentes faixas etárias e é feito com a realização de jogos e canções. O acolhimento das crianças é feito habitualmente com canções, talvez por, com elas, os alunos participarem de uma forma mais entusiasta e dinâmica. Segundo Hohmann e Weikart (1997):

As crianças de idade Pré-Escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo, sejam canções de embalar, tradicionais ou populares, ou associadas com festividades e celebrações. A forma como aprendem a cantá-las é por ouvir cantar, juntando-se e cantando vezes sem conta até as canções já serem ‘suas’. (p. 669)

O acolhimento é feito em roda. As crianças de cinco anos, de 4, de 3 (e por vezes as da creche, com 2 anos) encontram-se localizadas na roda de acordo com a figura seguinte.

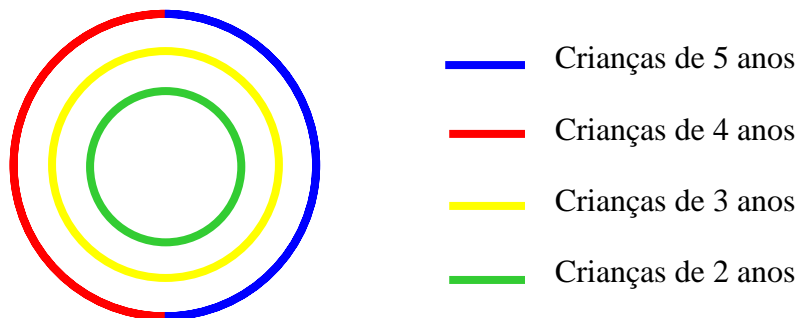


Figura 3 - Roda de acolhimento das crianças

As crianças de 5 anos são as primeiras a abandonar a roda e, às 9h15, dirigem-se para a sala de aula com a respetiva educadora.

O momento de higiene é um ato que está presente várias vezes ao longo da manhã. Antes de entrarem na sala, bem como antes das refeições realizadas, todas as crianças vão à casa de banho. Este momento assume especial importância, uma vez que desenvolve a autonomia das crianças. E esta autonomia proporciona às crianças «o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu corpo» (Cordeiro, 2010, p. 373).

Durante a manhã, existem dois momentos de recreio: o primeiro, a meio da manhã, o segundo, após a refeição. É no recreio que as crianças brincam livremente e

partilham vivências com os seus amigos reforçando assim a amizade. Afinal, como afirmam Hohmann e Weikart (1997), «o tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas» (p. 432). Segundo estes dois autores, o recreio é um espaço sem grandes restrições que contribui para tornar as crianças mais saudáveis: «As crianças respiram ar fresco, absorvem vitaminas do sol, exercitam o coração, pulmões e músculos, e veem horizontes mais abertos. As que são sossegadas e envergonhadas no interior ficam frequentemente mais conversadoras e aventureiras quando no exterior» (p. 433).

Sendo este espaço de recreio, como referido na Introdução, um espaço amplo, com baloiços, estes momentos são muito agradáveis para as crianças.

Quanto às refeições, a meio da manhã e durante o recreio, as crianças fazem um pequeno lanche, de modo a não sentirem fome até à hora do almoço. Este lanche é distribuído pela educadora e consiste, normalmente, em bolachas ou uma fatia de pão. O almoço é servido no refeitório e realizado às 13 horas. Todas as crianças do Grupo B são autónomas e não apresentam grandes problemas na conclusão da refeição.

O momento da refeição representa também um momento de socialização. Como defende Cordeiro (2010, p. 373), «o almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia...».

1.1.5. Relatos Diários

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

No primeiro dia de estágio, todas as estagiárias foram recebidas pela diretora da escola, que se disponibilizou para mostrar as instalações. Após a apresentação da turma, da educadora cooperante e das estagiárias, algumas crianças foram chamadas em pequenos grupos para a lição de *Cartilha Maternal*, enquanto as restantes realizavam trabalhos em atraso no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Depois de brincarem livremente no recreio, a educadora introduziu e apresentou, às crianças, um novo material estruturado: os calculadores multibásicos. Com este

material, trabalhou as posições corretas das peças, contando uma breve história. Explorou a noção de dezena, meia dezena, par e ímpar e equivalências.

Inferências / Fundamentações

Ao assistir a esta primeira aula, apercebi-me que as crianças, apesar de ainda estarmos no início do ano letivo, parecem estar à vontade com a “ida” à *Cartilha*. Chamados em grupos de três crianças, cada grupo aprendia lições diferentes, dado não terem o mesmo ritmo de aprendizagem. Assim, enquanto umas estavam a aprender as vogais, outras já tinham aprendido várias consoantes.

A *Cartilha Maternal* foi escrita por João de Deus e publicada em 1876. João de Deus nasceu em 1830, em São Bartolomeu de Messines, vindo a falecer em 1896, em Lisboa. Ele foi, para além de um reconhecido poeta do século XIX, um indivíduo que se interessou pela alfabetização, pois considerava que «aprender a ler não pode ser um simples acto mecânico, mas um meio de aprender a raciocinar» (Ruivo, 2009, p. 107). A *Cartilha Maternal* é constituída por vinte cinco lições onde existem palavras e um texto de diálogo. Por Método João de Deus entende-se «o conjunto de processos e meios que possam facilitar a aquisição do acto de ler» (Deus, 1997, p. 7).

O método de leitura utilizado na *Cartilha Maternal* é considerado de fácil aprendizagem para o aluno; no entanto, exige um consciente trabalho de compreensão por parte do professor (Deus, 1997, p. 8). Este método de leitura encara a palavra como uma ferramenta linguística que desenvolve o dinamismo verbal. Assim sendo, pode-se admitir que este método constitui um modelo original e funcional de educação Pré-Escolar. Segundo Ruivo (2009, p. 122), «A metodologia de João de Deus recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão inseridas (...), permitindo ensinar o código alfabético num contexto de leitura significativo».

A *Cartilha Maternal* deve ser ensinada a pequenos grupos de crianças, como verifiquei neste dia. Esta aprendizagem respeita o ritmo de trabalho de cada criança e permite a aplicação de estratégias diferentes, de acordo com cada criança. Segundo Viana e Teixeira (2002, p. 119), este método de leitura contempla a «importância da relação afetiva e o respeito pelos ritmos próprios de cada criança». No que diz respeito à iniciação da leitura, o método praticado desenvolve nas crianças inúmeras competências, nomeadamente no âmbito linguístico.

Lembrando que as crianças deste grupo têm 5 anos, note-se que, «em associação com o âmbito linguístico, a iniciação à leitura a partir dos cinco anos e meio, vai constituir uma importante actividade, estimuladora do desenvolvimento cognitivo» (Raposo, 1991, p. 11).

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Após concluído o acolhimento das crianças em roda, as crianças do Grupo B iniciaram o seu dia na Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizando propostas de trabalho e chamadas de alguns grupos de crianças para a lição de *Cartilha Maternal*.

Findo o recreio, a educadora realizou, oralmente, no Domínio da Matemática, algumas situações problemáticas, onde explorou, principalmente, a soma e subtração. A manhã concluiu-se com a elaboração de uma proposta de trabalho de grafismos.

Inferências / Fundamentações

É comum verificar que as crianças realizam com regularidade proposta de trabalho de grafismos. Estas têm como principal objetivo familiarizá-las com a escrita e a caligrafia, proporcionando assim alguns hábitos de escrita. Como afirma Baptista (2005):

[...] na escrita elementar faz-se a aprendizagem dos mecanismos da escrita., ou seja, associam-se os sons da linguagem (fonemas) às letras (grafemas), combinam-se as letras entre si e, por fim, escrevem-se as palavras sem necessidade do recurso à cópia do modelo. (p. 54)

Queiroz (1999, p. 117) reforça ainda que «na infância, ao tentarmos escrever as primeiras letras, temos tendência a imprimir-lhes uma maior dimensão, o que é simplesmente consequência de as não conseguirmos desenhar convenientemente. Este fenómeno vai desaparecendo com a aquisição de algum hábito de escrita». Concluiu assim que, o educador tem o dever de realizar exercícios que proporcionem à criança o estímulo pela escrita e em tudo os grafismos são benéficos uma vez que ajudam a criança no desenhar das letras e no aperfeiçoamento da sua caligrafia.

Notei que algumas crianças realizavam as propostas de grafismos sem qualquer dificuldade, enquanto outras não conseguiam unir bem os pontilhados. Estavam, contudo, empenhadas nesta tarefa.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Este dia iniciou-se com propostas de trabalho e chamadas para lições de *Cartilha Maternal*.

Após o recreio, houve a aula de ginástica. A educadora responsável pelas aulas de ginástica dos alunos de todas as turmas deste estabelecimento de ensino fez com as crianças o “Jogo das estátuas” e um jogo de percurso em torno de obstáculos. As crianças colaboraram ativamente, cumprindo todas as regras anunciadas pela educadora.

Regressadas à sala, as crianças trabalharam alguns conceitos matemáticos. A educadora utilizou a estratégia de distribuir pelas crianças rebuçados e, com os mesmos, realizou, oralmente, situações problemáticas que apelavam ao cálculo mental. De seguida, as crianças realizaram uma proposta de trabalho que consistia na escrita de algarismos e realizaram alguns grafismos.

Inferências / Fundamentações

A prática de exercícios no Domínio da Expressão Motora proporciona inúmeros benefícios às crianças.

Como é hábito, neste dia da semana, as crianças têm aula de ginástica (é esta a designação que vem em horário). Esta aula é realizada no ginásio com equipamento e calçado apropriado e tem especial importância no desenvolvimento das crianças. Os exercícios que fazem são muito abrangentes e possibilitam o movimento e a expressão. Na maior parte das vezes, predominam jogos. Segundo Curtiss (1998):

[...] os jogos são uma maneira importante de desenvolver a autonomia e as habilidades centradas na resolução de problemas, ao mesmo tempo que deixam as crianças menos egocêntricas. Aprendendo novos jogos as crianças também acostumam-se a cooperar com o grupo e os outros. Bons jogos desafiam e prendem o interesse das crianças e também aprendem a julgar as possibilidades físicas e mentais. (p. 48)

Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar para a Educação Pré-Escolar* lê-se que, neste nível de ensino, se «deve proporcionar ocasiões de exercício de motricidade global» (Ministério da Educação, 1997, p. 58) e que «os jogos de movimento com regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem» (p. 59).

De facto, esta é uma aula em que, como pude comprovar, as crianças saltam, brincam e fazem jogos, atividades estas que estimulam o seu crescimento, quer físico, quer psicológico, social e de comunicação, de uma forma bastante lúdica, pois era visível que estavam muito entusiasmadas.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

As crianças de 5 anos, do Grupo B, dirigiram-se à sua sala. A manhã iniciou-se com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para tal, a educadora começou por distribuir por todas as crianças propostas de trabalho de escrita. Enquanto a mesma era realizada, com o auxílio das estagiárias da sala, efetuou chamadas em pequenos grupos para a lição de *Cartilha Maternal*.

De seguida, foram distribuídos por todas as crianças o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com este material estruturado foram realizadas construções como a mobília de sala, a mobília de quarto, o carrossel, pontes, o muro do jardim, entre outras. Ainda no Domínio da Matemática, foi realizada uma proposta de trabalho que consistiu na pintura de figuras geométricas através do código de cores.

Inferências / Fundamentações

Os Dons de Froebel foram criados pelo pedagogo alemão Friedrich Froebel. Por considerar «as crianças como plantinhas de um jardim, cujo jardineiro era o professor» (Caldeira, 2009, p. 240), Froebel defendia que a escola deveria ser um lugar onde as crianças aprendessem coisas importantes da vida. Este pedagogo alemão foi o criador dos jardins-de-infância e, ainda de acordo com Caldeira, defendia que a educação era um «processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana, auto-consciente, com todos os poderes funcionando completa e luminosamente em relação à natureza e à

sociedade» (p. 241). Friedrich Froebel considerava que a utilização de vários tipos de materiais para os seus jogos educativos permitia à criança a passagem do conhecimento concreto para a abstração. Ele chamou aos brinquedos desenhados por ele os “Dons”.

Neste dia, no Domínio da Matemática, a educadora optou por distribuir pelas crianças o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Este material é composto por duas caixas de madeira. A caixa pertencente ao 3.º Dom é constituída por oito cubos, que estão dispostos de forma organizada na caixa. A caixa relativa ao 4.º Dom é constituída por oito paralelepípedos. Com este material é possível fazer diversas construções e com as mesmas podemos colocar questões ou dar instruções para diferentes atividades.

O manuseamento deste material requer regras, orientando assim a postura das crianças. A educadora, conforme observei, seguiu as regras de manuseamento, orientando corretamente as construções propostas e as crianças acompanharam-na facilmente. Durante as construções, a educadora realizou oralmente situações problemáticas que ganham importância no desenvolvimento do raciocínio das crianças. Segundo Caldeira (2009, p. 260), «As situações que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático são exploradas a partir das construções que terão a sequência que quisermos».

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

A manhã iniciou-se com a chamada de alguns grupos de crianças para a aprendizagem de lições da *Cartilha Maternal*, enquanto as restantes efetuavam propostas de trabalho de escrita.

De seguida, as crianças trabalharam no Domínio da Matemática. Aqui foram utilizados alguns materiais não estruturados, como o pau de chuva, dados, maracas e palhinhas. Foram explorados aspetos como contagem, contagem crescente e decrescente, somas e subtrações, noções de par e ímpar, figuras geométricas e, principalmente, cálculo mental. No final, a educadora deixou as crianças brincarem e explorarem um pouco o material utilizado.

No final da manhã, as crianças realizaram uma proposta de atividade de grafismos enquanto metade da turma se encontrava na aula de informática.

Inferências / Fundamentações

A aprendizagem da matemática de uma forma lúdica foi a estratégia utilizada pela educadora, ao recorrer a materiais aliciantes para crianças desta faixa etária. Com esta estratégia proporcionou momentos de entusiasmo, aprendizagem e interesse por parte das crianças. Segundo Caldeira (2009), «O jogo, como proposta educativa, nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia para propiciar a aprendizagem» (p. 46). Ainda de acordo com a mesma autora, «Pesquisadores e educadores (...), reforçam o valor do jogo considerando que ele favorece o processo ensino/aprendizagem em todas as áreas de conhecimento, em especial o da matemática» (p. 49).

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Após uma breve conversa entre a educadora e as crianças, sobre as atividades realizadas durante o fim de semana, estas elaboraram uma proposta de trabalho de escrita e efetuaram chamadas às lições de *Cartilha Maternal*.

A seguir ao recreio e à aula de ginástica, as crianças regressaram à sala e a educadora distribuiu uma revista por cada criança. Propôs uma atividade que consistia no corte e colagem de vogais encontradas ao longo das páginas das várias revistas.

Inferências / Fundamentações

A estratégia utilizada de recorte e colagem de vogais retiradas de revistas muito pode contribuir para o reconhecimento das vogais e assim despertar as capacidades para ler e escrever. A utilização de diferentes estratégias para a aprendizagem da leitura e da escrita pode proporcionar motivação e interesse pelos conteúdos a trabalhar. De acordo com Brickman e Taylor (1996, p. 82), «Proporcionando muitas oportunidades para as crianças praticarem o acto de escrever – em vez de insistirmos sobre a maneira ‘correcta’ –, podemos encorajá-las a utilizar um leque mais variado de formas de escrita.».

Cabe ao educador proporcionar momentos que desenvolvam a capacidade de reconhecimento das letras e conseqüentemente ler e escrever. Segundo os autores já citados acima, «os adultos podem promover o desenvolvimento contínuo da capacidade

para escrever proporcionando muitas oportunidades informais para as crianças observarem, explorarem e experimentarem a escrita.» (Brickman e Taylor, 1996, p. 83). Assim, a nível da Pré-Escolar, esta abordagem de desenvolvimento da escrita centrada em recortes ganha especial importância no desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita. Verifiquei que as crianças têm muita dificuldade em manusear a tesoura, mas, mesmo assim, conseguiram cumprir o pedido pela educadora.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Devido ao atraso da educadora das crianças do Grupo B, estas dirigiram-se para a sala do Grupo A, onde a educadora teve uma conversa com todas as crianças sobre as regras e os cuidados a ter nas aulas de ginástica.

Após realizados alguns jogos, a educadora das crianças do Grupo B chegou e dirigiram-se para a sua sala. Iniciaram a manhã na área do Domínio da Matemática. A educadora distribuiu, por todas as crianças, um material estruturado, as calculadoras papi. Com elas trabalhou a forma correta de colocar o material, lembrou as unidades que representam cada cor e realizou somas oralmente apelando ao cálculo mental das crianças.

A manhã terminou com a chamada de grupos de crianças para a aprendizagem das lições de *Cartilha Maternal* e a realização de uma proposta de trabalho de escrita.

Inferências / Fundamentações

O alerta, feito pela educadora das crianças do Grupo A, para as regras a cumprir nas aulas de ginástica, foi uma iniciativa bastante importante, uma vez que impor regras orienta o comportamento e estipula limites às crianças. Segundo Doyle (citado por Amado, 2001),

[...] os membros de uma organização necessitam de alguns pontos de acordo que orientem em comum as acções de cada um deles – as regras constituem essa espécie de conhecimento, comum e geral, sobre que tipo de comportamento é aceitável e em que contexto. (p. 96)

As regras também têm um papel socializador, pois, ao existirem regras para cumprir, todas as crianças têm de seguir uma determinada norma, permitindo um

relacionamento saudável entre elas. As regras têm de ser interiorizadas, respeitadas e aceites como sendo necessárias para todos. Para Furlong (citado por Amado, 2001),

[...] as regras fazem parte de um conhecimento comum acerca da sala de aula desenvolvido por professores e alunos e é este conhecimento que lhes permite entender as imputações de desvio mesmo quando não se fazem referências às regras em jogo. (p. 97)

Durante este período de apresentação das regras, as crianças conversaram com a educadora, aceitando que tinham tido comportamentos menos próprios nas últimas aulas de ginástica e justificando os motivos (por exemplo, receio de fazer alguns exercícios ou maior vontade de brincar com os colegas). A educadora escutou-os e combinou com eles uma nova estratégia de comportamento.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Neste dia, todas as crianças dos 5 anos se juntaram na sala do Grupo A, onde a educadora, após uma breve conversa com as mesmas, lhes propôs a realização de alguns jogos. Com a chegada da educadora do Grupo B, as crianças dirigiram-se para a sua sala. A educadora iniciou o dia distribuindo pelas crianças uma proposta de trabalho que consistia na escrita de algarismos. Esta tarefa tinha como finalidade a consolidação da grafia dos algarismos.

Após o recreio, enquanto algumas crianças se encontrava na aula de informática, as restantes concluíram a proposta de grafismo de algarismos entregue anteriormente. Concluída esta proposta, as crianças realizaram a construção de vogais e consoantes com plasticina.

Inferências / Fundamentações

A proposta de grafismos tinha como finalidade reconhecer a grafia dos algarismos. Segundo Spodek e Saracho (1998, p. 304), as crianças, quando «alcançam a idade de jardim-de-infância, já possuem um considerável conhecimento sobre os conceitos e procedimentos matemáticos». Para estes autores, «os professores de crianças muito pequenas devem focalizar a contagem, familiarizando as crianças com os numerais para que elas possam lidar melhor com os processos de ordem superior» (p.

304). Cabe ao educador proporcionar às crianças propostas de trabalho como estas a que hoje assisti, pois que ajudam a estimular e a desenvolver conhecimentos matemáticos.

Fiquei admirada com a reação das crianças, que realizaram de um modo extraordinário, sem qualquer dificuldade e na perfeição, os grafismos pedidos, mostrando, assim, um enorme à vontade neste domínio.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

Após uma breve conversa com as crianças sobre as atividades realizadas durante o fim de semana, iniciou-se a manhã na área Expressão e Comunicação, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A educadora começou por distribuir pelas crianças uma proposta de trabalho de escrita e, de seguida, chamou alguns grupos para aprenderem a lição de *Cartilha Maternal*.

Na mesma Área, mas no Domínio da Matemática, as crianças trabalharam com o material estruturado *Cuisenaire*. Com o mesmo, a educadora relembrou algumas regras e o valor de cada peça. Realizou depois uma proposta de trabalho, que consistia em ditar uma história e, conforme o itinerário percorrido pela personagem da história, a criança ia buscar a peça com a cor do número de passos dados e colocava a dita peça em cima de uma folha quadriculada, com o objetivo de construir o percurso. Terminado o percurso, retiraram as peças do *Cuisenaire* colocadas sobre a folha quadriculada e pintaram-na, de acordo com a cor das peças colocadas anteriormente.

Inferências / Fundamentações

A conversa com as crianças sobre as atividades realizadas durante o fim de semana é efetuada normalmente todas as segundas-feiras. Esta conversa desenvolve nas crianças a linguagem e o uso correto do vocabulário. Além disso, segundo Lopes (2006, p. 11), «promover o desenvolvimento cognitivo, afectivo, as relações humanas e o bem-estar físico e mental» é uma das funções primordiais do educador. Também segundo Hohmann e Weikart (1997, p. 529), «falar com os outros acerca de experiências com significado pessoal proporciona às crianças uma base sólida para a aprendizagem da linguagem e da literacia. Como qualquer outra pessoa, as crianças conversam porque têm alguma coisa importante a dizer».

Nestas conversas, por norma e como voltei a observar hoje, as crianças reagem de uma forma colaborativa. Querem contar tudo o que fizeram, com pormenores, e ficam muito atentas aos relatos dos colegas.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

A manhã iniciou-se com uma conversa com as crianças sobre a visita de estudo realizada no dia anterior.

De seguida, a minha colega I. “deu” uma aula. Realizou a leitura de uma história intitulada *A Menina Verde*, de Luísa Ducla Soares, e efetuou a chamada à *Cartilha Maternal* de um grupo de crianças, explorando a 10.^a lição, enquanto as restantes crianças realizavam uma proposta de trabalho de escrita. Após o recreio, a I. prosseguiu a sua aula na Área de Conhecimento do Mundo. Através de uma imagem em tamanho grande, explorou o corpo humano e as diferentes partes que o constituem. Para finalizar, a colega trabalhou com as crianças também no Domínio da Matemática. Distribuiu imagens móveis e realizou perguntas de soma e subtração, apelando ao raciocínio e cálculo mental das crianças.

Inferências / Fundamentações

As crianças dos 5 anos falaram da visita de estudo que haviam feito – a ida a uma peça de teatro (à qual nós, estagiárias, não assistimos).

Tais visitas são iniciativas que, segundo Almeida (1998, p. 60), promovem «uma aprendizagem essencialmente afectiva e tem influência no ponto de vista cognitivo». Isto porque a deslocação a espaços fora do ambiente escolar proporciona às crianças um maior interesse pelos conteúdos trabalhados em sala de aula. Podemos ler nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* que «o espaço exterior (...) é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior» (Ministério da Educação, 1997, pp. 38-39).

Durante a conversa, a educadora fez referência ao facto de eles se terem comportado bem e terem estado atentos à peça e as crianças verbalizaram o quanto

tinham gostado desta saída e como estavam contentes com a visita, chegando a dizer que se sentiam “crescidos” por poderem sair.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Este dia de estágio iniciou-se com uma conversa com as crianças sobre o racismo, devido a uma situação que ocorreu durante o acolhimento das crianças.

Nesta manhã, a minha colega C. fez a sua aula programada. Iniciou-a com a leitura de uma história, *A rapariga limpa e o rapaz sujo*, de Luísa Ducla Soares. Após uma breve conversa com as crianças sobre a história lida, distribuiu propostas de trabalho e chamou um pequeno grupo de crianças para a 10.^a lição da *Cartilha Maternal*. Depois do recreio, prosseguiu no Domínio da Matemática, realizando o “Jogo do Bingo”, a partir de perguntas e imagens sobre a higiene. No âmbito da Área de Conhecimento do Mundo, relacionou as imagens apresentadas no jogo anterior e falou sobre a higiene do corpo humano.

Inferências / Fundamentações

Como referido, pela manhã, a educadora teve uma conversa com as crianças sobre o racismo, devido a uma situação de discriminação que decorreu durante o momento de acolhimento. Alertar as crianças para valores morais e éticos faz parte da educação a transmitir. Como defende Changeux (1997), é de especial importância dar a perceber que devemos viver num meio no qual «deverá reinar a confiança e, logo, a tolerância em relação ao Outro que dela faz parte» (p. 118). Segundo este autor, as crianças têm de perceber que existe igualdade entre todos e que o Outro apenas é diferente na sua cultura (p. 119). Sensibilizar as crianças para valores como o combate ao racismo, em prol do respeito pelo que é diferente, é prepararmo-las para serem cidadãos exemplares, enriquecendo a sociedade futura. Assim, ainda de acordo com este autor, é necessário que «haja uma tomada de consciência individual e colectiva, uma vontade política internacional e o aperfeiçoamento de sistemas educativos que ensinem a não odiar, fundando-se, em particular, na consciência ‘espontânea’ do justo e do injusto na criança» (p. 119).

Durante a conversa, a menina que foi discriminada estava a chorar e os dois meninos que estavam a ser repreendidos estavam muito envergonhados; pediram desculpa à menina, por imposição da educadora.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Neste dia, a minha colega I. apresentou uma aula. Iniciou-a no Domínio da Matemática e utilizou o material estruturado *Cuisenaire*. Com este material trabalhou conteúdos como noção de maior, menor e igual.

A propósito do Conhecimento do Mundo, através de imagens, pediu a participação das crianças para construírem uma história que tinha como título *A viagem da gotinha de água*.

Inferências / Fundamentações

No Domínio da Matemática, minha colega optou por trabalhar com o material estruturado, *o Cuisenaire*.



Figura 4 - Cuisenaire

Com o mesmo explorou conteúdos como a noção de maior, menor e igual. A meu ver, a utilização deste material é em tudo benéfico para as crianças, não só para auxiliar na construção de pensamentos matemáticos mas também por possui um papel importante na educação sensorial. O manuseamento deste material tem como principal objetivo incentivar a criança ao cálculo mental e assim facilitar a prática de operações. De acordo com Alsina, citada por Caldeira (2009),

[...] as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tao necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas. (p. 34)

Realço ainda a importância de conhecermos as potencialidades e os benefícios na utilização de materiais manipulativos, uma vez que as suas práticas permitem um papel ativo, adequado e reflexivo na construção do saber.

Na aula da minha colega, pude observar que as crianças fizeram confusão entre o sinal de maior e menor. Contudo, a I. mostrou ter bastante calma e à vontade com as dúvidas das crianças e esclareceu, de forma clara e sucinta, todas as questões realizadas. A meu ver, esta foi uma aula bem sucedida.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Neste dia de estágio, fiz a minha aula programada. Iniciei-a no Domínio da Matemática. Confecionei, com as crianças, um bolo; ao referir a quantidade específica dos ingredientes a usar, apelei a conteúdos matemáticos. Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuí uma proposta de trabalho com código de cores, que parte das crianças elaborou, enquanto realizei a chamada à *Cartilha Maternal* da 11.^a lição, a outro grupo de crianças.

No Área de Conhecimento do Mundo, comecei por explorar os cinco sentidos, através de um jogo. Vendi-lhes os olhos e, através dos sentidos (audição, olfato, tato e paladar), as crianças tinham de reconhecer os sons (de instrumentos musicais que levei), o cheiro (de um perfume e de um sabonete), o tato (deixei que tocassem canetas, uma flauta, um livro) e o paladar (dei-lhes a provar açúcar, sal, limão e chocolate). No final, fiz um jogo para consolidação dos conteúdos transmitidos anteriormente.

Inferências / Fundamentações¹

Na Área de Conhecimento do Mundo, realizei um jogo, com o qual pretendi explorar os sentidos das crianças. Considerei importante esta iniciativa, pois, segundo Catita (2007a, p. 7), é fundamental proporcionar às crianças «um conjunto de

¹ O trabalho desenvolvido no Domínio da Matemática será comentado por mim no capítulo 2, Planificações.

experiências orientadas de uma forma metodológica, para que ela as desenvolva, utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtivista».

De uma forma lúdica e dinâmica, consegui que as crianças construíssem o seu conhecimento, envolvendo-as no tema da aula. Com a elaboração do jogo, conseguiram distinguir facilmente os sentidos trabalhados, bem como os órgãos sensoriais que os constituem. De acordo com o autor já acima citado é relevante «fazer com que a criança identifique e distinga claramente cada um dos cinco sentidos, associando-os aos diferentes órgãos sensoriais do corpo humano» (p. 226). As crianças aderiram muito bem ao jogo que foi proposto e foi notório o interesse e a motivação por este tema.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

A minha colega de estágio R. “deu” aula neste dia. Iniciou-a no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, começando por realizar a leitura de uma história intitulada *Dentinho, dentola, dentão*, de José Fanha. Distribuiu uma proposta de trabalho de corte e colagem que consistia em fazer uma sequência correta da história lida anteriormente, colando imagens recortadas.

Após o recreio, a colega trabalhou na Área de Conhecimento do Mundo: explorou as principais diferenças entre a dentição de leite e a dentição definitiva. No âmbito do Domínio da Matemática, a R. realizou um jogo, fazendo perguntas que apelavam ao cálculo mental e ao raciocínio de cada criança.

Inferências / Fundamentações

Na Área de Conhecimento do Mundo, a minha colega de estágio começou por explicar as principais diferenças entre a dentição de leite e a dentição definitiva. Considerei importante esta prática, uma vez que nestas idades é conveniente transmitir este tipo de conhecimentos, pois as crianças já têm e a capacidade de entender e estruturar temas relacionadas com as partes do corpo com as suas funções (Catita, 2007b, p. 210), visto que elas próprias vão descobrindo e conhecendo o seu corpo. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* indicam expressamente que a «Área de Conhecimento do Mundo não visa promover um saber enciclopédico, mas proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças» (Ministério

da Educação, 1997, p. 85). O que parece essencial definir é que quaisquer que sejam os assuntos abordados e o seu desenvolvimento são aspetos que se relacionam com os processos de aprender

Nesta aula, não só a colega esteve muito à vontade e segura nos conteúdos que transmitia, como as crianças mostraram interesse pelo tema que estava a ser tratado e foram muito participativas.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Neste dia aconteceu a aula programada da C. A minha colega começou pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo uma história que tinha como título *Todos no sofá*, de Luísa Ducla Soares. A colega “construiu” um sofá, levou máscaras dos animais que entravam na história, e, após a leitura, entregou uma máscara a cada criança e dramatizou a história com a participação delas.

No Domínio da Matemática, a C. distribuiu imagens das personagens da história lida e, com as mesmas, fez perguntas dirigidas, explorando, assim e entre outros, conteúdos como a lateralidade, a contagem. Após o recreio, as minhas colegas de estágio e eu demos aula surpresa de *Cartilha Maternal*, a pedido da educadora da sala.

Inferências / Fundamentações

Luísa Ducla Soares é uma das escritoras canónicas da literatura portuguesa para crianças (Magalhães, 2008, p. 71). Esta autora já publicou mais de cem volumes de literatura infanto-juvenil. A obra de Luísa Ducla Soares é multifacetada e inclui poesias e narrativas. Nas suas obras, mostra com clareza o mundo que nos rodeia focando situações de exclusão. No caso, por exemplo, do texto *A Menina Verde* (livro já anteriormente usado junto deste grupo de crianças), a autora elogia a diferença e aceita o que é diferente (Florêncio, 2001, p. 8). Para além de textos literários, Luísa Ducla Soares tem também textos para crianças que são recreativos ou de divulgação, como é o caso de *Todos no sofá*. Trata-se de um pequeno texto que funciona como uma lengalenga e trabalha a contagem de números. Como podemos observar nas *Orientações Curriculares para a Pré-Escolar*, as lengalengas são um dos «aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação Pré-Escolar» (Ministério da

Educação, 1997, p. 67). Estas formas de expressão permitem trabalhar e explorar ritmos e facilita a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística. No caso concreto deste livro, acresce o facto de treinar a contagem regressiva dos números (de 10 a 0).

A leitura feita pela colega foi muito expressiva. Depois, a proposta de dramatização que apresentou foi muito bem aceite pelas crianças, que colaboraram em tudo o que lhes era solicitado.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

As Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, neste dia, dirigiram-se à escola e solicitaram aulas surpresa às minhas colegas I. e C.

A aula surpresa da I. foi no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A colega começou por fazer a leitura de uma história intitulada *Que barulheira*, explorando-a. De seguida, fez a chamada de um pequeno grupo de crianças para uma lição de *Cartilha Maternal*. Após a conclusão da aula da I., a C. “deu” aula surpresa no Domínio da Matemática. Utilizou como material palhinhas e, com as mesmas, explorou conteúdos matemáticos, principalmente a contagem.

Ambas as aulas foram assistidas pela mesma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. O dia de estágio concluiu-se com a reunião de Prática Pedagógica, onde foram abordados os aspetos positivos e os aspetos a melhorar das aulas dadas.

Inferências / Fundamentações

Ao longo da realização da Prática Pedagógica, estamos em contacto permanente com professores que nos transmitem os seus saberes e conhecimentos, daí a importância da supervisão pedagógica. Zeichner (1993) defende que:

[...] estes professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (p. 17)

Ter a oportunidade de “dar” aulas, é uma mais valia, uma vez que, não só temos a possibilidade de colocar em prática estratégias variadas para apresentar determinados conteúdos, como podemos aperceber-nos das falhas existentes.

Após as aulas supervisionadas pelas Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, segue-se sempre uma reunião, onde são tratados inúmeros aspetos das aulas dadas. Segundo Zeichner (1993, pp. 21-22), «Discutindo publicamente no seio de grupos de professores, estes têm mais hipóteses de aprender uns com os outros e de terem mais uma palavra a dizer sobre o desenvolvimento da sua profissão».

Neste caso concreto, a Professora Orientadora de Prática Pedagógica observou que a aula da I. não tinha corrido bem, já que a colega não utilizou a estratégia mais adequada para explorar a história. Quanto à da colega C., a Professora considerou que a colega tinha explorado de forma correta os conteúdos matemáticos trabalhados.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

No último dia de estágio neste grupo, a minha colega de estágio R. apresentou uma aula programada. Iniciou-a na Área de Conhecimento do Mundo. Abordou os estados da água. Realizou uma breve conversa com as crianças acerca do tema e realizou algumas experiências. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuiu uma proposta de trabalho para ser realizada, enquanto deu a 15.^a lição de *Cartilha Maternal* a um grupo de crianças.

Na minha aula programada, comecei por explicar a importância de poupar água e as atitudes corretas e menos corretas na sua utilização. Fiz um jogo, para o qual pedi a participação das crianças. Previamente, tinha escondido algumas imagens (com atitudes/gestos corretos e incorretos em relação à poupança de água). O jogo consistiu em as crianças descobrirem as várias imagens escondidas pela sala e analisá-las e colocá-las num placar, dividido ao meio, separando as atitudes corretas e menos corretas. No final, apresentei-lhes uma proposta de trabalho que as crianças preencheram.

Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, distribuí uma proposta de trabalho que, a fim de consolidar os conteúdos transmitidos anteriormente, abordava, precisamente, o tema da poupança de água. Entretanto, realizei a chamada de dois grupos de crianças para aprenderem uma lição de *Cartilha Maternal*.

Inferências/ Fundamentações

Na minha opinião, a minha aula correu bastante bem. Acho que fui clara nas explicações que fiz e que tentei pedir a participação das crianças apelando às suas vivências. Incuti respeito quando necessário, e estabeleci uma boa relação com os alunos. As crianças tiveram um comportamento exemplar, participando ordenadamente e mostrando interesse pelos conteúdos que estavam a ser transmitidos.

Acredito que «através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significados através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo» (Hohmann e Weikart, 1997, p. 5). Assim, ao realizar um jogo no âmbito da Área de Conhecimento do Mundo, fi-lo com a intenção de que as crianças fizessem a distinção entre as atitudes corretas e menos corretas e que estas fossem bem apreendidas pelas crianças. Utilizei esta estratégia por achar que o jogo cativa as crianças. O facto de terem de procurar pela sala as imagens, manteve-as atentas e motivadas.

1.2 2.º Momento de Estágio (Grupo de 3 anos)

O segundo momento de Estágio decorreu entre 8 de novembro e 16 de dezembro de 2011, e foi realizado na sala de crianças com os 3 anos de idade (Grupo B) com a respetiva educadora.

1.2.1. Caracterização do Grupo

Este grupo de crianças é constituído por vinte sete crianças, sendo catorze do género masculino e treze do género feminino. O grupo é homogéneo em termos de idade, uma vez que todas nasceram entre janeiro e dezembro de 2008.

Segundo informações cedidas pela educadora, existem algumas crianças que, quanto à aprendizagem, revelam maior dificuldade que outras, não mostrando interesse pelos temas abordados nem pelos trabalhos propostos. Três crianças têm dificuldades de dicção, no entanto, o grupo, no seu geral, apresenta capacidade criativa e imaginativa. A nível afetivo, as crianças são todas bastante unidas, mostrando o seu gosto em partilhar os seus pertences e em brincar harmoniosamente em grupo. O relacionamento com a educadora é feito de forma muito positiva, demonstrando as crianças, diariamente, o seu

afeto para com a mesma. Os elementos deste grupo, em geral, são crianças extrovertidas, bem-dispostas e comunicativas.

1.2.2. Caracterização do Espaço

A sala das crianças de 3 anos é bastante ampla e luminosa. Esta é partilhada com o Grupo A (crianças da mesma idade). Para a separação dos dois espaços existem armários que se destinam à arrumação de materiais como copos de lápis, folhas, tesouras, colas, livros, jogos, entre outros. A parte da sala destinada ao Grupo B localiza-se perto das portas de vidro que têm acesso ao espaço exterior destinado ao recreio. Saliente-se o papel do recreio, que, para Spodek e Saracho (1998, p. 126), é fundamental, uma vez que «as atividades podem passar naturalmente de dentro para fora e vice-versa.».

Na área correspondente ao Grupo B, de um lado da sala existem quatro mesas redondas com cadeiras de diversas cores e, do outro lado, um tapete onde as crianças se sentam, ouvem histórias e partilham vivências. Existe também um pequeno espaço que se destina à brincadeira, onde se encontra uma cozinha de brincar. Numa das paredes da sala encontra-se um placar, onde estão expostas as datas dos aniversários das crianças, e um segundo placar onde são expostos alguns trabalhos realizados pelas mesmas. Na parede paralela, existem outros dois placares: um onde se regista o comportamento das crianças; outro onde são expostos outros trabalhos realizados por elas.



Figura 5 - Sala do grupo de crianças de 3 anos (Grupo B)

1.2.3. Horário

O horário deste grupo de crianças, que nos foi cedido pela educadora, é o que se transcreve a seguir.

HORAS	SEGUNDA – FEIRA	TERÇA – FEIRA	QUARTA – FEIRA	QUINTA - FEIRA	SEXTA – FEIRA
09:00	Acolhimento – Canções de roda, Jogos e Higiene.				
09:30	Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Iniciação à Matemática – Material Alternativo	Iniciação à Matemática – Material Estruturado
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática – Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Educação pelo movimento	Conhecimento do Mundo
12:00	Almoço / Sesta				
15:00	Expressão Plástica	Música	Estimulação à Leitura	Conhecimento do Mundo	Enfiamentos
15:45	Lanche				
16:15	Jogos de roda	Plasticina/ cantinhos	Jogos de tampo de mesa	Lenga-lengas/ destrava línguas/ poesias	Conversas sobre rotinas
17:00	Saída				

Figura 6 - Horário do grupo de crianças de 3 anos (Grupo B)

1.2.4. Rotinas

O acolhimento de todas as crianças é feito no ginásio. Este é feito em roda, onde são cantadas algumas canções e jogados alguns jogos. As crianças de 3 anos encontram-se no centro da roda, rodeadas pelas crianças dos 5 anos e dos 4 anos. As crianças de 3 anos são as últimas a abandonar a roda no ginásio. Quando estão as crianças de 2 anos, são estas que ficam no centro da roda e que são as últimas a sair (passando, portanto, os Grupos A e B dos 3 anos a serem os penúltimos a sair).

Os momentos de higiene estão presentes várias vezes durante a manhã. As crianças vão à casa de banho após o acolhimento, depois do recreio, antes do almoço (com a finalidade específica de lavarem as mãos) e antes de realizarem a sesta, para além das vezes que vão por necessidade própria.

Este grupo de crianças realiza um recreio a meio da manhã. Por vezes, quando as condições climatéricas não são favoráveis, o recreio é realizado dentro da sala, mas, quando tal situação não se verifica, o recreio é realizado no espaço exterior. Aqui as crianças brincam livremente e convivem com as crianças dos restantes grupos.

Quanto às refeições, a meio da manhã e durante o recreio, as crianças fazem um pequeno lanche que consiste em algumas bolachas fornecidas pela educadora. O almoço é servido no refeitório aproximadamente pelo meio-dia.

Neste Grupo há uma rotina diferente das dos demais Grupos: a sesta. Após o almoço, às 12 horas e trinta minutos, estas crianças, por terem apenas 3 anos, realizam a sesta. Assim, todos os dias após a refeição, as crianças dirigem-se para a sua sala, onde já se encontram as camas preparadas. A sesta deve ser realizada num ambiente calmo e, antes e após, deve apelar-se à autonomia da criança, estimulando-a para tirar os próprios sapatos, deitar-se e tapar-se sozinha e, depois, levantar-se e calçar-se. Essencialmente, deve respeitar o ritmo de cada criança (Cordeiro, 2010, p. 373).

1.2.5. Relatos Diários

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

O primeiro dia de estágio iniciou-se com a apresentação da educadora da sala, dos meninos e das estagiárias.

De seguida, a educadora teve uma conversa com as crianças sobre os frutos do outono e deu a provar um dióspiro. Explorou depois, com as crianças, o 1.º Dom de Froebel, associando e fazendo a correspondência entre as cores das bolas do material aos arcos expostos no chão.

Inferências / Fundamentações

Quando a educadora explorou os frutos do outono, deu a provar a todas as crianças um dióspiro. A aplicação do ensino através das ciências práticas é um método bastante utilizado para a consolidação de conteúdos. Com a experimentação, é possível adquirir um conhecimento mais concreto acerca do tema abordado. Segundo Astolfi, Darot, Vogel e Toussaint (1997, p. 345), «a iniciação experimental dedica-se a descobrir relações entre os factos, fenómenos, as propriedades».

As características específicas dos alimentos são melhor compreendidas pelas crianças através do contacto direto do que se fossem explicadas apenas no abstrato. Segundo os autores acima referidos, «a ‘descolagem’ característica do pensamento científico será favorecida por situações que ajudem o aluno a libertar-se dos suportes concretos para formular relações cada vez mais genérica» (Astolfi *et al.*, 1997, p. 345).

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Neste dia de São Martinho, a educadora iniciou a manhã com uma breve conversa com as crianças sobre a época festiva que se fazia sentir, falando também no magusto.

A meio da manhã, as crianças realizaram uma proposta de trabalho de expressão plástica, que consistia na elaboração de uma “lagarta” ou de uma “flor” com castanhas. De seguida, as crianças decoraram os trabalhos realizados com alguns acessórios e pintaram-nos com tintas.

Inferências / Fundamentações

A noção que as crianças fazem do tempo não é em nada semelhante à de um adulto: «as crianças Pré-Escolares formam as suas próprias ideias sobre o tamanho do

tempo» (Hohman e Weikart, 1997, p. 768). A sua consciência de tempo resume-se em tempos “grandes” e tempos mais curtos, mas é em idade Pré-Escolar que a criança começa a estruturar de forma mais correta esta noção.

Neste dia, a educadora realizou uma conversa com as crianças e efetuou uma proposta de trabalho que tinha como tema o São Martinho. Com esta conversa, proporcionou às crianças momentos de reflexão que as ajudou a estruturar a noção de tempo. Segundo Hohman e Weikart (1997):

[...] as crianças Pré-Escolares experimentam e concebem o tempo de formas muito pessoais, em que a medição do tempo tem pouco a ver com as unidades de tempo padrão dos relógios e dos calendários. Em vez disso, elas relacionam os intervalos de tempo e a passagem do tempo a acontecimentos, lugares e sentimentos que lhes são familiares. (p. 769)

Devido ao tempo ser um conceito abstrato, o pensamento das crianças em idades de Pré-Escolar sobre o mesmo apoia-se em experiências ativas e sensoriais (Hohman e Weikart, 1997, p. 767). Por isso, é importante reconhecer que estas iniciativas estimulam e ajudam a estruturar o pensamento da criança em relação à noção de tempo.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

A educadora sentou as crianças no tapete em forma de “U” e leu uma história que tinha como título *Gosto de ti*. Com a exploração da mesma, trabalhou expressões faciais e emoções.

De seguida, trabalhou a teoria de conjuntos no Domínio da Matemática. Aqui introduziu e explicou o conjunto singular com o auxílio do material estruturado Blocos Lógicos.

Enquanto a educadora trabalhava estes conceitos matemáticos, as minhas colegas de estágio e eu realizámos, com algumas crianças, figuras natalícias com plasticina – como bonecos de neve, pais natal e árvores de natal, com o objetivo de serem oferecidos aos encarregados de educação na época festiva que se aproxima.

Inferências / Fundamentações

Quando a educadora realizou a atividade de estimulação à leitura, lendo o volume *Gosto de ti*, foi notória a atenção e o entusiasmo das crianças, uma vez que a

educadora foi bastante expressiva e interagiu com as crianças, envolvendo-as na história. Proporcionar momentos de leitura a crianças nesta faixa etária desperta nelas a motivação para a leitura e, previsivelmente, um melhor desenvolvimento da escrita no futuro. Por isso, como defende Magalhães (2008),

[...] junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos, é determinante uma propedêutica do ato de ler. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao ato de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo domínio espaço – temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória. (p. 61)

Em suma, a leitura de histórias a crianças em fase Pré-Escolar estimula as mesmas para futuros hábitos de leitura, para além de, simultaneamente, desenvolver competências linguísticas e de construção mental sobre a atividade de escrita.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Algumas crianças concluíram a elaboração das figuras natalícias em plasticina. Enquanto isso, a educadora explorou com as demais crianças do grupo o Domínio da Matemática, recorrendo ao material estruturado Blocos Lógicos, para dar a teoria de conjuntos. Fez uma revisão da espessura e cor das peças. Realizou conjuntos, dando especial importância à noção de linha de fronteira, conjunto singular e conjunto vazio.

A meio da manhã, a pedido da educadora, as minhas colegas de estágio e eu dedicámo-nos à decoração de acessórios como ganchos e marcadores de livros, para serem vendidos numa feira solidária que se ia realizar.

No final da manhã, a educadora sentou no tapete as crianças, em forma de “U”, e trabalhou expressões faciais e emoções recorrendo e recordando a história lida no dia anterior.

Inferências / Fundamentações

A plasticina é um material moldável, plástico, que existe em várias cores sendo muito utilizada na educação infantil. Com a modelagem da plasticina, a criança desenvolve destrezas e a sua criatividade. A utilização deste material proporciona nas crianças inúmeras sensações. Esta arte não pode ser associada apenas ao desenvolvimento cognitivo da crianças, uma vez que, segundo Sousa (2003b, p. 63),

«mais importante do que ‘aprender’, ‘conhecer’ e ‘saber’, é o vivenciar, descobrir, criar e sentir».

Foi visível o envolvimento das crianças na feitura das figuras natalícias em plasticina.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

No início do dia, a minha colega R. “deu” aula programada. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, leu *O Livro Negro das Cores*, de Memena Cottin e Rosana Faria. Seguidamente, fez a exploração das imagens do livro bem como as cores. Relativamente ao Conhecimento do Mundo, trabalhou o sentido do tato explorando-o com diferentes materiais e com distintas texturas.

A R. concluiu a sua aula no Domínio da Expressão Plástica. Fez pintura com tinta das mãos direitas das crianças, marcando-as numa folha e, de seguida, dobrando a folha. Com este trabalho a R. trabalhou e explicou a simetria.

Inferências / Fundamentações

O tato é um dos nossos cinco sentidos e é necessário que as crianças tenham esse conhecimento. Segundo Hohmann e Post (2003, p. 27), as «educadoras e auxiliares que baseiam os seus programas nos princípios da aprendizagem activa compreendem e apoiam a abordagem sensorial e corporal que as crianças pequenas têm da aprendizagem».

A minha colega optou por explorar este conteúdo através do jogo, o que agradou imenso as crianças. Este interesse do jogo por parte das mesmas pode contribuir para o processo de aprendizagem. Antunes (2003, p. 36) refere que «o jogo ganha um espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno».

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Neste dia de estágio, “dei” a minha aula programada às crianças do Bibe Amarelo B. Iniciei-a no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para tal,

realizei a leitura da história *O Nabo Gigante*, de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey, dramatizando a mesma com um nabo gigante (feito de pano) e com personagens também construídas por mim (usei cartolina e coloquei as personagens em *k-line*). De seguida, como exploração da história, tive uma breve conversa com as crianças. Falámos sobre o sentido do paladar, a alimentação realizada por cada criança, apelando às suas vivências.

Na Área de Conhecimento do Mundo, explorei o sentido do paladar. Aqui foi realizado também um jogo que tinha como objetivo as crianças provarem um determinado alimento de olhos vendados e tentarem descobrir de qual se tratava através do sentido do paladar.

Para concluir a manhã, as crianças realizaram uma atividade proposta por mim, que consistia em colar “massinhas” na imagem de um nabo e pintá-las de acordo com a história lida ao início da manhã.

Inferências / Fundamentações

Neste dia de estágio “dei” a minha primeira aula neste grupo de crianças e no final da manhã trabalhei com as crianças na Área de Expressão e Comunicação. Propus, como descrito, a colagem de “massinhas” na imagem de um nabo e a respetiva pintura com tintas.

Pelo motivo de as crianças se encontrarem numa fase de experimentação, a pintura desperta nelas a curiosidade. O prazer sensorial da cor manifesta-se espontaneamente nas crianças: inicialmente, de uma forma um pouco confusa e, de seguida, de modo mais organizado. Segundo Rodrigues (2002, p. 40), «com a prática continuada, a criança é capaz de pintar com pincéis grossos em grandes superfícies, movimentando o braço e o antebraço; ao revelar maior cuidado na escolha das cores, que aplica com sensibilidade». A prática de expressões plásticas, como é o exemplo da colagem e da pintura, desenvolve nas crianças inúmeras capacidades e destrezas. Nas *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar* lê-se que «a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão» (Ministério da Educação, 1997, p. 61).

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Este foi o dia da minha colega C. “dar” a sua aula programada. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, começou por ler a história *Uma história de dedos*, de Luísa Ducla Soares, dramatizando-a com dedoches. No Domínio de Conhecimento do Mundo, explorou as partes constituintes do corpo. Como material levou um puzzle, feito por ela, que tinha a figura de uma boneca que se encontrava dividida em cabeça tronco e membros. O objetivo era as crianças montarem o puzzle e perceberem, assim, em quantas partes se divide o nosso corpo. Para consolidação dos conteúdos, cantou com as crianças uma música relacionada com o corpo humano.

No final da manhã, as crianças realizaram uma atividade proposta pela C., que consistia em desenhar os elementos que faltavam na imagem de uma face e, por fim, em colarem o cabelo de lã.

Inferências / Fundamentações

Considerarei a dramatização com dedoches de *Uma história de dedos* uma estratégia muito interessante. De acordo com as *Orientações Curriculares para a Pré-Escolar* a utilização de materiais deste tipo, neste caso, dedoches, facilita «a expressão e a comunicação através de ‘um outro’, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.» (Ministério da Educação, 1997, p. 60).

É de salientar que as crianças mostraram especial interesse nesta dinâmica, envolvendo-se no espírito de magia que a minha colega lhes proporcionou.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

A minha colega I., neste dia, “deu” a sua aula programada. Iniciou-a no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo o livro intitulado *Quando a mãe grita.*, de Jutta Bauer, dramatizando-o com um boneco elaborado por ela própria (o pequeno pinguim, o protagonista da história) e projetando imagens dos cenários numa tela, para que as crianças pudessem explorar. Durante a leitura da história, todas as crianças se encontravam atentas e participativas.

Após a exploração da história, a I. trabalhou na Área de Conhecimento do Mundo, abordando o tema das emoções: apresentou, identificou e explicou as principais

diferenças entre elas. Realizou também um jogo, como consolidação dos conteúdos transmitidos anteriormente, que consistia em chamar uma criança, dizer-lhe, ao ouvido, o nome de uma emoção; a turma teria de adivinhar de que emoção se tratava apenas através da expressão facial da criança.

Concluída a aula da I., e após o recreio, as crianças desenharam na imagem de um boneco de neve o que desejavam receber neste natal. Esses bonecos destinavam-se a decorar posteriormente uma árvore de natal.

Inferências / Fundamentações

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem Escrita, a minha colega optou por ler uma história e dramatizou-a. A história fala de um pinguim que ficava triste quando a mãe gritava com ele e se desfazia, ficando as partes do corpo (cabeça, asas, patas, bico...) separadas e perdidas por diversos locais. A I. ia acompanhando esta intriga com a exemplificação com o peluche feito por ela. Autores como Hohmann e Weikart (2003, p. 548) consideram que «contar histórias em vez de ler um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos». No decorrer da história, a I. mostrou também algumas imagens ilustrativas com o objetivo de situar as crianças quanto ao cenário e aos espaços físicos da história. Spodek e Saracho (1998, p. 335) defendem que as imagens «devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante». Concordando com os autores, e tendo atenção à situação, a minha colega escolheu imagens adequadas à história, espaço e interesse dos alunos.

É de referir que as crianças aderiram muito bem a esta estratégia, mostrando sempre o seu interesse e concentração durante a aula.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Este dia de estágio iniciou-se com os ensaios das crianças, para a festa de natal. Após a conclusão dos mesmos, a minha colega I. propôs uma atividade no domínio da Expressão Plástica. Esta atividade consistia na pintura da imagem que correspondia à emoção que cada criança estava a sentir no momento.

Durante a realização desta atividade, as estagiárias realizavam a decoração de alguns objetos que iriam ser vendidos numa feira de solidariedade, no fim de semana.

Inferências / Fundamentações

No final da manhã, as estagiárias realizaram a decoração de alguns objetos de natal. Durante todo o estágio, as educadoras solicitavam-nos que realizássemos muitas tarefas e atividades em conjunto. Agrada-me bastante estas atividades realizadas em equipa, uma vez que, para a nossa profissão, é muito importante fazê-lo. Perrenoud (2000, p. 80) defende que «trabalhar em conjunto torna-se uma necessidade, ligada mais à evolução do ofício do que a uma escolha pessoal».

O trabalho em equipa traz inúmeras vantagens, não só para os professores mas também para os alunos. Perrenoud (2000, p. 79) defende que a ausência de colaboração entre os professores aumenta a probabilidade de reprovação dos alunos com dificuldades.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

Este dia de estágio foi dedicado maioritariamente aos preparativos para a festa de natal. Após o acolhimento, as crianças permaneceram no ginásio onde ensaiaram a coreografia da música para a festa de natal. Terminado o ensaio, as crianças regressaram à sua sala e uma estagiária do 2.º ano “deu” uma aula sob o tema a higiene oral.

Concluída a aula, as crianças dirigiram-se novamente para o ginásio, onde experimentaram os fatos que irão vestir e ensaiaram novamente para a festa de natal. Enquanto decorriam os ensaios, as minhas colegas de estágio e eu permanecemos na sala, a pedido da educadora, a terminar a decoração de alguns objetos e adereços que iriam ser vendidos na feira solidária.

Inferências / Fundamentações

Como já referido, esta manhã de estágio destinou-se maioritariamente aos preparativos para a festa de natal. Para além dos ensaios das crianças também dedicámos algum do nosso tempo à decoração da sala.

Forneiro (citado por Zabalza, 2001, p. 239) refere que «a sala de aula pode estar decorada de tal modo que eduque a sensibilidade estética infantil (...) a decoração transforma-se assim, em conteúdo de aprendizagem: a harmonia de cores, a apresentação estética dos trabalhos, etc.». A decoração realizada ficou muito engraçada e apelativa aos olhos das crianças, uma vez que estas manifestaram o seu agrado pela mesma. Durante a manhã e durante o recreio, a nova decoração da sala foi motivo de conversas entre muitas crianças.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Neste dia de estágio apenas se encontrava presente a educadora do Grupo A. Após o acolhimento em roda e do momento da higiene, a educadora iniciou a manhã com a leitura de uma história relacionada com o natal. Fez a exploração da mesma, e relembrou e trabalhou também alguns conteúdos matemáticos.

No decorrer destas atividades, nós, estagiárias, ajudámos algumas crianças na decoração de uma imagem de um pai natal, em tamanho grande, com diferentes materiais. Este trabalho, depois de concluído, iria ser exposto no placar da sala como decoração natalícia.

Inferências / Fundamentações

A decoração do espaço ganha importância, uma vez que sensibiliza as crianças para o sentido da cor e para o sentido estético, para além de estimular a sua criatividade. A sala deve ser colorida, pois as cores vivas são atraentes para as crianças e, ao procurar a originalidade nos elementos decorativos, chamará também a atenção das mesmas, sendo, assim, um estímulo para a sua criatividade e imaginação (Zabalza, 1998, p. 58).

Uma decoração vistosa e apelativa contribui para um ambiente harmonioso que, consequentemente, proporciona às crianças bem-estar no seu meio de aprendizagem.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Este grupo de crianças iniciou a manhã com os ensaios para a festa de natal. Concluídos os ensaios, a educadora realizou alguns jogos onde trabalhou a lateralidade.

Seguidamente, as crianças dirigiram-se para a sua sala onde a minha colega R. e eu tivemos uma aula surpresa, solicitada pela Professora Orientadora de Prática Pedagógica.

Eu fui a primeira a “dar” a minha aula de estimulação à leitura que consistia em contar a história dos três porquinhos com fantoches.

De seguida a R. deu início à sua aula. Trabalhou a contagem e o sentido do número com o material não estruturado, palhinhas.

Ao final da manhã, decorreu a reunião com as Professoras Orientadoras de Estágio Profissional e educadoras Cooperantes, onde foram abordados aspetos positivos e aspetos a melhorar das aulas dadas.

Inferências / Fundamentações

Este dia foi dedicado essencialmente às aulas surpresa, assistidas pelas Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica. Na minha aula, foi-me proposto que contasse a história dos *Três Porquinhos*, animando-a com fantoches.

Compreendo que a finalidade destas aulas seja perceber como reagimos perante uma situação inesperada, mas o facto de contar uma história de forma correta, de modo a que a informação chegue à criança sem ser danificada, exigir preparação prévia, para o que se torna imprescindível haver tempo e dedicação, faz-me temer que esta prática, no que diz respeito às histórias, não seja a mais indicada. Segundo Veloso e Riscado (2002):

Ouvir ler e ler requerem tempo, paciência e amor. E, porque só se ama aquilo que se conhece bem, compete-nos a nós conhecer bem a Literatura Infantil para a poder fazer chegar, em todas as suas virtualidades, à criança, sem a instrumentalizarmos e sem a deteriorarmos. (p. 29)

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

As crianças do Grupo B iniciaram o dia com os ensaios para a festa de natal no ginásio da escola. Seguidamente, dirigiram-se para a sala, onde a minha colega C., a pedido da educadora, realizou alguns jogos com as crianças.

A meio da manhã, todas as educadoras se reuniram com a diretora, para tratar de aspetos relacionados com a festa de natal. Enquanto isso, as crianças brincaram livremente no recreio. Eu e a minha colega R. chamámos algumas crianças para terminarem trabalhos de corte e colagem, que estavam em atraso.

Inferências / Fundamentações

Durante o estágio foi pedido por diversas vezes, pelas educadoras Cooperantes, que nós, estagiárias, fizéssemos diversas vezes tarefas a pares. Com o trabalho a pares são sempre partilhadas experiências relevantes. Segundo Flores e Simão (2009, p. 31), «uma experiência partilhada com outra pessoa que se estima proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática». Os mesmos autores referem que «o significado e o estatuto do conhecimento adquirido através da partilha destas experiências públicas conduzem a uma aprendizagem mais significativa».

Neste dia, ao vermos hipótese de colaborar em atividades que não afastassem as crianças do recreio e que pudessem ser significativas, a minha colega R. e eu optámos por solicitar às crianças as atividades de recorte e colagem.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Este dia destinou-se essencialmente aos preparativos para a festa de natal que se iria realizar no próximo domingo. Após o habitual acolhimento das crianças em roda, as crianças de 3 anos permaneceram no ginásio, onde se deu início ao ensaio da coreografia da música de natal. A meio da manhã, as crianças experimentaram os fatos que iriam usar na festa, com o fim de serem acertados os últimos detalhes.

Antes do almoço e da sesta, as crianças brincaram livremente no recreio.

Inferências / Fundamentações

Durante estes dias, as crianças têm dedicado muito do seu tempo aos ensaios para a festa de Natal. Na mesma, irão apresentar uma dança, coreografada pela educadora, com movimentos adequados à faixa etária das crianças, mas bastante

criativos. No decorrer dos ensaios, é interessante observar o modo como as crianças dançam e a criatividade com que se mexem, revelando muito da sua personalidade.

A dança pode desenvolver nas crianças inúmeras potencialidades. Assim, «através da dança criativa, a criança pode vivenciar todas as situações imaginárias que deseja, do passado, do presente do futuro, num faz-de-conta de movimento com características estético-expressivos que só tem como limites a sua criatividade» (Sousa, 2003a, p. 114).

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Após o habitual acolhimento das crianças em roda, as crianças dirigiram-se para a sala. Aqui, as crianças permaneceram apenas comigo e com as minhas colegas de estágio, pois a educadora teve de se ausentar.

A minha colega C. e eu lemos uma história (*Cuquedo*) e realizámos alguns jogos, enquanto a I. e a R. concluíam a decoração de objetos de natal. A manhã terminou com o recreio das crianças.

Inferências / Fundamentações

Devido à ausência da educadora, as crianças tiveram um recreio um pouco maior, razão pela qual estiveram em simultâneo com as restantes crianças da Pré-Escolar. O convívio e a comunicação resultante da brincadeira entre elas, foram bastante produtivos. Como referem os autores Oliveira-Formosinho e Andrade (2011, p. 49), as crianças, ao brincarem, entram num mundo de faz de conta. Os mesmos autores defendem também que «brincar é uma forma de entrar noutros mundos: de objetos, de pessoas, das ações que os objetos e pessoas em interação permitem».

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, o recreio é considerado «um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao ‘ar livre’, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades» (Ministério da Educação, 1997, p. 39).

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Ao início da manhã, a educadora sentou todas as crianças no tapete em forma de “U” e trabalhou o 1.º Dom de Froebel. Com este material explorou conteúdos como as cores, lateralidade, sentido do número, contagens, entre outros. Para finalizar, realizou o jogo Quim Visual.

Após o recreio, as crianças recortaram imagens de prospectos publicitários de prendas que desejavam receber no natal e colaram as imagens numa folha.

No final da manhã, a minha colega R. teve aula surpresa que foi pedida pela educadora Cooperante. Contou e explorou uma história que tinha como título *Para que servem os ouriços?*

Inferências / Fundamentações

O 1.º Dom de Froebel foi o material trabalhado pelas crianças nesta manhã. Este material estruturado é composto por seis pequenas bolas revestidas a lã. As seis bolas têm as seguintes cores: encarnado, laranja, amarelo, verde, azul e violeta. Estas bolas estão armazenadas numa pequena caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.



Figura 7 - 1.º Dom de Froebel

Este material desenvolve nas crianças capacidades e destrezas, sendo algumas delas a aprendizagem das cores, a estruturação espacial, a lateralização, o desenvolvimento verbal, jogos de memória, contagem, entre outras (Caldeira, 2009, p. 243).

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Neste dia de estágio, a educadora do Grupo B não se encontrava presente, pelo que fomos para o espaço do Grupo A.

A educadora do Grupo A realizou a leitura de *O Natal do Rato Renato*. Depois, as crianças realizaram um desenho sobre o natal, com apoio das estagiárias.

Findo o recreio, a minha colega R. e eu sentámos as crianças no tapete e realizámos alguns jogos, enquanto as minhas colegas I. e C. realizavam a decoração de objetos de natal.

Inferências / Fundamentações

Desde sempre que o desenho é encarado como um fenómeno de expressão. Segundo Campos (1998, p. 14), os estudos «do desenho infantil visam objetivos diversos e estudam diversos aspectos, como por exemplo: as fases do desenvolvimento, medida da inteligência, motricidade, traço e uso da mão, noção de espaço». Os desenhos realizados pelas crianças, na opinião de Goodnow (1992, pp. 10-11), «podem-nos dar informação não só sobre as crianças, mas também sobre a natureza do pensamento e na resolução de problemas entre crianças e adultos».

Assim, ganham importância os momentos em que se proporciona às crianças durante os quais estas possam desenhar e expressar-se, uma vez que os desenhos realizados pelas mesmas mostram muito da sua personalidade.

1.3. 3.º Momento de Estágio (Grupo de 4 anos)

Este momento de estágio decorreu entre 2 de janeiro e 10 de fevereiro de 2012. Foi realizado junto de um grupo de crianças com 4 anos de idade (Grupo B) e respetiva educadora.

1.3.1. Caracterização do Grupo

O Grupo B é constituído por vinte sete crianças, sendo catorze do género masculino e treze do género feminino. Deste grupo fazem parte três crianças que entraram para esta escola no presente ano letivo.

De acordo com a educadora do Grupo, na sua maioria, as crianças são bastante motivadas e interessadas nas atividades propostas.

1.3.2. Caracterização do Espaço

Tal como sucedia com os grupos de crianças dos 3 anos, também a sala das crianças de 4 anos é partilhada pelos Grupos A e B.

No espaço destinado ao Grupo B encontram-se quatro mesas redondas com cadeiras, onde as crianças se sentam frequentemente para realizar as mais diversas atividades.



Figura 8 - Sala do grupo de crianças de 4 anos (Grupo B)

Nesta sala, existem dois quadros, um de giz e outro de canetas. Perto das portas de vidro que dão acesso ao recreio, existe um tapete onde as crianças se sentam em forma de “U”, normalmente para ouvirem histórias e conversarem. Ao fundo da sala, e a separar o espaço dos dois grupos, existem armários que se destinam à arrumação de diversos materiais. A sala tem uma porta de acesso ao ginásio, outra de acesso à sala das crianças de 3 anos, uma porta de entrada e algumas portas de vidro com acesso ao recreio, como já foi referido anteriormente. Num canto da sala existe um espaço de lazer com alguns brinquedos e o espaço do “Cantinho da Leitura” com uns pequenos pufs e algumas prateleiras com livros.

Como decoração da sala existem dois placares, onde são expostos alguns trabalhos realizados pelas crianças e um outro onde estão representadas as datas de aniversário de todas as crianças.

1.3.3. Horário

O horário deste grupo de crianças, que nos foi cedido pela educadora, é o que se transcreve a seguir.

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
9:30	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Educação pelo Movimento	Iniciação à Matemática	Educação pelo Movimento
11:30			Revisões	Inglês	Conhecimento do Mundo
12:00			Jogos de roda/ Estimulação à Leitura	Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura	Cantinhos
12:30	Almoço e recreio orientado e livre				
13:00	Expressão Plástica	Expressão Plástica	Expressão Plástica	Experiências	Expressão Plástica
14:45	Música				
15:30	Relembrar o nosso dia				
16:00	Lanche				
16:30					

Figura 9 - Horário do grupo de crianças de 4 anos (Grupo B)

1.3.4. Rotinas

O acolhimento destas crianças é realizado no ginásio, à semelhança do que acontece com as restantes crianças que frequentam a escola. Aqui são recebidas pela educadora presente e participam no acolhimento em roda, ao lado das crianças dos 5 anos de idade. Após as crianças dos 5 anos terem abandonado o ginásio, os dois grupos de crianças de 4 anos permanecem na roda aproximadamente mais cinco minutos e retira-se de seguida.

Os momentos de higiene estão presentes várias vezes ao dia. Após saírem do acolhimento em roda e antes de entrarem na sua sala, as crianças vão à casa de banho. Repetem esta ida, após o recreio e antes da refeição com o objetivo de lavar as mãos.

As crianças realizam um recreio a meio da manhã (durante o qual fazem um pequeno lanche). Terminada a refeição do almoço, as crianças dirigem-se para o recreio onde brincam livremente e aguardam pela hora de regressar à sala.

Como referido, a meio da manhã, durante o recreio, as crianças fazem um pequeno lanche de modo a não sentirem fome até à hora de almoço. Esta refeição consiste em meio pão com manteiga. Pelas 12h45m, as crianças dirigem-se para o refeitório onde é servido o almoço, cuja ementa é diversificada (sopa, carne ou peixe, fruta ou doce).

1.3.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Este era o nosso primeiro dia de estágio na sala das crianças de 4 anos, Grupo B. No entanto, este dia foi um pouco diferente devido ao facto de muitas crianças ainda se encontrarem de férias, pelo que não houve atividades programadas. A manhã iniciou-se com a realização de jogos de diversão por parte de todas as crianças da escola. De seguida, os grupos dos 4 anos dirigiram-se para o recreio, onde brincaram livremente durante toda a manhã.

Após o almoço, todas as crianças de 4 anos se reuniram na sala das crianças de 3 anos e, em conjunto, realizaram alguns jogos de memória com a educadora do Grupo B. Concluídos os jogos dentro da sala, as crianças vestiram novamente os seus casacos e dirigiram-se para o recreio.

Inferências / Fundamentações

Devido ao facto de as crianças se encontrarem ainda de férias, muito do seu tempo, esta manhã, foi dedicado aos jogos.

Os jogos são utilizados diversas vezes pelas educadoras como estratégia de diversão das crianças. No entanto, se forem trabalhados de forma correta, podem desenvolver nas crianças diversas capacidades e aptidões. Autores como Spodek e Saracho (1998, p. 223) defendem que, «durante o maternal e o jardim de infância, os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções». De acordo com DeVries e Kamii (citado por Spodek e Saracho, 1998):

[...] os jogos em grupo podem ajudar as crianças a atingirem as metas da educação para a primeira infância, incluindo tornarem-se mais autónomas, desenvolverem a capacidade de descentrarem-se e coordenarem diferentes pontos de vista, expressarem ideias, problemas e questões interessantes e fazerem relações entre coisas. (p. 223)

Assim, é importante referir que para além de os jogos serem uma atividade lúdica, podem também contribuir para o desenvolvimento de capacidades como por exemplo a autonomia, a responsabilidade e concentração.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

No domínio da Matemática, a educadora pediu aleatoriamente a algumas crianças que comesçassem a contar, pedindo depois a uma criança que continuasse a contagem. De seguida, as crianças trabalharam com o 3.º Dom de Froebel. Com este material estruturado a educadora lembrou regras a ter ao trabalhar com o mesmo e, de seguida, através de uma história, solicitou que realizassem algumas construções como o cadeirão, duas colunas, comboio e cama, pela respetiva ordem.

Após o recreio, as crianças sentaram-se no tapete da sala e a educadora trabalhou conteúdos no Área de Conhecimento do Mundo. Explorou continentes e oceanos com o auxílio de um globo, e fez a distinção entre as estações do ano inverno e verão, dando destaque ao vestuário utilizado das diferentes estações.

Ao findar a manhã realizou a leitura de uma história que tinha como título *Ursinho Polar*.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Neste dia, excepcionalmente, não participámos no acolhimento das crianças, ou seja, na roda. A pedido da educadora, permanecemos na sala a recortar coroas, por nos encontrarmos no dia de reis. Estas coroas destinavam-se a ser decoradas pelas crianças.

Quando as crianças regressaram à sala, a educadora trabalhou no Domínio da Matemática com o material estruturado *Cuisenaire*. Com este material, trabalhou escadas crescente, noção de números pares e ímpares e sinal de maior ($>$). Para finalizar a sua aula, realizou um jogo, que consistia em tapar os olhos a uma criança e

colocar uma peça do *Cuisenaire* na mão da criança; esta, apenas através do sentido do tato, tinha de descobrir que peça se tratava, bem como qual o seu valor.

Após o intervalo, as crianças decoraram com esferas coloridas as coroas recortadas. No final da manhã, devido à ausência da educadora do Grupo A, a educadora das crianças de 2 anos ficou com as crianças até à hora de almoço, lendo-lhes histórias e fazendo alguns jogos.

Inferências / Fundamentações

O material *Cuisenaire* é um material estruturado composto por uma série de barras com a forma de um paralelepípedo, de tamanhos e cores diferentes simbolizando, cada uma, os números naturais de um a dez.

Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p. 65) «o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender.». Para Caldeira (2009, p. 126), este material, para além «do desenvolvimento da lógica matemática, (...) possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação». A última autora citada defende que o interesse pedagógico deste material situa-se, em termos matemáticos, em aspetos de: iniciação à matemática, desenvolvimento da criatividade, compreensão da noção do número, decomposição de números, relações de grandeza, noção de par e ímpar, manipulação das operações numéricas, resolução de situações problemáticas, múltiplos e divisores de um número inteiro, sequências, simetrias, frações e números decimais, perímetros áreas e volumes.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

A educadora iniciou a manhã com o habitual exercício de contagem. De seguida, realizou oralmente algumas situações problemáticas apelando ao cálculo mental das crianças. Após, trabalhou com o 4.º Dom de Froebel. Este material foi apresentado às crianças pela primeira vez. Como tal, a educadora explorou as características da caixa do mesmo, os sólidos que a constituem e referiu as principais diferenças entre o 3.º e 4.º

Dons de Froebel. A educadora contou uma história e, através do conteúdo da mesma, pediu às crianças que realizassem duas construções: a cama e o banco de jardim.

Enquanto decorria o recreio, nós as estagiárias, permanecemos na sala e íamos chamando algumas crianças de cada vez, para que estas realizassem uma pintura com berlindes.

Depois do recreio, as crianças sentaram-se no tapete da sala em forma de “U”. A educadora das crianças de 2 anos substitui a educadora do Grupo, realizando a leitura do livro *A que sabe a lua?* de Michael Grejniec.

Inferências / Fundamentações

Em idade Pré-Escolar, é de salientar a importância de ler histórias para as crianças. Ao promover momentos de leitura para as crianças, estas desenvolvem novos conhecimentos de linguagem que irão ser fundamentais quando estiverem em processo de alfabetização, que despertarão o interesse pelos livros e pela leitura, sendo particularmente importante dar-lhes a conhecer livros de Literatura Infantil.

A literatura é definida por Magalhães (2008, p. 56) como «representação ficcional do mundo». Mais especificamente, a Literatura Infantil «constrói mundos polifacetados, mundos ficcionais suportados pela palavra, mundos a descobrir através de múltiplas leituras, convergentes ou divergentes, superficiais ou profundas, mas sempre resultantes de uma infinidade de vozes» (Velo e Riscado, 2002, p. 28). O contacto com a Literatura Infantil desde o nascimento, em doses progressivas cuidadosamente ministradas, gera, segundo estes últimos autores, «uma saudável dependência que dá à criança e ao adolescente a força e o engenho necessários para realizarem a leitura do mundo» (p. 29).

A Literatura Infantil tem um papel muito importante, pois torna-se, ao mesmo tempo, «o brinquedo que permite múltiplas explorações e infinitas descobertas; o segredo que desencadeia a imaginação e deixa vivenciar *in mentis* e de forma positiva tudo o que, na realidade, não é permitido nem defensável» (Velo e Riscado, 2002, p. 27). Como, nesta idade, as crianças ainda não têm as competências que lhes permitam ler, é importante que o educador efetue uma leitura em voz alta, com uma prévia preparação, sendo que, quando o faz, está a mostrar às crianças «a musicalidade das palavras e a sua riqueza semântica» (Velo, 2001, p. 24). Acrescenta Mata (2006, p.

92) que «a leitura de histórias apoia a construção de sentido por parte das crianças e enriquece a interacção da criança com a literatura».

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

As crianças iniciaram o dia com o exercício de contagem e cálculo mental. De seguida a educadora pediu a uma criança que distribuísse umas cordas e distribui umas borboletas feitas do material Goma Eva. Com este material, trabalhou no Domínio da Matemática explorando a teoria de conjuntos. Com a realização de vários exercícios trabalhou a noção de conjunto, conjunto vazio e conjunto singular, números pares e ímpares, sinais de maior ($>$) e igual ($=$) e o significado do cardinal de um conjunto.

Após o recreio, a educadora sentou as crianças em forma de “U” no tapete da sala e realizou algumas revisões sobre o sistema solar e o planeta Terra. De seguida, fez a leitura da história *Papá, por favor, apanha-me a lua!* de Eric Carle. No final da leitura, falou com as crianças sobre as quatro fases da lua.

Inferências / Fundamentações

A educadora optou por distribuir pelas crianças material alternativo para trabalhar o Domínio da Matemática. Estas iniciativas ganham importância uma vez que, segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010),

Os materiais manipuláveis são suportes de aprendizagem que permitem envolver os alunos numa construção sólida e gradual das bases matemáticas. No contacto directo com o material, as crianças agem e comunicam, adquirindo o vocabulário fundamental, associando uma acção real a uma expressão verbal. (p. 5)

Creio assim poder dizer que, quando bem orientada, a matemática permite desenvolver nas crianças a capacidade de raciocinar logicamente.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

A educadora iniciou a manhã no Área de Conhecimento do Mundo. Neste domínio explorou o mineral sal. Optou por sentar as crianças no tapete em forma de “U”

e deu a provar-lhes sal. Conversou com as crianças sobre a origem do sal e explicou como funcionam as salinas.

Concluídas as explicações, as crianças regressaram aos seus lugares, onde a educadora realizou o habitual exercício de contagem. Quando regressaram do recreio, a educadora trabalhou o 4.º Dom de Froebel. Pediu às crianças que fizessem uma construção à escolha e que, de seguida, contassem uma história acerca da mesma.

A manhã findou com a aula de ginástica. Durante esta aula, nós, estagiárias, arquivávamos alguns trabalhos realizados pelas crianças.

Inferências / Fundamentações

Como referido, quando as crianças trabalharam o 4.º Dom de Froebel, a educadora pediu que realizassem uma construção à escolha e que contassem uma história sobre a construção realizada. Achei esta atividade muito interessante, pois, uma vez que pediu às crianças que realizassem uma construção à escolha, estas puderam entrar num mundo imaginário e do faz de conta. Ao contarem uma história relacionada com a construção, promoveram o desenvolvimento da linguagem oral. Segundo Spodek e Saracho (1998, p. 244) «as crianças devem ser encorajadas a contarem histórias na aula que podem ser criadas por elas mesmas ou histórias que elas ouviram».



Figura 10 - 4.º Dom de Froebel

As restantes crianças, ao ouvirem o relato dos amigos, também estão a desenvolver a sua linguagem oral e escrita. Segundo Nelson (citado por Spodek e Saracho, 1998, p. 245), «ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e motiva-as a experimentarem a sua própria linguagem oral e escrita».

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

No Domínio da Matemática, a educadora começou por realizar o habitual exercício de contagem e, de seguida, trabalhou com o material Blocos Lógicos. Com este material estruturado realizou revisões dos atributos das peças, após o que realizou um jogo (“Jogo dos Piratas”). Este consistia em contar uma história que tinha como objetivo encontrar a chave que abria o baú do tesouro. A educadora tinha levado um baú e dentro dele tinha um lenço de pirata (sendo este o tesouro).

Quando regressaram à sala, após o recreio, a educadora sentou as crianças no tapete em forma de “U” e trabalhou no Domínio de Conhecimento do Mundo. Explorou o mineral carvão. Mencionou e explorou a noção de mineiros, mina, carvão vegetal e mineral. Por fim, referiu as utilidades do carvão e como o utilizamos no nosso quotidiano.

De seguida as crianças retornaram às suas mesas onde concluíram trabalhos sobre diferentes Áreas em atraso. No final da manhã, com o auxílio das estagiárias, as crianças realizaram uma pintura com a técnica do balão.

Inferências / Fundamentações

O material estruturado utilizado neste dia pela educadora foram as Blocos Lógicos. Devido ao seu sucesso na educação, hoje é comercializado quase por todo o mundo e explorado essencialmente no Domínio da Matemática.

Este é um material bastante agradável à visão, uma vez que é bastante colorido e de fácil manuseamento. É constituído por 48 peças diferentes, sendo doze com a forma da face circular, doze com a forma da face quadrangular, doze com a forma da face triangular e outras doze peças com a forma da face retângular. As peças também variam em cor, tamanho e espessura.

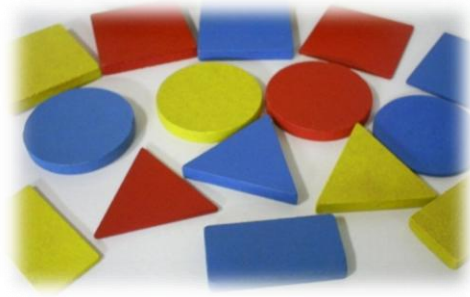


Figura 11 - Blocos lógicos

Segundo Caldeira (2009, p. 366), «as peças podem ser de madeira, plástico, cartolina ou qualquer outro material, desde que não apresente perigo para a criança». Com este material podemos desenvolver inúmeras capacidades e destrezas nomeadamente o raciocínio lógico, contagens, desenvolvimento da criatividade, percepção tátil e visual, cálculo mental, entre muitas outras (Caldeira, 2009, p. 368).

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

A educadora sentou as crianças em forma de “U”, no tapete da sala, e trabalhou na Área de Conhecimento do Mundo. Falou do mineral areia. Para desenvolver este tema, explorou a origem da areia, como se forma, a sua utilidade. Por fim, mostrou dois tipos de areia para que as crianças pudessem observar as diferenças.

Após o recreio, a minha colega de estágio C. teve aula surpresa que foi pedida pela educadora do Grupo B. A aula foi no Domínio da Matemática e a C. explorou a teoria de conjuntos, utilizando como material as linhas de fronteira e algumas flores coloridas. A manhã findou com uma breve conversa entre a educadora e as estagiárias sobre os aspetos positivos e os aspetos a melhorar da aula dada pela C.

Inferências / Fundamentações

O ensino das ciências está presente nesta escola no Ensino Pré-Escolar. Assim que nascem, as crianças examinam e exploram o mundo que as rodeia, à procura de informações, utilizando para isso os sentidos. Nestes primeiros anos, é importante responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando o sentimento de entusiasmo e interesse pela ciência. A construção de uma imagem positiva e refletida

sobre a ciência, assim como a promoção de capacidades de pensamento e a construção de conhecimento científico útil e com significado social são aspetos desenvolvidos através da educação em ciências nas primeiras idades (Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro, 2007, p. 17). Nas *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar* podemos ler: «A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a solução constitui a base do método científico» (Ministério da Educação, 1997, p. 82).

Neste dia, observei que a educadora, no Domínio do Conhecimento do Mundo proporcionou às crianças um contacto direto com diferentes tipos de areia, para que estas observassem, de forma clara, as distintas características, sendo esta uma forma de introdução às ciências e ao meio experimental. Com estas atividades, o educador sensibiliza as crianças para a aprendizagem das ciências.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

O dia iniciou-se com o habitual exercício de contagem por parte das crianças. Quando concluído, a educadora realizou oralmente situações problemáticas apelando ao cálculo mental. De seguida, a educadora pediu a algumas crianças que distribuíssem por cada menino o 4.º Dom de Froebel. Com este material, realizaram duas construções, nomeadamente, a cama e a cadeira, e a mesa. Durante as construções, a educadora solicitou a participação das crianças para que estas respondessem às questões propostas oralmente no Domínio da Matemática.

Quando regressaram à sala depois do recreio, a minha colega de estágio I. teve aula surpresa, pedida pela educadora da sala. Esta aula foi no domínio da Estimulação à Leitura e a I. realizou a leitura de *O Casamento da Gata*, de Luísa Ducla Soares. Após a leitura da história, a I. explorou-a, apelando à participação das crianças, fazendo a representação do cenário e das personagens da história.

Inferências / Fundamentações

Frequentemente, quando as crianças trabalham com materiais estruturados, a educadora pede que distribuam o material pelas mesas. Iniciativas como estas

desenvolvem nas crianças o sentido de responsabilidade e autonomia. É também importante referir que esta escola reúne todas as condições necessárias para o desenvolvimento das crianças. Assim, e como defendem Alava e Palacios (1993, pp. 53-54), todos os móveis têm proporções adequadas e as estantes onde estão colocados os materiais estão situadas a uma altura conveniente, a que as crianças chegam, razão pela qual se têm acesso a ele mais facilmente e, conseqüentemente, são estimuladas para que futuramente sejam mais autónomas e responsáveis.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Nesta manhã de estágio, a minha colega C. “deu” a sua aula programada. Iniciou-a no domínio da Estimulação à Leitura, realizando a leitura de uma história que tinha como título “Luísa e a Maçã”, inserida em *Um Livro com Cheiro a Morango*, de Alice Vieira. De seguida, a C. explorou as imagens da história lida e realizou uma pequena dramatização com as crianças sobre a mesma.

Para introduzir o tema no Domínio do Conhecimento do Mundo, a I. realizou com as crianças um puzzle que tinha como imagem uma árvore de fruto. Após o intervalo, a falou sobre algumas árvores de fruto, bem como sobre alguns frutos. No final, realizou com as crianças uma atividade, que consistia em fazer uma salada de frutas que iria ser saboreada como sobremesa após o almoço.

Para concluir a sua aula, a I. trabalhou no Domínio da Matemática e optou pela estratégia de distribuir pelas crianças frutos feitos de pano para que, com estes, trabalhassem a teoria de conjuntos.

Inferências / Fundamentações

Na aula que “deu”, a minha colega fez a exploração de imagens de um livro. Ao fazê-lo, realizou diversas perguntas e contribuiu para o desenvolvimento verbal das crianças, enriquecendo-lhes o vocabulário, o que é de extrema importância.

Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 11), «adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, ser capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais». Estas autoras acrescentam que, «ao mesmo tempo que adquire a língua materna, a criança

serve-se dessa língua para comunicar e para, simultaneamente, aprender acerca do mundo».

Esta atividade de exploração verbal feita com as crianças com base nas ilustrações da história contada despertou, sem dúvida, o interesse das crianças, uma vez que era notório o entusiasmo e o interesse em participar. A meu ver, esta atividade foi muito proveitosa. São necessárias iniciativas como esta para desenvolver nas crianças competências linguísticas, ao nível da oralidade, e para adquirir conhecimentos que, posteriormente, irão servir de alicerce para a aprendizagem da leitura.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Neste dia de estágio, a minha colega I. “deu” a sua aula programada. Iniciou-a no Domínio da Matemática, trabalhando com o 3.º Dom de Froebel. Com este material realizou duas construções (o comboio, e as mesas e cadeiras) recorrendo a uma história inventada por ela.

Após o recreio, a I. contou uma história que tinha como título *Ciclo do pão*, de Cristina Quental. Com a leitura da história, a I. explicou o funcionamento de um moinho e os diferentes processos pelos quais os cereais passam, até se transformarem em farinha. De seguida, mostrou diferentes tipos de farinha e concluiu a sua aula mostrando pães confeccionados com farinha de diferentes cereais. No final da manhã, deu a todas as crianças um pouco de pão de diferentes cereais, para que, através do sentido do paladar, se apercebessem das principais diferenças entre eles.

Inferências / Fundamentações

Como referido, a minha colega abordou o ciclo do pão, explicou como funcionam os moinhos e mostrou diferentes tipos de cereais e as respetivas farinhas. Para consolidar os conteúdos transmitidos e para finalizar a aula, deu a provar às crianças pães de cada um dos cereais falados.

Na minha opinião, foi fundamental para esta aula que a I. tivesse levado as sementes dos cereais (milho, trigo e aveia), a farinha de cada um deles, e os pães confeccionados com as farinhas referidas. Como lembram Spodek e Saracho (1998, p. 292), as «experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o

aprendizado de ciências nas crianças pequenas». As crianças puderam cheirar, provar, mexer e observar o processo da preparação do pão, pelo que a aula foi muito dinâmica e interessante.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Como habitualmente, a educadora iniciou a manhã com um exercício de contagem. No decorrer do mesmo, realizou oralmente situações problemáticas, apelando ao desenvolvimento do cálculo mental das crianças. De seguida, a educadora introduziu e explicou pela primeira vez uma construção com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Através de uma história, solicitou que as crianças fizessem a construção da mobília da sala.

Depois do recreio e da aula de ginástica, a minha colega R. teve aula surpresa que foi avaliada pela educadora da sala. A aula foi no domínio da Estimulação à Leitura e foi pedido à R. que realizasse a leitura do livro *Cuquedo*, de Clara Cunha. Concluída a leitura da história, a R. realizou uma dramatização. Recontou a história lida e as próprias crianças faziam o papel das personagens.

Inferências / Fundamentações

Durante a manhã, a educadora realizou um exercício que apelava ao desenvolvimento do cálculo mental das crianças. Utilizou como estratégia, realizar oralmente situações problemáticas. Este tipo de exercícios promove na criança o conhecimento dos números, bem como a sua utilização correta. Segundo Murray (citado por Moreira e Oliveira, 2004),

[...] a promoção da matemática mental das crianças ajuda-as a desenvolver o conhecimento sobre numeracia e a criar uma maior flexibilidade no uso e na aplicação desse conhecimento no seu próprio pensamento sobre a matemática, o que se traduz num ganho de familiaridade e confiança na utilização dos números. (p. 36)

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Neste dia de estágio, a minha colega R. “deu” a sua aula programada. Iniciou-a no Domínio da Matemática. Com o auxílio do material *Cuisenaire*, trabalhou com as crianças itinerários. Usou peças plastificadas, que distribuiu pelas crianças. Estas, numa

folha A4 quadriculada, que lhes fora entregue pela R., tinham de realizar o percurso que a R. lhes ia ditando.

De seguida, realizou a leitura de uma história que tinha como título *A Viagem da Sementinha*. Terminada a leitura, a R. explorou a história lida e, com a mesma, introduziu o tema que iria ser tratado no Domínio de Conhecimento do Mundo. Neste domínio, abordou o ciclo de vida das plantas e elaborou com as crianças um placar, para que estas percebessem, de uma forma mais clara, os conteúdos trabalhados.

Para finalizar a sua aula, a R. distribuiu por todas as crianças um pequeno vaso. Todas as crianças semearam umas sementes de amores-perfeitos.

Inferências / Fundamentações

Nesta aula da minha colega, saliento a atividade que realizou com as crianças no Domínio da Matemática. Com o material estruturado *Cuisenaire*, trabalhou itinerários. Esta atividade foi muito apreciada pelas crianças, por se tratar de um tema diferente e, julgo, pelo facto de a R. ter levado um material concreto e muito apelativo. As crianças deslocavam facilmente as peças na folha, seguindo as instruções do itinerário.

Na minha opinião, esta atividade é muito importante, uma vez que, de uma forma aprazível e rapidamente apreendida pelas crianças, desenvolveu nelas a noção de orientação espacial. De acordo com Moreira e Oliveira (2004),

[...] é preciso também introduzir actividades que permitam o desenvolvimento da orientação espacial, o que implica proporcionar experiências que privilegiem relações ligadas à orientação, à direcção, à posição de objectos no espaço, à forma e tamanho de figuras e ainda que envolvam transformações geométricas. (p. 97)

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

O dia iniciou-se com a realização de uma pintura que tinha como técnica giz molhado em leite. Enquanto decorria o momento de acolhimento das crianças em roda, as minhas colegas e estágio e eu, ajudámos algumas crianças a realizar uma pintura com a técnica mencionada anteriormente.

Após o momento de acolhimento, “dei” a minha aula programada. Trabalhei com as crianças com o 4.º Dom de Froebel. Com este material, propus que realizassem a

construção do poço e do muro, recorrendo a uma história. Terminado o Domínio da Matemática, sentei as crianças no tapete da sala e li-lhes a história *João e o Pé de Feijão*, de Ana Oom. Após a exploração da mesma, trabalhei no Domínio do Conhecimento do Mundo. Expliquei os diferentes constituintes das plantas, bem como a função de cada um, mostrando o exemplar vivo de uma planta. No final da manhã, com o objetivo de consolidar os conteúdos trabalhados anteriormente, realizei com as crianças uma proposta de trabalho, que consistia em colar numa folha A4 lisa diferentes materiais (ráfia, pequenos ramos de árvores, folhas, flores de papel), de modo a formar alguns constituintes de uma planta (respetivamente, raiz, caule, folhas e flores).

Inferências / Fundamentações²

Enquanto decorria o momento de acolhimento das crianças, as minhas colegas de estágio e eu tivemos a oportunidade de auxiliar algumas crianças na elaboração de uma pintura com a técnica do giz molhado em leite. A pintura ganha relevância em idade Pré-Escolar, pois é considerada uma forma de a criança comunicar e expressar os seus sentimentos. Pintar, enquanto forma de expressão e de arte, revela-se essencial, tal como Spodek e Saracho (1998) referem:

[...] as artes comunicam o que há de humano em cada um de nós. Tendo em conta a arte na infância enquanto expressão plástica, esta deve ser valorizada nas escolas como uma forma de usar os sentimentos, a sensibilidade e a compreensão de aspectos vitais que muitas vezes requerem expressão por meios que não são racionais nem lineares. (p. 352)

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Este dia iniciou-se com a pintura com tintas em papel de alumínio, pelas crianças. De seguida, “dei” aula surpresa, pedida pela educadora, no Domínio da Matemática. Foi-me solicitado que trabalhasse com o material estruturado 4.º Dom de Froebel. Com este material, realizei três construções (o banco do jardim, a mesa e cadeira, e a cama). Durante as construções, fiz oralmente algumas situações problemáticas, apelando ao cálculo mental das crianças.

² O Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita será comentado por mim no capítulo 2, Planificações.

Após o recreio, a educadora efetuou uma experiência, na qual as crianças colaboraram. Esta experiência tinha como finalidade verificar que o caule das plantas tem a função de transportar água e sais minerais para as diferentes partes da mesma.

A manhã findou com a aula de ginástica das crianças. Durante esta aula, nós, estagiárias, permanecemos na sala a realizar e recortar máscaras para o carnaval.

Inferências / Fundamentações

No final da manhã, como consolidação d, a educadora realizou uma experiência onde as crianças participaram ativamente na elaboração da mesma. São vários os autores que defendem o ensino das ciências a crianças em idade Pré-Escolar. Martins *et al.* (2009, p. 11) defendem que as ciências devem constar na educação como um elemento importante para a formação de futuros cidadãos cientificamente cultos. O ensino experimental das ciências desenvolve inúmeras capacidades, atitudes e valores. Fumagali (1998, citado por Martins *et al.*, 2009, p. 14), menciona que o ensino das ciências desde cedo é relevante, pois fomenta o gosto e a curiosidade da criança pela ciência, promove a imagem positiva desta área, desenvolve capacidades inerentes a outras áreas e constrói um pensamento científico útil na realidade natural.

Foi notório, com o decorrer da experiência que a educadora realizou sobre as partes constituintes das plantas e as respectivas funções, que as crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares, de pensar criticamente. Como tal, as ciências devem integrar a dinâmica em sala de aula.

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

A educadora efetuou o habitual exercício de contagem e fez oralmente algumas situações problemáticas, apelando ao cálculo mental das crianças. De seguida, trabalhou com o material estruturado *Cuisenaire*. Com este material, solicitou que as crianças realizassem a escada, por ordem crescente e decrescente, e trabalhou ainda a noção de par e ímpar.

Após o recreio, a minha colega de estágio C. realizou com as crianças um jogo com o material *Cuisenaire*. Este jogo consistia em as crianças dançarem livremente ao

som da música e, quando esta parasse, a C. retirava uma peça do *Cuisenaire* e as crianças tinham de se juntar de acordo com o valor da peça retirada.

Quando concluíram o jogo, as crianças dirigiram-se à horta da escola, com o objetivo de verificar o crescimento dos legumes e frutos semeados por elas próprias.

Inferências / Fundamentações

A horta da escola é constituída por leguminosas semeadas por todas as crianças. Figueiredo (2004, p. 163) defende que «ao conviver com os elementos da natureza as crianças enriquecem os seus conhecimentos através da experimentação directa e da aprendizagem real».

Proporcionar às crianças momentos de aprendizagem é uma mais-valia para as mesmas. Com as idas frequentes à horta, como a que aconteceu hoje, as crianças podem observar a evolução das plantas e ter uma melhor perceção da sua constituição e das suas funções. Agradou-me bastante poder presenciar a esta saída para o espaço horta, a que ainda não tinha assistido antes – dado que, como nos explicou a educadora, as crianças costumam deslocar-se à horta no final do período da tarde.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Este dia de estágio começou com a pintura com lápis de cera derretidos em vela por algumas crianças, enquanto decorria o momento de acolhimento no ginásio.

Quando as crianças regressaram à sala, a educadora fez o habitual exercício de contagem e apresentou oralmente situações problemáticas. De seguida, a educadora utilizou material alternativo para trabalhar o Domínio da Matemática. Distribuiu pelas crianças palhinhas, algarismos móveis e um cartelógrafo. Com este material, pediu que as crianças organizassem, em cima do cartelógrafo, os algarismos, por ordem crescente de zero a dez, trabalhou a noção de par e ímpar. Para concluir, a educadora realizou um jogo de memória, que consistia em, numa sequência, retirar um algarismo e as crianças tentarem descobrir de qual se tratava.

Após o recreio da manhã, as crianças sentaram-se no tapete da sala e a educadora falou-lhes sobre as diferentes partes comestíveis de uma planta e leu-lhes *O nabo gigante*, de Alexis Tolstoi.

Inferências / Fundamentações

No Domínio da Matemática, esta manhã, a educadora utilizou um cartelógrafo. Este material é feito à semelhança de um flanelógrafo. Uma vez que não é constituído por flanela mas por cartolina, os educadores dão-lhe este nome.

Materiais deste tipo são um meio de auxílio do educador na apresentação de variadas matérias. Segundo Gomes, Fernandes e Cavacas (1991), apresentam inúmeras vantagens várias, como seja:

- a) A utilização de auxiliares didácticos na exposição, exploração e consolidação dos conteúdos do programa;
- b) A criação de estratégias que facilitem a concentração da atenção por parte dos alunos;
- c) A repetição na utilização do mesmo material, diversificando as formas da sua utilização;
- d) O transporte para outros locais, nomeadamente para uma exposição realizada num local fora da aula;
- e) A diversificação de actividades, utilizando material que possa ter em conta a interdisciplinaridade. (p. 14)

Um cartelógrafo é um dos meios auxiliares de um educador mais fácil de construir, uma vez que não apresenta uma estrutura ou material complexo. Como todos materiais, implica algumas normas gerais de utilização (não dobrar, ter as linhas na horizontal). É um instrumento de trabalho que em muito contribui para a consolidação de conteúdos e no auxílio da construção de conhecimentos.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Este foi o último dia de estágio nesta sala.

As crianças iniciaram a manhã fazendo sopa. Ao longo da semana, a educadora pediu que as crianças trouxessem alguns legumes para que pudessem confecionar uma sopa nesta manhã. Assim, logo que terminou o momento de acolhimento, todas as crianças e respetivas educadoras e estagiárias dirigiram-se para o refeitório, onde confecionaram a sopa.

A meio da manhã, todas as estagiárias apresentaram a todas as crianças um pequeno teatro, ensaiado anteriormente, a pedido da diretora da escola. Este pequeno teatro foi baseado no livro *Cuquedo*, de Clara Cunha.

A manhã findou com a despedida das estagiárias à educadora e às crianças.

Inferências / Fundamentações

A atividade de preparação da sopa foi realizada como consolidação da conversa, entre a educadora e as crianças, sobre as plantas comestíveis. Com esta estratégia, a educadora proporcionou momentos de interesse e aprendizagem, uma vez que, ao seguirem uma receita e ao mexerem nos alimentos, as crianças encontravam-se muito motivadas, levantando questões pertinentes que ajudaram a construir o seu conhecimento. Autores como Spodek e Saracho (1998, p. 292) defendem que «experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas». Assim, é possível referir que estratégias lúdicas que motivem o interesse das crianças são benéficas para a aprendizagem e para a construção do conhecimento.

1.4. 4.º Momento de Estágio (Grupo de 2 anos)

Esta semana foi dedicada ao estágio intensivo, numa escola privada, em Alcobaça. A semana de estágio decorreu entre 27 de fevereiro e 2 de março de 2012 e foi feita na sala de crianças com 2 anos de idade e respetiva educadora.

1.4.1. Caracterização do Grupo

Este grupo de crianças é constituído por dezassete crianças, sendo que seis são do género masculino e onze do género feminino. Neste grupo, três crianças já completaram os 3 anos de idade, uma fará 4 anos ainda este ano e as restantes têm 2 anos de idade. Destas crianças, cinco frequentam pela primeira vez esta instituição. A criança mais velha, de 4 anos, integra este grupo por ter Necessidades Educativas Especiais. É acompanhada duas vezes por semana por uma especialista.

Segundo informação oral da educadora do Grupo, no geral, este é um grupo bastante alegre e comunicativo, mostrando interesse na elaboração de atividades. São crianças meigas e gostam de receber e de corresponder a trocas afetivas.

1.4.2. Caracterização do Espaço

A sala das crianças é bastante ampla. Tem uma porta de acesso e duas janelas com vista para o espaço exterior destinado ao recreio. Existem também quatro mesas redondas, onde as crianças se sentam diariamente para realizarem algumas atividades. Nas paredes da sala estão pintadas as personagens e alguns adereços da história tradicional *O capuchinho vermelho*. Ao fundo da sala, existem dois espaços distintos: um destinado à brincadeira, onde se encontra uma pequena casinha de brincar e alguns brinquedos e jogos; outro destinado à leitura de livros. Neste segundo espaço, existe uma pequena estante com alguns livros e é aqui que a educadora se senta para contar algumas histórias ou onde as crianças passam algum do seu tempo a ver livros.

Por último, existe um espaço designado por “fraldário”, onde se trata da higiene de algumas crianças.

1.4.3. Horário

O horário deste grupo de crianças não nos foi fornecido pela educadora.

1.4.4. Rotinas

O acolhimento das crianças é realizado na sala das crianças de 3 anos. Todas as manhãs, as crianças da Pré-Escolar se juntam e cantam e realizam alguns jogos. As crianças de 4 e 5 anos são as primeiras a abandonar a sala.

Por serem crianças ainda muito pequenas, os momentos de higiene são vários ao longo do dia. Algumas crianças vão à casa de banho, outras (duas) ainda se encontram na fase de usar fraldas e estavam a ser ensinadas a fazer as suas necessidades no penico.

A meio da manhã e da tarde, as crianças fazem um pequeno recreio no espaço exterior destinado ao efeito. Neste espaço, onde brincam e convivem com as restantes crianças da Pré-Escolar, encontram-se algumas diversões, como um escorrega.

Quanto às refeições, a meio da manhã, as crianças fazem um pequeno lanche (comem, normalmente, bolachas). Pelas 12 horas, dirigem-se para o refeitório, onde almoçam. A meio da tarde e após o recreio, é servido o lanche (pão e leite ou um iogurte), também no refeitório.

Após o almoço, as crianças dirigem-se para a sala, onde já se encontram dispostas as suas camas. Fazem a sesta, que decorre durante aproximadamente uma hora e meia. As crianças de 3 anos que frequentam outro Grupo e que ainda fazem a sesta também dormem nesta sala, juntamente com as crianças de 2 anos.

1.4.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

As crianças iniciaram a sua manhã na sala das crianças de 3 anos com as restantes crianças da Pré-Escolar. Dirigiram-se para a sua sala, onde, até à hora do intervalo, fizeram algumas construções com legos.

Após a sesta, foram para o recreio onde brincaram até à hora do lanche. Depois deste momento de refeição, regressaram à sua sala e realizaram alguns puzzles.

Inferências / Fundamentações

Em idade de Creche recorre-se muitas vezes à utilização de pequenos jogos, de puzzles, para que a criança possa brincar em conjunto e assim socializar. Arends (1995, p. 126) refere que «os jogos, puzzles e outras actividades que sejam convidativas a contenham a sua própria motivação intrínseca é um outro meio que os professores utilizam para tornar as suas aulas interessantes». O jogo pode ser encarado como um auxiliar educativo e uma forma de motivar as crianças para a aprendizagem para além de criar ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação de regras.

Notei que as crianças aderiam a esta atividade de fazer puzzles, embora algumas tivessem ainda muita dificuldade em encaixar as peças.

Terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

Quando as crianças regressaram à sua sala, após o momento de acolhimento e de higiene, a educadora iniciou a manhã com a leitura de uma história intitulada *A Selva*.

De seguida, como teve de se ausentar por uns instantes, as crianças foram para a sala das crianças de 3 anos e viram um pouco de televisão. Seguidamente dirigiram-se para o recreio.

Após a refeição e a sesta, foram novamente para o recreio, onde brincaram até à hora do lanche. Quando regressaram à sala, a educadora distribuiu por todas as crianças um pouco de massa de moldar, para que estas pudessem fazer algumas construções trabalhando assim a sua motricidade fina. Esta massa era feita de farinha, água e um pouco de azeite, visto que as crianças levam tudo à boca e, se fosse este o caso, com estes ingredientes, tal não lhes faria mal.

Inferências / Fundamentações

Estas crianças têm como hábito iniciar a manhã, na sala das crianças de 3 anos com todas as crianças da Pré-Escolar. Aqui o acolhimento é feito pelas educadoras, de forma meiga e carinhosa.

É notável a empatia que se faz sentir entre a educadora deste grupo de crianças de 2 anos e as crianças, e a boa relação que daí advém. Zabalza (2001, p. 127) afirma que «a função do educador é a de providenciar um clima de segurança e reconhecimento que estimule as crianças e lhes combata a inibição». Neste sentido, é fundamental que o educador crie um clima de confiança na sala, para que a criança se sinta acolhida e amada.

Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

As crianças iniciaram a sua manhã com uma aula de ginástica dada pela própria educadora. Fizeram alguns exercícios de aquecimento, corridas e alguns jogos.

Durante a tarde, após a sesta e o lanche, as crianças sentaram-se nas mesas e fizeram algumas construções com legos.

Inferências / Fundamentações

É habitual, durante a tarde, as crianças dedicarem algum tempo a materiais construtivos nomeadamente os legos. A manipulação destes materiais proporciona à criança o desenvolvimento da sua motricidade fina, para além de a transportar para um momento de faz-de-conta com as construções que elabora. Autores como Spodek e Saracho (1998, p. 218) defendem que «pequenos conjuntos de materiais construtivos, como Lego, Tinker Toys, Lincoln Logs ou materiais similares, são úteis. As crianças podem usá-los para fazer cenários de faz-de-conta ou construir pequenos edifícios.».

Quinta-feira, 1 de março de 2012

As tiveram aula de Expressão Musical. O professor cantou com as crianças e tocou um pouco de flauta para elas. Depois, a educadora iniciou a manhã contando a história do *Capuchinho Vermelho*, adaptando-a.

De seguida, algumas crianças fizeram o preenchimento com algodão de uma imagem de um coelho, enquanto as outras brincavam pela sala. À tarde, quando regressaram à sala, após o lanche, fizeram variados jogos nas mesas.

Inferências / Fundamentações

Na aula de Expressão Musical, as crianças puderam cantar e ouvir um instrumento musical, a flauta, tocada pelo professor. Com a Expressão Musical, as crianças adquirem a capacidade de identificar e também de produzir sons. Para Hohmann, e Weikart (1984, p. 69), «as actividades que se desenvolvem numa área de música e movimento proporcionam às crianças em idade Pré-Escolar oportunidade de experimentar e apreciar as capacidades rítmicas e musicais que são a base de posteriores expressões musicais e rítmicas mais complexas».

O trabalho em torno da Expressão Musical ajuda as crianças a explorar e a comparar sons e a ganhar a sua compreensão de ritmo e compasso. Foi-me dado verificar o agrado das crianças ao contactarem com os sons, o encantamento que se via nos rostos.

Sexta-feira, 2 de março de 2012

Neste meu último dia de estágio em Creche, a educadora sentou as crianças em roda e, com o material estruturado Blocos Lógicos, explorou as características de duas figuras geométricas, o triângulo e o círculo. Para tal, utilizou as peças deste material, explorando os seus atributos, como a cor, tamanho e espessura. Seguidamente, as crianças sentaram-se nas mesas e realizaram a pintura livre com tintas.

Pela tarde, após o recreio e o lanche, dirigiram-se para a sala das crianças de 3 anos e terminaram a tarde com o visionamento do filme da festa da natal.

Inferências / Fundamentações

Durante a manhã, a educadora optou por trabalhar com o material estruturado designado por Blocos Lógicos. Com o mesmo, explorou com as crianças as características de duas figuras geométricas e utilizou os atributos das peças para trabalhar a cor, tamanho e a espessura. Como já foi referido anteriormente, este material é constituído por 48 peças diferentes que variam na forma da face, na cor, no tamanho e na espessura.

Neste dia, ao manusear com as crianças este material, foi-me possível observar que a educadora estimulou as crianças para começarem a estruturar o seu primeiro conhecimento matemático. Segundo Caldeira (2009, p. 363), «não se ‘ensina’ matemática às crianças. O que devemos fazer é colocá-las em situação de, por si mesma, poder construir, ao seu nível, as primeiras estruturas lógico-matemáticas».

Assim, é possível referir que é benéfico, que crianças de tenra idade contatem com materiais que as estimulem para o gosto e para a construção da aprendizagem futura.

1.5. 5.º Momento de Estágio (4.º ano, turma B)

Este momento de estágio decorreu entre 5 de março e 27 de abril de 2012 e foi realizado na sala do 4.º ano, turma B, com a respetiva professora titular.

1.5.1. Caracterização da Turma

A turma B do 4.º ano é constituída por vinte e seis alunos, sendo que quinze elementos são do género feminino e onze elementos do género masculino.

No Projeto Curricular de Turma, é referido que a turma bastante interessada no ambiente que a rodeia. Na caracterização sobre a turma, é notório o empenho e a participação no decorrer das aulas. No entanto, existem elementos que se distraem facilmente e por vezes atrasam-se nos trabalhos propostos. Quatro alunos frequentem o apoio individualizado, já ministrado no ano anterior, por apresentarem algumas dificuldades de aprendizagem.

De acordo com informações fornecidas pela professora, a partir de testes diagnósticos realizados foi possível tirar as seguintes conclusões: na Área da Matemática, os alunos apresentam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação. Na Área de Português, revelam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda cometem muitos erros ortográficos.

1.5.2. Caracterização do Espaço

A sala da turma B do 4.º ano é bastante espaçosa e luminosa. As mesas dos alunos estão expostas por filas e viradas de frente para um quadro interativo.

Nesta sala, do lado oposto à porta de entrada encontra-se a mesa da professora, onde há um computador.

Nas paredes da sala encontram-se três placares destinados à exposição de trabalhos de Português, Matemática e Expressão Plástica, realizados pelos alunos. Ao fundo, existe um armário, onde estão expostos os dossiês de cada criança e num dos cantos existe o “Jardim da Leitura”, onde se encontra um pequeno banco de jardim para que os alunos se possam sentar e ler calmamente um livro.

Do lado oposto ao “Jardim da Leitura” existe o “Cantinho dos Miminhos”, onde são expostos, num placar, desenhos feitos pelos alunos para a professora.



Figura 12 - Sala de aula do 4.º ano (turma B)

1.5.3. Horário

O horário desta turma, que nos foi cedido pela professora titular, é o que se transcreve a seguir.

4º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10.00-10.50					
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12.10-13.00		Estudo do Meio 12.30/13h			
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Estudo do Meio	Hora do Conto 14.30/15h	Estudo do Meio (Clube de Ciência)	Formação Pessoal e Social 14.30/15h	Estudo do Meio
15.20-16.10	Inglês	Expressão Artística		Educação Musical	
16.10-17.00	Formação Pessoal e Social	Educação Física	Orquestra	Biblioteca/Informática 16.00-17.00	
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	

Figura 13 - Horário do 4.º ano (turma B)

1.5.4. Rotinas

O Acolhimento das crianças é realizado em roda, no salão da escola. Crianças, educadoras, professoras e estagiárias participam na roda, cantando canções. As crianças de diferentes faixas etárias encontram-se dispostas de acordo com a figura seguinte.

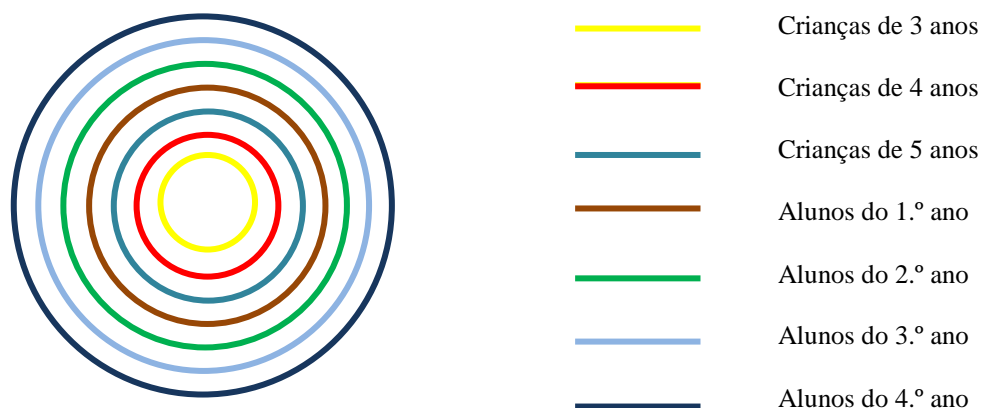


Figura 14 - Roda de acolhimento das crianças

Após o momento de acolhimento e antes de se dirigirem à sua sala, os alunos do 4.º ano B, vão à casa de banho.

Pelas 11 horas, os alunos têm um pequeno recreio. Este recreio é realizado no espaço exterior e nele é possível encontrar algumas diversões, como por exemplo um escorrega. O recreio é realizado por todos os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico em simultâneo.

No decorrer do recreio, os alunos fazem um pequeno lanche que é composto por algumas bolachas ou pão. Almoçam, no refeitório, pelas 13 horas.

1.5.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 5 de março de 2012

A manhã iniciou-se com a apresentação dos alunos, professora e estagiárias. De seguida, a professora conversou com as crianças sobre as atividades realizadas ao longo do fim de semana e, concluída esta breve conversa, realizou a correção do trabalho de casa, que consistia numa ficha de trabalho com algumas revisões de matemática.

Depois do recreio, a professora leu para os alunos os últimos dois capítulos do livro *As Bruxas*, de Roald Dahl. A manhã findou com um exercício ortográfico.

Inferências / Fundamentações

Após o intervalo, a professora leu em voz alta os dois últimos capítulos de um livro. Segundo Jean (2000), «ler em voz alta é, sem dúvida e com efeito, aquilo que dizemos em voz alta para nos fazermos entender a nós próprios e/ ou a ouvintes, um texto que lemos com os olhos» (p. 17). Ainda segundo o mesmo autor, «a leitura em voz alta foi, e continua a ser, uma maneira de partilhar prazer, conhecimentos, informações» (p. 65). Além disso, e como se lê no Programa de Língua Portuguesa de 1991, em vigor para o 4.º ano do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2004), o aluno deve ouvir ler narrativas «de extensão e complexidade progressivamente alargadas» (p. 161), o que foi nitidamente o que sucedeu, cumprindo a professora este ponto do Programa no domínio da Comunicação Escrita.

Durante a leitura realizada pela professora, era notória a atenção e concentração dos alunos para perceberem a história. Com a conclusão da leitura da história também foi possível observar o seu agrado e gosto pelo que foi lido.

Terça-feira, 6 de março de 2012

A manhã começou com um jogo de lançamento de dados no quadro interativo, que apelava ao cálculo mental. Após, deram início a outro jogo que consistia em fazer perguntas de língua portuguesa, sobre sinónimos, e atribuir pontos a quem desse a resposta correta. De seguida, a professora verificou se os trabalhos de casa tinham sido feitos e realizou a respetiva correção.

Após o recreio, os alunos tiveram Clube da Ciência, conduzido por um professor especializado. Os alunos realizaram uma experiência e analisaram os resultados.

Inferências / Fundamentações

É frequente a utilização do quadro interativo nas aulas do 4.º ano. Nesta manhã, a professora proporcionou aos alunos um jogo realizado no mesmo.

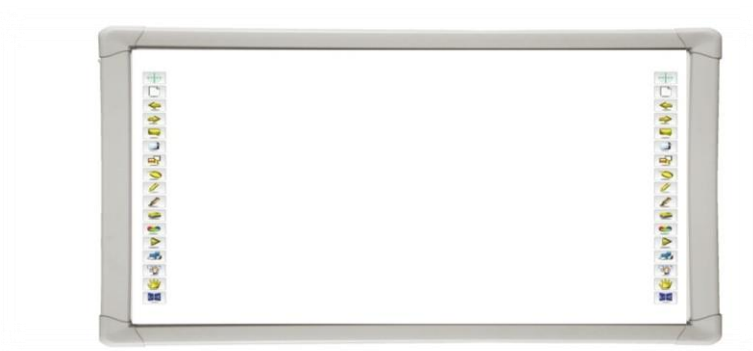


Figura 15 - Quadro interativo

Estes meios informáticos podem proporcionar aos alunos momentos ricos de aprendizagem. O uso do computador em sala de aula pode ser um instrumento facilitador das aprendizagens. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), de acordo com Botelho (2009), «podem, se convenientemente exploradas, ser um excelente instrumento educativo» (p. 114). Correia, Andrade e Alves (2001, p. 1) confirmam esta ideia ao defender que as TIC na Educação contribuem para o processo das aprendizagens, quando bem utilizadas.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

A turma iniciou a manhã com uma ficha de avaliação de matemática. A professora falou com os alunos sobre a ficha que iam fazer. Esta ficha de avaliação continha cálculo mental, exercícios de áreas e perímetros e classificação de triângulos quando ao comprimento dos lados e quanto à amplitude dos seus ângulos.

Depois do intervalo, a professora fez uma breve revisão sobre as palavras homófonas, homógrafas, homónimas e parónimas, referindo o seu significado. De seguida, distribuiu pelas crianças uma proposta de trabalho para consolidação dos conteúdos transmitidos.

Inferências / Fundamentações

Por se tratar de um dia de teste (a ficha de avaliação de matemática, a que acima me referi), foi possível verificar que os alunos se encontravam nervosas e a professora sentiu a necessidade de os acalmar antes de iniciarem o mesmo.

Considerarei importante a conversa que a professora teve com os alunos antes do teste, pois, segundo Rodrigues e Esteves (1993, pp. 41-42), «espera-se que o professor exerça as funções de instrutor e formador, transmitindo informações e valores fundamentais e ajudando o jovem a adoptar valores próprios e a desenvolver a capacidade de tecer juízos críticos sobre as informações alternativas».

Com a conversa, a professora tranquilizou os alunos pondo-os mais à vontade para a realização do mesmo.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

Por ser Segunda-feira, a professora iniciou a manhã perguntando a alguns alunos as atividades realizadas ao longo do fim de semana.

De seguida, realizaram um exercício ortográfico de um excerto do texto intitulado “Uma família de Sapatos”. Este exercício ortográfico foi ditado pela minha colega de estágio R. Depois deste exercício, a professora fez oralmente a correção do trabalho de casa.

Após o recreio, a professora fez a alteração dos lugares de alguns alunos. Depois de tudo arrumado, realizou um ditado de números.

Inferências / Fundamentações

Não posso deixar de referir que a turma B do 4.º ano é um grupo bastante disciplinado. São alunos que sabem estar e que respeitam quem os rodeia. O respeito e a compreensão são fatores importantes em qualquer relação, e é importante fazer com que a criança nos compreenda, mas também é essencial que o professor compreenda o lado da criança.

A disciplina que se faz sentir nesta turma ajuda os alunos a inserirem-se no seu meio envolvente. Moreira (2004, p. 56) entende por disciplina «o conjunto de regras que regulamentam os comportamentos, assim como as sanções associada à quebra de regras». Ao longo deste período de estágio foi notório o esforço que os alunos fazem para cumprir as regras. No entanto, é de referir que o professor tem um papel essencial, uma vez que a criança necessita de um adulto que a oriente, ensine e a faça cumprir as

regras e a meu ver a professora titular de turma é uma das professoras que, na minha opinião, se destaca nesse aspeto.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a realização de uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa. Após o intervalo, realizaram duas situações problemáticas – uma delas foi orientada por duas estagiárias do 2.º ano; outra foi orientada por mim.

Ao final da manhã, os alunos tiveram Clube de Ciências, onde abordaram o tema dos Artrópodes.

Inferências / Fundamentações

Durante estas duas semanas de estágio, foi possível observar que os alunos fizeram várias fichas de avaliação. Estas fichas de avaliação são feitas diversas vezes ao longo do ano letivo e têm como principal objetivo verificar as capacidades e os conhecimentos dos alunos. Vilar (1996, p. 51) encara a avaliação como «um processo de análise e interpretação de informações que, devidamente apreciadas através de um ‘juízo’, permitem a tomada de decisões».

Era notória a agitação dos alunos, devido ao momento de avaliação que se fazia sentir. No entanto, este é um momento crucial, dado que se preparam para avaliações seguintes, nomeadamente para a prova de aferição, visto que a ficha de avaliação tinha a estrutura e os critérios de correção da mesma.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Neste dia de estágio estiveram presentes as Orientadoras de Prática Pedagógica no Jardim-Escola. As minhas colegas de estágio e eu dirigimo-nos para a sala do 4.º ano A, onde assistimos à aula programada de uma colega da nossa turma.

A colega iniciou a sua aula na Área de Estudo do Meio, explorando o conceito de montanha. De seguida, trabalhou com os alunos na Área de Português: entregou às crianças um texto sobre o tema abordado anteriormente e realizou alguns exercícios sobre o grau dos adjetivos. Para finalizar a sua aula, na Área da Matemática, realizou

com os alunos um gráfico de barras sobre as altitudes de algumas serras de Portugal; por fim, calcularam a mediana e a moda do gráfico elaborado. É de salientar que sempre que realizava a passagem para uma área diferente, a colega recorreu várias vezes à interdisciplinaridade.

Ao final da manhã, todas as estagiárias se reuniram com as Orientadoras de Prática Pedagógica na sala do 3.º ano para serem abordados os aspetos positivos e a melhorar das aulas dadas.

Inferências / Fundamentações

Durante a aula da minha colega, foi notória a interdisciplinaridade que realizou. A interdisciplinaridade entende-se como qualquer forma de combinar duas ou mais disciplinas. Pô-la em prática implica a organização do processo de aprendizagem pensado em torno de um conceito, um tema. A interdisciplinaridade deve ser cada vez mais frequente, pois ajuda os alunos a construir novos conhecimentos. De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1994):

[...] a interdisciplinaridade envolve um desencadear de um processo linguístico e comunicativo, uma intersecção dialógica entre aqueles que vêm de várias especialidades. É esse processo dialógico que permite esclarecer e reflectir sobre as próprias linguagens específicas, um modo de as relacionar e, ao mesmo tempo, as aproximar do mundo. (p. 30)

Assim, é possível referir que a interdisciplinaridade é um instrumento essencial na educação dos alunos. O cruzamento de saberes ajuda na construção de novos conhecimentos.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

Mais uma vez, este dia de estágio foi marcado pela presença das Orientadoras de Prática Pedagógica. A minha colega V. teve aula surpresa solicitada por uma das Professoras Orientadoras. Foi-lhe proposto que realizasse a leitura e interpretação de um texto do manual dos alunos e que, de seguida, explorasse o grau dos adjetivos.

Concluída a aula, os alunos dirigiram-se para o recreio, e nós, estagiárias, dirigimo-nos para a sala das crianças de 3 anos, onde decorreu a reunião para serem tratados aspetos relacionados com as aulas dadas.

A manhã findou com a ida de todas as crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico para o ginásio, onde receberam a escritora Sílvia Alves. Aqui ouviram um pouco da história de vida da escritora, bem como os motivos que a incentivaram a escrever a primeira história infantil.

Inferências / Fundamentações

Ao final da manhã, todos os alunos do 1.º Ciclo receberam uma escritora. Durante a sua visita, a autora contou um pouco da sua história de vida e os motivos que a levaram a escrever a primeira história infantil, deixando as crianças fascinadas. A convidada era autora de uma obra que tinha sido trabalhada em sala de aula. Como tal, era notório o entusiasmo e fascínio por parte dos alunos.

Ao conviverem com autores, as crianças podem despertar o seu gosto pela leitura, pois estes encontros «podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura»³. Assim, é de salientar a importância de trazer autores à escola bem como a convivência com os mesmos.

Terça-feira, 20 de março de 2012

Nesta manhã de estágio, a minha colega R. e eu tínhamos programado dar uma aula. Assim, quando os alunos regressaram à sala, eu iniciei a manhã na Área de Português. Para esta aula, foi-me proposto pela professora que explorasse alguns casos particulares do grau dos adjetivos. Comecei por fazer uma breve revisão de todos os graus dos adjetivos; de seguida, expliquei e mostrei casos particulares dos adjetivos. Para finalizar, entreguei aos alunos uma proposta de trabalho sobre graus dos adjetivos.

Quando terminei a minha aula, a R. “deu” a sua na Área da Matemática, durante a qual realizou com os alunos algumas situações problemáticas de lógica.

Após o recreio, os alunos realizaram com a professora uma composição, que tinha como título “Se fosse mágico quem ajudaria?”. Esta composição destinava-se a um concurso.

³ In http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/uploads/formacao/brochura_david.pdf

No final da manhã, os alunos tiveram Clube de Ciências, onde foi essencialmente tratado o tema da combustão.

Inferências / Fundamentações

Este é o dia da semana em que os alunos desta turma têm Clube de Ciências. Durante este tempo, as crianças costumam realizar diversas atividades e experiências e falam sobre temas do campo das ciências, esclarecendo as suas dúvidas e curiosidades. Segundo Williams, Rockwell e Sherwood (1995, p. 13) «o facto de falar com as crianças sobre as suas actividades, seja no campo das ciências ou em qualquer outra área, esclarece ou confirma a sua compreensão».

Com a possibilidade de mexerem em diferentes materiais, de os explorarem, os alunos vão construindo o seu conhecimento e ampliando assim a sua aprendizagem. Segundo os autores acima citados, as crianças, para construírem «progressivamente os seus conhecimentos, [...] deverão ter oportunidades de manipular, explorar, iniciar e escolher. Precisam de ter oportunidades de tocar, examinar e brincar com as coisas, para saberem como funcionam» (William, Rockwell e Sherwood, 1995, p. 31). Também o Programa de Estudo do Meio (Ministério da Educação, 2004) determina, no seu Bloco 5 – “À Descoberta dos materiais e objectos” (pp. 129ss.), que os alunos, neste ano de escolaridade, sejam postos a «Realizar experiências com alguns materiais e objectos de uso corrente», nomeadamente, «Realizar experiências com o ar – Reconhecer através de experiências a existência do oxigénio no ar (combustões)» (p. 132). Até ao momento, nunca pude assistir a aulas de Estudo do Meio conduzidas pela professora da turma, mas, pela reação dos alunos, que participam ativamente no Clube de Ciências, mas que ficam mais agitados, concluo que não estarão muito habituados a experiências deste tipo, sem ser no Clube de Ciências.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Neste dia de estágio, a minha colega V. “deu” a sua aula programada. Iniciou a manhã na Área de Estudo do Meio, nomeadamente na História de Portugal, referindo a vida e os grandes feitos do rei D. João IV.

Após o intervalo, trabalhou com os alunos na Área de Português. Abordou e explicou como colocar os verbos no particípio passado. De seguida, optou por realizar alguns exercícios de consolidação dos conteúdos transmitidos.

Para finalizar a sua aula, trabalhou na Área da Matemática e deu a noção de estatística. Explicou como se realiza a média dos dados transmitidos numa tabela.

Inferências / Fundamentações

O facto de assistir à aula de uma colega que não faz parte do meu grupo de estágio foi importante, pois observei um novo modelo. Estrela (citado por Pacheco,1995) afirma que aprender a observar pode favorecer o professor, na medida em que ajuda

[...] a compreender e identificar fenómenos, aprender relações sequenciais e causais, ser sensível às reacções dos alunos, pôr problemas e verificar soluções, recolher objectivamente informação, organizá-la e interpretá-la, situar-se criticamente face aos modelos existentes, realizar a síntese entre a teoria e a prática. (p. 142)

Ao observar a aula desta colega, aprendi que é muito importante a disciplina e o controlo que temos da turma. Estes dois aspetos são essenciais para o sucesso de qualquer aula. Infelizmente, a colega não conseguiu impor a disciplina nos alunos o que prejudicou em muito a aula.

Segunda-feira, 10 de abril de 2012

A professora titular de turma iniciou a manhã com uma breve conversa com os alunos sobre as atividades realizadas durante as férias da Páscoa.

De seguida, a minha colega de estágio V. “deu” uma aula programada na Área de Português. Trabalhou o gerúndio e o particípio passados das formas verbais não finitas. Depois de uma breve explicação, deu alguns exemplos, escrevendo algumas frases no quadro interativo. Como proposta de atividade, a V. colocou uma cartolina na parede, para que fosse construído um cartaz com frases escritas pelos alunos no gerúndio e no particípio passado. Para finalizar, entregou uma ficha formativa e realizou a respetiva resolução e correção.

Após o intervalo, os alunos realizaram uma ficha formativa de Matemática que tinha como objetivo fazer revisões para a prova de aferição; durante a realização da prova, os alunos levantaram várias dúvidas, pelo que a professora se apercebeu, conforme nos transmitiu a nós, estagiárias, que os alunos não se tinham preparado para a prova.

Inferências / Fundamentações

No final da manhã, os alunos realizaram uma ficha formativa como forma de revisões para a prova de aferição e com o objetivo de averiguar os seus conhecimentos nesta Área. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), através da avaliação formativa o professor sabe quais os progressos e quais as dificuldades da criança, acompanhando todo o processo de ensino-aprendizagem (p. 348). Alves (2004) esclarece-nos que a avaliação

[...] tem vindo, ao longo das épocas, a adquirir uma grande variedade de significados de acordo com a evolução da própria sociedade: alterações económicas, sociais, políticas e culturais originaram diferentes concepções de educação e, consequentemente, diferentes modelos de ensino-aprendizagem e de abordagens de avaliação. (p. 31)

Nesta manhã, com a realização da ficha formativa, os alunos mostraram-se um pouco nervosos, penso que por se tratar de revisões para a prova de aferição. Como já referido, o estudo por parte dos alunos ainda não tinha sido muito e, como consequência, tiveram algumas dificuldades na realização da ficha. É de referir, então, que, embora o ato de avaliar os seus conhecimentos não seja do agrado dos alunos, este é um ato importante, pois, assim, o professor consegue aferir os conhecimentos e entender dificuldades, apercebendo-se também se o estudo complementar de casa está ou não a ser feito.

Terça-feira, 13 de abril de 2012

Este dia de estágio ficou marcado pela aula da minha colega de estágio S., assistida por uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. A S. iniciou a aula na Área de Estudo do Meio, abordando em que consiste poluição atmosférica e suas principais causas e consequências. De seguida, trabalhou na Área de Português,

explicando a relação de grafia e fonia das palavras, focando-se essencialmente nas palavras parónimas. Para finalizar, na Área da Matemática, explicou os critérios de divisibilidade por 3 e 9.

A manhã findou com a reunião feita pelas Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, onde foram tratados aspetos positivos e negativos das aulas assistidas.

Inferências / Fundamentações

Considero importante voltar a referir a importância que têm as reuniões de Prática Pedagógica, uma vez que nos é dado o *feedback* da aula que realizámos, sendo mencionados quais os aspetos positivos e quais os aspetos a melhorar em aulas futuras.

Marques (2003, p. 106) afirma que «não há desenvolvimento profissional sem reflexão e sem formação e existe uma relação grande entre oportunidades de formação e motivação profissional e entre estas variáveis e o desenvolvimento profissional». A reflexão sobre as nossas práticas é muito importante, pois só tomando consciência do que fizemos, conseguiremos melhorar o que ainda não esteja como desejado. Cunha (2008, p. 78) afirma que «a prática é fonte de construção do conhecimento e a reflexão sobre as práticas, o instrumento dessa construção». Acrescento, por isso mesmo, que a reflexão sobre o nosso trabalho é necessária em qualquer altura, independentemente do número de anos de serviço e da experiência.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Nós, estagiárias, dirigimo-nos para a sala do 4.º ano A, com o objetivo de assistir à prova final de uma aluna estagiária, a F. A colega iniciou a sua aula na Área de Português, explorando as principais características da notícia, para o que se focou essencialmente no *lead* da notícia. De seguida, na Área de Estudo do Meio, explicou como surgiu o cinema e quais os primeiros filmes que estrearam. Na Área da Matemática, trabalhou com o material estruturado 5.º Dom de Froebel e realizou com os alunos a construção de uma sala de cinema. A F. não terminou a sua prova dentro do tempo estipulado, pelo que não realizou as situações problemáticas preparadas para a construção com o 5.º Dom de Froebel, nem o jogo planeado.

Após o intervalo, regressámos à nossa sala, onde os alunos realizaram um ditado de palavras. Quando concluído, realizaram, em grupo, uma ficha formativa de Matemática, que consistia em realizar operações e fazer as respetivas provas pela operação inversa. Terminada a ficha formativa, os respetivos grupos avançavam os trabalhos de Estudo do Meio que tinham como tema os Rios de Portugal.

Inferências / Fundamentações

As crianças do 4.º ano B realizaram uma ficha formativa em grupo e, após, continuaram o trabalho de grupo na Área de Estudo do Meio. É importante promover atividades em grupo, uma vez que é uma tarefa agradável, produtiva e eficaz. O trabalho de grupo proporciona inúmeras vantagens, como a socialização, o respeito pela opinião dos outros, a autodisciplina, a responsabilidade individual, entre outros. Autores como Hohmann e Post (2003, p. 280) defendem que «o tempo em grupo ajuda as crianças a construir um repertório de experiências partilhadas a que podem recorrer quando brincam ou comunicam num estilo dar-e-receber durante os outros momentos do dia». Posso, assim, referir que os trabalhos em grupo, dentro e fora da aula, são importantes, porque permitem que o aluno trabalhe melhor e desenvolva a sua personalidade, para além de desenvolver a cooperação e o respeito pelos outros.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Neste dia, a minha colega R. “deu” a sua aula programada durante toda a manhã. Iniciou-a na Área de História de Portugal, onde referiu a biografia e os principais feitos de D. João V, com o auxílio de uma apresentação em PowerPoint. De seguida, distribuiu pelos alunos uma proposta de corte e colagem que consistia em recortar algumas palavras e colá-las, num esquema, de forma correta.

Na Área de Português, a R. optou por distribuir pelos alunos a lenda da construção do Convento de Mafra e realizou a sua leitura e interpretação. De seguida, através de uma apresentação em PowerPoint, explicou os verbos auxiliares dos tempos compostos. Após o intervalo, realizou com os alunos, no quadro interativo, exercícios de consolidação de português.

Para finalizar a sua aula, a R. trabalhou na Área da Matemática. Entregou uma folha com dados para que fosse realizado um gráfico de barras. Explicou como se calcula a média, moda e mediana, e, para consolidação da matéria dada, entregou uma ficha formativa que foi corrigida posteriormente.

Inferências / Fundamentações

Na Área de Estudo do Meio, especificamente de História de Portugal, a minha colega abordou a biografia e os principais feitos de D. João V, nomeadamente o convento de Mafra. Os alunos demonstraram, desde logo, bastante interesse por esta Área, participando ativamente durante as explicações da R.

Diversos autores, de que é exemplo Félix (1998), defendem a aprendizagem da história no 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que existe a «necessidade de compreender as profundas mudanças do mundo actual e de perceber a complexidade do mundo em que vivemos; de conceptualizar o passado de um modo que nos permita compreender e explicar as transformações presentes» (p. 61). A compreensão da história por parte das crianças desenvolve nas mesmas uma consciência histórica, que lhes permite reconhecerem-se como parte de uma história que começou há muito e na qual ocupam um lugar, uma consciência histórica que lhes permite atuar e projetar consciente e afetivamente na sociedade em que vivemos (pp. 61-62).

A meu ver, esta foi a parte da aula da minha colega que despertou maior interesse por parte dos alunos. Aqui esclareceram dúvidas e aprenderam curiosidades, o que os deixou muito satisfeitos. Participaram com agrado em tudo o que lhes foi proposto, e o entusiasmo era notório na maioria dos alunos.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Nesta manhã “dei” a minha aula programada. Iniciei-a na Área de História de Portugal, apresentando a biografia e os principais feitos do rei D. José I, com o auxílio de um PowerPoint. Depois de uma breve explicação expositiva, os alunos realizaram uma proposta de trabalho, que consistia em completar um texto lacunar, procurando as respostas corretas, relacionadas com o tema abordado, no conjunto de palavras indicado.

Na Área de Português, fiz a distinção entre frases simples e complexas. Num cartaz, iam sendo colocadas ordenadamente frases (que eu tinha distribuído anteriormente pelos alunos) simples e complexas.

No final da manhã, trabalhei na Área da Matemática. Expliquei a função de um gráfico, quais os tipos de gráficos que existem e, de seguida, foquei-me essencialmente no gráfico de linhas. Depois de explicar como elaborar o mesmo, distribuí pelos alunos papel milimétrico e linha, para que, com os dados fornecidos, realizassem um gráfico de linhas.

Inferências / Fundamentações

O PowerPoint foi o suporte digital que optei para expor a biografia e os principais feitos do rei D. José I. Escolhi este tipo de suporte por ser um meio fácil e por permitir que todos os alunos observem com clareza a informação exposta, ajudando, assim, a estruturar o seu conhecimento.

Os recursos baseados na tecnologia devem ser encarados como novas oportunidades educativas. Segundo o Félix (1998),

[...] estes meios são especialmente atractivos para o ensino da História: a imprensa relacionada com o ênfase dado ao estudo do contemporâneo, com o estudo do Meio ou da História Local e como veículo para desenvolver técnicas de análise crítica da realidade; os audiovisuais e as novas tecnologias da informação e comunicação são recursos que a escola não pode ignorar, pois são poderosos instrumentos para a aprendizagem formal e informal dos alunos. (p. 52)

É, então, de responsabilidade do professor criar oportunidades em que os alunos tenham contacto com as diferentes tecnologias.

Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Neste dia “dei” aula durante aproximadamente uma hora. A minha aula foi assistida por uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. Iniciei a aula na Área da Estudo do Meio, onde fiz a exploração de algumas imagens que tinham como tema tipos de poluição, apelando aos conhecimentos dos alunos e às suas vivências. De

seguida, foquei-me apenas num tipo de poluição: a poluição luminosa. Expliquei em que consiste este tipo de poluição, e quais as suas principais causas e consequências.

Na Área de Português, fiz uma breve revisão dos tipos de sujeito que os alunos conheciam e “dei” a conhecer outro tipo de sujeito: o sujeito nulo subentendido. Esta explicação foi auxiliada por uma apresentação em PowerPoint.

Para finalizar a minha aula, explorei a Área da Matemática. Distribuí por todos os alunos material alternativo (circunferências feitas em musgami, sendo umas inteiras e outras divididas em 4, 6, 8 e 10 partes iguais) e, com ele, trabalhei a noção de frações equivalentes.

A meio da manhã, realizou-se, na biblioteca da escola, a reunião com as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, onde foram tratados aspetos positivos e aspetos a melhorar sobre as aulas assistidas durante a manhã.

Inferências / Fundamentações

Na Área da Matemática, optei por distribuir por todos os alunos material alternativo, pois considero de extrema importância que a aprendizagem se possa tornar mais significativa. Ao manusearem materiais, os alunos trabalham no concreto, e não no abstrato, facilitando a construção do pensamento e posteriormente a aprendizagem, ao caso, das frações equivalentes. De acordo com Vale (2000, citado por Caldeira, 2009, p. 127), é importante que os professores/educadores conheçam as potencialidades dos materiais manipulativos, pois «a aprendizagem é mais eficaz, significativa e duradoura quando os alunos utilizam essas ferramentas, pois permite interagirem uns com os outros, reflectindo e comunicando entre si as suas experiências».

Durante a aula, os alunos demonstraram bastante interesse pelo material e pelos conteúdos abordados. Representaram corretamente todos os exercícios propostos, participaram ativamente. Da breve revisão feita, concluí que os conteúdos foram bem apreendidos pelos alunos.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Nesta manhã, a minha colega de estágio S. ia “dar” a sua aula programada; no entanto, não esteve presente. Como alternativa, a professora pediu à minha colega R.

que realizasse com os alunos os exercícios da prova de aferição de Português de 2009, como preparação para a prova de aferição que se iria realizar na semana seguinte.

A R. realizou oralmente exercícios de interpretação de texto e exercícios gramaticais. Após o intervalo, os alunos, individualmente, realizaram a segunda e última parte da prova de aferição, que consistia num exercício de expressão escrita. Enquanto os alunos realizavam este exercício, nós, estagiários, a pedido da professora, ajudámos algumas crianças.

Inferências / Fundamentações

Os exercícios de revisões para a prova de aferição esclareceram diversas dúvidas e deram, por certo, aos alunos uma maior segurança para a realização da futura prova. Ferreira e Santos (1994, p. 58) defendem que a realização de revisões é «de extrema importância para a retenção de conteúdos adquiridos». Como tal, nunca é demais referir que a realização de revisões é de extrema importância, uma vez que possibilita aos alunos esclarecer as suas dúvidas, dá a informação ao professor acerca das maiores dificuldades dos mesmos, para além de ser um momento muito rico para os alunos na consolidação dos seus conhecimentos.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Este dia de estágio estava destinado para a aula programada da minha colega V. No entanto, ela não esteve presente. Para solucionar este problema, a professora disse que a S., a R. e eu nos iríamos organizar e, como aula surpresa, cada uma iria trabalhar uma área (que podia repetir-se).

A R. iniciou a aula na Área da Matemática, realizando com os alunos uma proposta de trabalho sobre as frações. De seguida, na Área de Português, eu trabalhei com os alunos os seguintes conteúdos: verbos transitivos, intransitivos e verbos copulativos. No final da manhã, a minha colega S. deu a sua aula, também de Português, elaborando uma proposta de trabalho que consistia na análise morfosintática de palavras.

Inferências / Fundamentações

Nesta manhã de estágio, como já referido, tivemos aula surpresa. Na aula que “dei”, a pedido da professora titular de turma, abordei como conteúdo os verbos transitivos, intransitivos e verbos copulativos. Durante a aula, os alunos demonstraram alguma dificuldade e erraram alguns exercícios, o que me levou a explicar a matéria diversas vezes. Um dos cuidados que tentei ter foi sempre valorizar o erro do aluno, pois considero que a escola é um espaço onde é permitido falhar e onde as crianças não devem sentir medo de dar respostas incorretas. Ferreira e Santos (1994, p. 90) defendem que «os insucessos também são fontes de aprendizagem que devem ser rentabilizados pedagogicamente». Assim, quando o aluno dá uma resposta que não é a correta, sente que, mesmo falhando, não é abandonado ou repreendido pelo professor.

Terminei a minha aula, assegurando-me que não ficavam dúvidas em relação aos conteúdos transmitidos e que a matéria foi compreendida corretamente pelos alunos.

1.6. 6.º Momento de Estágio (2.º ano, turma B)

Este momento de estágio decorreu entre 30 de abril e 22 de junho de 2012 e foi realizado com o 2.º ano, turma B, e respetiva professora titular. Os alunos que constituem esta turma são crianças na faixa etária dos 7 anos.

1.6.1. Caracterização da Turma

A turma do 2.º ano B é constituída por vinte e oito alunos, sendo que quinze são do género feminino e treze do género masculino.

Segundo informação da professora, relativamente ao nível das competências, na Área de Português, a turma revela dificuldade na leitura e escrita de pequenas frases e textos, bem como a sua interpretação. A falta da aplicação de sinais de pontuação no final da frase, bem como o uso de maiúsculas e a utilização correta dos sinais gráficos de acentuação são também dificuldades apresentadas. Na Área da Matemática, as principais dificuldades centram-se na realização de operações, bem como no cálculo mental.

Esta é uma turma que se mostra muito interessada no ambiente que a rodeia, interessada e motivada para a aprendizagem. Grande parte dos alunos são apoiados por

familiares que mostram interesse pelo desempenho e aproveitamento escolar dos seus educandos. Um número elevado de alunos consegue manter a concentração da atenção, existindo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável. Apenas um aluno iniciou o processo de aprendizagem da leitura e escrita só no ano passado (enquanto os restantes, por estarem há mais tempo neste escola privada, iniciaram a aprendizagem da leitura e da escrita aos 5 anos); as dificuldades deste aluno na Área de Português são notórias. Este aluno apresenta também muitas dificuldades na Área da Matemática.

1.6.2. Caracterização do Espaço

A sala no 2.º ano B situa-se no 1.º andar desta escola, perto da biblioteca e da sala do 2.º ano A. Ao lado da sala, encontra-se uma pequena casa de banho, que normalmente é frequentada apenas pelos alunos do 2.º ano. A sala tem três janelas e uma porta de acesso. Existem vinte e oito mesas, dispostas em filas.

Há, na sala, um quadro preto, para giz, e, ao seu lado, um pequeno armário com os dossiês dos alunos, onde são arquivados os trabalhos realizados pelos mesmos. Ao longo das paredes da sala existem dois placares, onde são expostos trabalhos das três áreas curriculares, bem como alguns desenhos realizados pelos alunos e oferecidos à professora, um pequeno mapa de Portugal Continental. Ao fundo da sala, existe um outro armário de arrumação e, ao seu lado, encontra-se a mesa da professora. A sala do 2.º ano B possui a única entrada que dá acesso à sala de professores.



Figura 16 - Sala de aula do 2.º ano (turma B)

1.6.3. Horário

O horário desta turma, que nos foi cedido pela professora titular, é o que se transcreve a seguir.

2º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Educação Musical
15.20-16.10	Biblioteca/Informática 15.00 – 16.00			Expressão Artística 15.20-17.00	Educação Física
16.10-17.00	Estudo do Meio			Formação Pessoal e Social 16.30 – 17h	
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

Figura 17 - Horário do 2.º ano (turma B)

1.6.4. Rotinas

Todas as manhãs, é realizado, no salão da escola, o acolhimento das crianças em roda. Este momento é realizado com canções entoadas por todas as crianças, professoras, educadoras e estagiárias. Após este momento, todas as crianças, incluindo as do 2.º ano, dirigem-se para as suas salas com as respetivas professoras ou educadoras.

Depois do momento de acolhimento e antes de se dirigirem à sua sala, os alunos do 2.º ano B, vão à casa de banho. Quando terminam o recreio, há novo momento de higiene antes dos alunos entrarem na sala novamente.

O primeiro recreio do dia realiza-se a meio da manhã, às 11 horas. Durante aproximadamente trinta minutos, as crianças brincam livremente no espaço exterior. Este espaço é partilhado com todos os alunos do 1.º Ciclo em simultâneo.

Os alunos do 2.º ano, durante o recreio, fazem um pequeno lanche. Este lanche normalmente é composto por algumas bolachas ou uma fatia de pão. O almoço, no refeitório, é pelas 13 horas.

1.6.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Neste dia, mudámos de turma e dirigimo-nos para o 2.º ano B. Por se tratar de um dia de *roulement*, apenas se encontrava presente a professora do 2.º ano A, pelo que, após o momento de acolhimento, todos os alunos e estagiárias do 2.º ano se dirigiram para a sala da turma A. Aqui, a professora iniciou a manhã pedindo aos alunos que cantassem todas as tabuadas e que conjugassem alguns verbos em diferentes tempos (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro).

De seguida, a professora distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho na Área da Matemática, com algumas revisões. Durante a realização da mesma, todas as estagiárias da sala ajudavam os alunos em algumas dúvidas que iam surgindo.

Após o intervalo e depois de concluída a proposta de trabalho, os alunos fizeram atividades livres como pintura, desenho e leitura de livros.

Inferências / Fundamentações

Nesta escola, os alunos começam a aprendizagem da leitura e da escrita aos 5 anos de idade, no Pré-Escolar. Assim, nos demais anos do 1.º Ciclo do Ensino Básico adiantam-se um ano em relação aos programas oficiais. É o caso do que acontece em relação ao Programa de Português em vigor para o 2.º ano de escolaridade (Ministério da educação, 2009).

Neste dia, a professora pediu a alguns alunos que conjugassem alguns verbos num determinado tempo (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro). No Programa de Português do 1.º Ciclo, Ministério da Educação (2009), no domínio do Conhecimento Explícito da Língua, é determinado que o aluno deverá «Explicitar regras e procedimentos nos diferentes planos do conhecimento explícito da língua» (p. 27). Em relação aos dois primeiros anos do Ensino Básico, os tempos verbais a tratar são «presente, futuro, pretérito (perfeito)» (p. 48). Só para os 3.º e 4.º anos de escolaridade é apontado o domínio do tempo verbal «pretérito (perfeito, imperfeito)» (p. 55). Assim, promover exercícios que ajudem a perceber e a treinar a conjugação de verbos são

relevantes para futuramente, serem aplicados de forma correta na linguagem oral e escrita e, naturalmente, para cumprir o estipulado no Programa de Português.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Hoje houve aula, “dada” pela estagiária L., assistida por uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. Na Área de Estudo do Meio, a L. explorou as características do golfinho boto. Através de uma apresentação em PowerPoint, referiu aspetos como a alimentação e o habitat deste animal, e abordou algumas características gerais dos mamíferos. De seguida, na Área de Português, explicou os graus dos adjetivos, especificando o grau superlativo, através de um texto projetado no quadro. Para finalizar, na Área da Matemática, referiu, sucintamente, o conceito de perímetro, e realizou um exercício com o auxílio do material estruturado *Cuisenaire*. A aula da L. estava programada para 60 minutos; no entanto, finalizou-a em 40 minutos.

A seguir, a professora titular de turma distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho de expressão escrita que tinha como título “Ser amigo é...”. Nesta proposta, os alunos escreveram as características necessárias para considerarem uma pessoa amiga.

Ao final da manhã, na reunião com as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, foram tratados aspetos positivos e aspetos a melhorar das aulas assistidas.

Inferências / Fundamentações

A aula dada pela L. não correu da melhor forma. As estratégias que utilizou não foram as mais adequadas e despertaram muitas dúvidas nos alunos, para além de não ter conseguido gerir corretamente o tempo que dispunha para dar a sua aula. Durante todas as explicações que deu, a L. não foi clara e era notório que a maior parte dos alunos não estava a compreender os conteúdos lecionados.

Posteriormente, em diálogo com a professora titular de turma e com as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, foram tratados aspetos que poderiam ser alterados, outras estratégias a adotar e, conseqüentemente, tornar mais perceptível a aula dada. Cunha (2008, p. 81) considera essencial que o professor ajude o estagiário a «extrair significado da sua experiência prática».

É importante perceber que, quer os aspetos mencionados pelos professores supervisores de estágio sejam positivos ou negativos, as suas intenções são sempre as de que o aluno estagiário melhore a sua prestação e desempenho em aulas futuras.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

A professora iniciou a manhã com uma breve conversa com os alunos, sobre as atividades realizadas durante o fim de semana. Após, a minha colega R. “deu” a sua aula programada, que foi assistida por uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. Na Área de Português, a R. fez uma breve revisão sobre os grupos frásicos e introduziu um grupo novo, o grupo móvel. Para consolidação deste conteúdo, a R. distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho, que consistia em colar o grupo nominal e verbal, de modo a construir uma frase, e, de seguida, acrescentar o grupo móvel à mesma. Na Área da Matemática, realizou duas situações problemáticas não rotineiras, ilustrando-as com material muito apelativo. Para finalizar a sua aula, trabalhou na Área de Estudo do Meio. Através de uma apresentação em PowerPoint, referiu as características gerais dos peixes; para consolidação dos conteúdos transmitidos, a R. levou um pargo e mostrou, no concreto, todas as características faladas anteriormente. Os alunos também realizaram uma sopa de letras que consistia em encontrar as respostas a algumas perguntas sobre as características dos peixes.

A meio da manhã, decorreu a reunião com as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica. Concluída a reunião, regressámos à sala do 2.º ano B, onde os alunos realizavam trabalhos em atraso. Enquanto decorria esta atividade, nós, estagiárias, arrumámos alguns trabalhos realizados pelos alunos nos respetivos dossiês.

Inferências / Fundamentações

Na Área da Matemática, a minha colega realizou com os alunos situações problemáticas não rotineiras. Estas situações problemáticas exigem um esforço mental e um raciocínio lógico por parte dos alunos. Em todas as situações problemáticas, os alunos não necessitaram de realizar cálculos para obter o resultado, mas sim de recorrer a esquemas e a desenhos que auxiliavam o seu pensamento. Boavida, Paiva, Cebolla, Vale, e Pimentel (2008) definem este tipo de problemas como «problemas de processo» (p. 19). Estes autores defendem ainda que estes problemas:

[...] diferem dos de cálculo porque não podem ser resolvidos apenas por selecção da(s) operação(ões) apropriada(s). Estão, geralmente, embutidos em contextos mais complexos e requerem um maior esforço para compreender a Matemática necessária para chegar à solução, uma vez que tem de se recorrer a estratégias de resolução mais criativas para descobrir o caminho a seguir. Requerem persistência, pensamento flexível e uma boa dose de organização. (p. 19)

Estas situações problemáticas devem ser colocadas a alunos deste ano de escolaridade, uma vez que estimulam o pensamento deles e desenvolvem o raciocínio lógico. No Programa de Matemática (2007), é expressamente referido que «a capacidade de resolução de problemas desenvolve-se resolvendo problemas de diversos tipos e em contextos variados, e analisando as estratégias utilizadas e os resultados obtidos» (p. 29), sendo apontados os seguintes objetivos específicos:

- Identificar o objectivo e a informação relevante para a resolução de um dado problema.
- Conceber e pôr em prática estratégias de resolução de problemas, verificando a adequação dos resultados obtidos e dos processos utilizados.

Estes exercícios foram bem aceites pelos alunos, que demonstraram, desde logo, o seu agrado e motivação para os realizar.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Os alunos começaram a manhã realizando uma ficha de avaliação de Português. Enquanto decorria a elaboração da mesma, nós, estagiárias, arquivámos alguns trabalhos realizados pelos alunos nos respetivos dossiês.

Após o intervalo, os alunos tiveram Clube de Ciências. O professor realizou com os alunos uma experiência que tinha como objetivo verificar que duas coisas não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo.

No final da manhã, a professora da turma distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho que consistia num ditado de lateralidade.

Inferências / Fundamentações

Durante a manhã, a pedido da professora da sala, dedicámos algum tempo à arrumação de trabalhos realizados pelos alunos nos respetivos dossiês. O dossiê

individual do aluno pode ser considerado como um *portfólio*, onde estão disponíveis, segundo Ponte e Serrazina (2000, p. 234), «coleções de trabalhos onde se evidencia o que um aluno é capaz de fazer, dando a conhecer o percurso por ele realizado durante um certo período».

Com estes dossiês, tanto a professora como o encarregado de educação têm conhecimento da progressão do aluno. No final do ano letivo, encontra-se no mesmo uma compilação do percurso realizado pelo aluno ao longo do ano.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

A professora iniciou a manhã com um exercício de cálculo mental (perguntas de tabuada e situações problemáticas).

De seguida, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de expressão escrita, que consistia na elaboração de uma composição, que tinha como título “O que farias se fosses uma árvore?”. Enquanto os alunos realizavam esta proposta, a minha colega R. e eu arrumámos alguns trabalhos nos dossiês dos alunos.

Após o recreio, foi feito um ditado de números. Os números foram referidos por ordens, por classes e referindo a última ordem. De seguida, realizaram exercícios de aplicação na Área da Matemática, sobre tabuada e análise de pictogramas. Para finalizar a manhã, a professora fez com os alunos um “campeonato de tabuada”, que consiste na realização de algumas operações de matemática apenas em três minutos.

Inferências / Fundamentações

A aplicação de exercícios de expressão escrita (composição) ganha relevância, uma vez que estimula a criatividade das crianças, desenvolve conhecimentos linguísticos e a capacidade de organização de texto. Segundo André (1986, p. 9), «o aluno projeta sempre, na redação que faz, não apenas elementos indicativos do nível cultural e dos conhecimentos linguísticos que já atingiu, como especialmente traços importantes da sua personalidade».

Com a conclusão deste exercício escrito, foi notório que os alunos revelaram uma grande capacidade de imaginação, que deram origem a composições muito

interessantes. A imaginação das crianças está ligada ao desenvolvimento da linguagem e da inteligência, provocando assim uma memória saudável (Guedes, 2002, p. 34).

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Nesta manhã, a professora conversou com os alunos sobre as atividades realizadas durante o fim de semana. De seguida, efetuaram a leitura e interpretação de um texto, do manual escolar, intitulado “Astronautas a brincar”. Enquanto decorria esta atividade a minha colega R. e eu arrumámos alguns trabalhos nos dossiês dos alunos.

Após o intervalo, todos os alunos do 2.º ano se dirigiram ao ginásio, onde assistiram a uma ação de formação sobre os cuidados a ter com o sol. Concluída a sessão, regressaram novamente à sala, onde se encontrava uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica a fazer a inspeção ao trabalho realizado pela professora titular de turma. No final da manhã, os alunos realizaram uma proposta de trabalho na Área da Matemática sobre situações problemáticas não rotineiras.

Inferências / Fundamentações

Uma normativa do Ministério da Saúde (2006, pp. 16-17) indica que a promoção da saúde na escola tem como ponto de partida o saber das crianças e o que fazem para se proteger, induzindo a atitudes e comportamentos corretos. Da mesma forma, é considerado importante realizar programas de prevenção que incidam num determinado problema e se adequem ao público-alvo, acabando por envolver toda a comunidade escolar. O ponto fulcral é o de reparar e /ou atenuar fatores de risco.

Assim sendo, pareceu-me muito interessante a sessão a que hoje os alunos tiveram oportunidade de assistir. Aproximam-se os dias quentes, as idas à praia (já que todos os alunos vivem em Lisboa, perto de praias) e a formação feita responde à normativa indicada.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

A manhã iniciou-se com algumas perguntas de cálculo mental feitas pela professora titular de turma. No decorrer deste exercício, realizou perguntas de tabuada,

horas, dobro e triplo e situações problemáticas. De seguida, os alunos realizaram um exercício ortográfico que consistia num ditado do texto lido na véspera (“Astronautas a brincar”).

A meio da manhã e após o intervalo, os alunos trabalharam com o 5.º Dom de Froebel. Quando o material já se encontrava distribuído por todos os alunos, a professora pediu à minha colega de estágio M. que fizesse com os alunos uma construção. No entanto, a M. alegou que não se sentia preparada para tal e a minha colega T. ofereceu-se para “dar” esta aula. Iniciou-a fazendo uma breve apresentação do material, abordando as principais características das peças. Realizou a construção de um comboio, inventada pela própria, e com esta construção fez situações problemáticas que apelavam ao cálculo mental dos alunos.

Depois da aula “dada” pela T. os alunos corrigiram os erros de um ditado de palavras realizado anteriormente.

Inferências / Fundamentações

A minha colega trabalhou com os alunos com o 5.º Dom de Froebel, realizando uma construção de sua autoria. Este material é composto por 27 cubos: 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios, outros três cubos partidos em quatro quartos. Tal como os restantes dons, apresenta-se dentro de uma caixa de madeira.

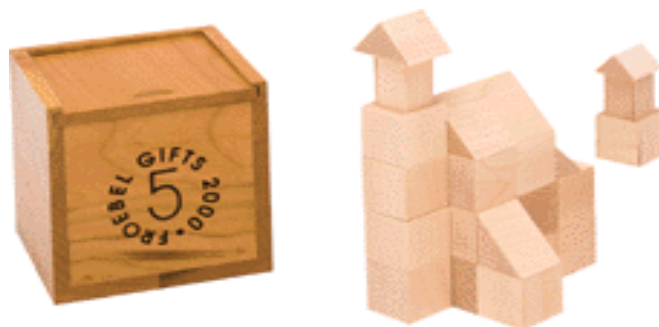


Figura 18 - 5.º Dom de Froebel

Para além das construções que se podem realizar, este material permite também uma ampliação significativa sobre os conhecimentos acerca dos números racionais. A iniciação de frações deve ser consolidada com diversos modelos e com experiências,

materiais que ajudem a consolidar os conhecimentos. Segundo Caldeira (2009, p. 303), «o Ensino Básico inclui actividades que ajudam os alunos a compreender as fracções e os decimais, a explorar as suas relações e a construir conceitos de ordem e equivalência». O manuseamento deste material só enriquece as crianças, uma vez que desenvolve capacidades e destrezas, valores e atitudes, para além de contribuir para a construção do conhecimento a nível matemático.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

Nesta manhã, a minha colega de estágio S. “deu” a sua manhã de aulas programada. Na Área da Matemática, explorou os sólidos geométricos. Através de uma apresentação em PowerPoint, referiu os constituintes de cada sólido, dando ênfase ao número e forma das faces, número de arestas e vértices. Para consolidação dos conteúdos transmitidos, organizou os alunos em grupos e realizou jogos (por exemplo, desenhar um determinado sólido e associá-lo a um objeto existente na sala de aula).

Após o recreio, na Área de Português, a S. explicou o tempo verbal pretérito mais que perfeito, dos verbos simples. Como introdução à matéria, perguntou aos alunos o que é um verbo, realizou revisões dos restantes tempos verbais já conhecidos deles, e explicou como se forma o pretérito mais que perfeito, referindo as terminações. Como atividade de consolidação, distribuiu pelos alunos cartões com alguns verbos e pediu às crianças que os conjugassem no quadro. Na Área de Estudo do Meio a S. referiu, com uma apresentação em PowerPoint, as características gerais dos anfíbios.

Inferências / Fundamentações

Uma das críticas apontadas à aula da minha colega foi o facto de os alunos responderem em “coro” ao que era perguntado. As respostas em “coro”, por um lado, podem favorecer umas crianças pelo facto de ficarem desinibidas; por outro, as crianças que não sabem continuam sem saber, uma vez que não é possível aferir se compreenderam o que era suposto. Perante esta situação, Postic (1984, p. 187) refere: «o método interrogativo, pela sua própria natureza, apresenta uma ambiguidade fundamental: pretende introduzir uma participação do aluno na elaboração do seu saber, mas faz correr o risco de o submeter estreitamente ao procedimento intelectual do professor».

A meu ver, a minha colega aceitou respostas em “coro” para que todos os alunos respondessem ao que era pedido e assim participassem todos, de igual forma.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Neste dia “dei” a minha aula programada. Inicialmente, tive uma breve conversa com os alunos sobre as atividades que realizaram ao longo do fim de semana.

Comecei a minha aula na área de Estudo do Meio⁴. Fiz uma breve revisão sobre as características gerais dos anfíbios e, de seguida, dei a conhecer um anfíbio invulgar, “axolote”. De seguida, distribuí pelos alunos uma proposta de trabalho. Dentro de um envelope, encontravam-se cartões onde estavam escritas características gerais dos anfíbios e características específicas do axolote. Os alunos tinham de colar na proposta entregue por mim apenas as características referentes ao anfíbio falado.

Na Área da Matemática, expliquei quais os submúltiplos do metro, e, através de uma régua de um metro, expliquei como se formaram os submúltiplos desta unidade principal de medida. Após estas explicações, mostrei a cada criança a régua que tinha levado, enquanto as restantes mediam o comprimento de alguns objetos (como por exemplo, o lápis de carvão), usando a régua deles.

Após o recreio, distribuí pelos alunos uma proposta de trabalho com exercícios de aplicação dos conteúdos transmitidos anteriormente. No final da manhã, trabalhei na Área de Português. Fiz uma revisão sobre a conjugação dos verbos no pretérito mais que perfeito. Para consolidar estes conteúdos, realizei com os alunos uma proposta de trabalho. Distribuí pelas crianças uma folha plastificada, onde estavam escritos os pronomes pessoais *eu, tu, ele, nós, vós, eles*; num saco que entreguei a cada aluno, estavam cartões, que tinham escrito o radical de alguns verbos, e outros cartões que continham as terminações do pretérito mais que perfeito. Os alunos tinham de colar, com velcro, na folha plastificada, o radical, as terminações, construindo assim a conjugação de alguns verbos neste tempo.

⁴ A minha aula de Estudo do Meio será comentada no capítulo 2, Planificações.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

Nesta manhã de estágio, a professora iniciou o dia com a realização, oral, de exercícios de ortografia (por exemplo, pronunciava a palavra “casa” e questionava os alunos se se escrevia com “s” ou com “z”). Estes exercícios foram corrigidos, recorrendo às regras de *Cartilha Maternal*. Após, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha formativa e realizou um ditado de palavras. As palavras deste ditado foram ditas por alguns alunos. No verso desta ficha formativa, encontravam-se exercícios sobre o grau dos adjetivos, sobre verbos, artigos definidos e indefinidos. Concluído o ditado de palavras, os alunos fizeram estes exercícios.

Depois do recreio, a turma teve uma aula de Clube de Ciências. O professor realizou uma experiência que tinha como objetivo dar a perceber o conceito de pressão atmosférica.

Após o Clube de Ciências, os alunos realizaram fichas trabalhos em atraso e fizeram a cópia da regra da sílaba forte. Enquanto decorriam estas atividades, a professora reuniu-se com todas as estagiárias e falou da aula da S. e da minha.

Inferências / Fundamentações

Observo que, pontualmente (como sucedeu hoje), os alunos realizam fichas de trabalho. Estas podem ter benefícios, uma vez que permitem avaliar a aquisição de conhecimentos ao nível de conceitos e de desenvolvimento de competências. Autores como Ponte e Serrazina (2000, p. 232) mencionam que as fichas de trabalho constituem um material de ensino usado frequentemente pelos professores e funcionam como instrumento de avaliação. As fichas contemplam, na maioria, o trabalho individual do aluno.

Assim, é possível referir que, se o ensino não se deve basear apenas na resolução de fichas de trabalho, a sua aplicação esporádica é benéfica no ensino e aprendizagem dos alunos.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Nesta manhã de estágio, os alunos do 2.º ano B dirigiram-se para a sala onde a minha colega R. já se encontrava preparada para “dar” a sua aula programada. A R.

iniciou a aula com uma breve conversa com os alunos sobre algumas atividades realizadas ao longo da semana e, de seguida, deu início à sua aula na Área de Estudo do Meio. Fez revisões sobre as características gerais dos mamíferos e deu a conhecer as características de um mamífero invulgar, o ocapí, para o que usou uma apresentação em PowerPoint. Explicadas algumas características deste animal, a R. realizou com os alunos uma atividade de consolidação, que consistia em responder acertadamente a questões sobre as características do ocapí; a cada resposta correta, os alunos recebiam uma letra, com o objetivo de, posteriormente, colarem as letras recebidas pela ordem correta e formarem a palavra “mamífero”. De seguida, a R. distribuiu uma ficha informativa sobre os conteúdos trabalhados e fez a leitura, em voz alta, da mesma.

Na Área de Português, a R. explicou em que consiste um postal (estrutura e constituintes), através de uma representação em *k-line*, em grande, de um postal, que expôs no quadro da sala. Seguidamente, entregou uma ficha formativa, que os alunos tinham de preencher, com os constituintes do postal, a partir da representação no quadro. Os alunos preencheram a ficha simultaneamente à explicação dada e ao preenchimento do postal, em grande, no quadro. Como atividade, a R. propôs que cada aluno imaginasse que tinha ido visitar o ocapí ao seu habitat natural e que escrevesse um postal a um amigo a contar a sua aventura. Para tal, colocou dentro de um pequeno saco todos os nomes dos alunos e de seguida, cada um retirou um nome com o objetivo de saber a quem iria escrever o seu postal. Após o intervalo, os alunos regressaram à sala e iniciaram a elaboração do postal. Concluídos estes, a R. distribuiu os selos para serem colados, para os postais serem enviados para as respetivas moradas.

Na Área da Matemática, a R. fez uma breve revisão sobre os submúltiplos do metro. Deu a definição de metro e introduziu e explicou os múltiplos do metro, através de uma apresentação em PowerPoint. De seguida, distribuiu uma ficha formativa com exercícios de aplicação sobre este conteúdo. Para finalizar a sua aula, distribuiu uma ficha com toda a informação trabalhada na Área da Matemática e realizou com os alunos a respetiva leitura.

Inferências / Fundamentações

Na Área de Português, a minha colega apresentou a definição e os constituintes de um postal. No Programa de Português (Ministério da Educação, 2009, p. 45), no

âmbito da “Escrita”, é referido como objetivo que o aluno, no 3.º ano (e refiro-me ao 3.º ano porque, como já atrás expliquei, os alunos desta escola particular iniciam o trabalho de leitura e escrita aos 5 anos de idade), deve «escrever uma curta mensagem – recado, aviso, nota, correio electrónico». Embora, nos conteúdos a explorar, não seja nomeado o postal, é indicada especificamente a carta, e o trabalho sobre «fórmulas de saudação e despedida; assunto; data; remetente, destinatário», elementos que, num postal, se usam igualmente, com a vantagem de o assunto ser mais sucinto.

Para consolidar este conteúdo, a R. optou por distribuir por todos os alunos uma ficha formativa a preencher no decorrer das explicações dadas. Ao fazê-lo, apelou muito à participação dos alunos, o que foi muito positivo, uma vez que conseguiu mantê-los motivados. Quando propôs aos alunos que escrevessem um postal a um colega, pedindo a cada aluno para retirar um papel à sorte com o nome de um colega, foi notório que existiu uma grande agitação e curiosidade por parte da turma.

De acordo com Estanqueiro (2010, p. 32), «é fundamental acreditar naquilo que se faz. Dando o seu melhor ao ensino, o professor dignifica o seu trabalho e influência positivamente a motivação dos alunos». Agrada-me muito o tipo de atividades como o feito pela minha colega, que recorrem ao “mistério” e ao desconhecido, provocando aquele tipo de sentimentos nos alunos. Considero que a minha colega fez uma boa opção ao usar esta estratégia, pois proporcionou um grande entusiasmo nos alunos.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

A minha colega de estágio M. “deu” a sua aula programada. Depois de uma breve conversa com os alunos sobre as atividades realizadas ao longo do fim de semana, distribuiu fotocópia de um texto intitulado “O Canário da Gigi”, de Natália Miranda. Realizou a sua leitura e fez perguntas de interpretação, pedindo ainda aos alunos para identificarem nomes próprios, comuns e coletivos. Sempre que um aluno dava uma resposta correta, a M. elogiava-o. A Área de Estudo do Meio tinha como tema a constituição das plantas e, como tal, a M. referiu quais as partes constituintes das plantas bem como a função de cada uma. Para consolidação dos conteúdos transmitidos, realizou uma atividade que consistia em colar, na imagem de uma árvore, no local correto, os diferentes constituintes de uma planta. A minha colega ia circulando pela sala e ajudava as crianças com mais dúvidas ou elogiava as que tinham conseguido fazer

o exercício. Concluída a atividade, a M. distribuiu uma ficha informativa com toda a informação falada.

Após o intervalo, na Área da Matemática, a minha colega explicou em que consiste uma fração, como se lê e quais os seus constituintes (numerador, denominador e traço de fração), através de uma breve apresentação em PowerPoint. Deu a cada criança retângulos de cartolina, que representavam tabletes de chocolate, para que pudessem realizar alguns exercícios de consolidação.

Inferências / Fundamentações

Tenho de referir que a aula da minha colega correu muito bem e o que mais me agradou foi o reforço positivo que a M. fez constantemente aos alunos, mesmo aos que tinham realizado os exercícios menos bem.

Considero que o reforço positivo nos alunos é muito importante na medida em que os motiva para atividades futuras. Canavarro, Pereira e Pascoal (2001, p. 44) defendem que estes reforços positivos motivam os alunos e que promovem e consolidam o bom comportamento e ainda «aumentam as probabilidades deste de manifestar novamente». Estes autores referem ainda que «o educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação». Por todos estes motivos, considere de extrema importância os reforços positivos que a M. fez durante toda a sua aula, conquistando assim os alunos e o interesse em participar. Todos estes fatores contribuíram para o sucesso da sua aula.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Nesta manhã, a minha colega de estágio T. “deu” a sua aula programada. Dividiu os alunos da turma em grupos e, de seguida, trabalhou na Área de Estudo do Meio. Fez a distinção entre plantas comestíveis e ornamentais, dando a definição de cada uma, bem como os respetivos exemplos. Com uma breve apresentação em PowerPoint, realizou todas as explicações e, em simultâneo, mostrou aos alunos plantas comestíveis e ornamentais que tinha levado para a sala. Depois de transmitidos os

conteúdos, a T. propôs uma atividade que consistia em colar em cartazes diferentes partes das plantas comestíveis (flores, frutos, sementes, raízes, caules e folhas comestíveis). Para concluir, distribuiu uma ficha formativa com exercícios de consolidação do conteúdo trabalhado. Na Área da Matemática a T. relembrou o conceito de fração, dando exemplos no quadro da sala. Após o intervalo, distribuiu pelos alunos uma ficha formativa para que estes pudessem pôr em prática os conhecimentos adquiridos. Concluída a ficha formativa realizou com os alunos um jogo de dominó que tinha sido construído pela própria.

De seguida, na Área de Português, a T. pediu a alguns alunos que contassem a fábula “A lebre e a tartaruga”, com o objetivo de perceberem que, por norma, a moral das fábulas é um provérbio. Pediu aos alunos que procurassem no dicionário a definição de provérbio e que a lessem em voz alta. No final da manhã, distribuiu pelos alunos uma ficha formativa, na qual os alunos tinham de preencher alguns provérbios que se encontravam incompletos. Em simultâneo, pôs a tocar uma cassete, onde se ouvia a T. a dizer provérbios. A aula da T. não foi concluída devido à incorreta gestão de tempo.

Inferências / Fundamentações

Neste dia, saliento a forma como a T., na Área de Estudo do Meio, expôs toda a sua aula. Estanqueiro (2010) defende que «uma exposição eficaz implica, entre outras condições, organização dos conteúdos, clareza de linguagem e recursos multimédia adequados» (p. 34). Este autor refere ainda que «o diálogo é considerado como a melhor estratégia de comunicação na sala de aula» (p. 33). A T. organizou muito bem os conteúdos e explicou-os sempre de uma forma clara aos alunos. Para além destes aspetos positivos, apelou bastante à participação dos alunos, conversando constantemente com os mesmos, o que foi uma mais-valia, uma vez que cativou os alunos para a sua aula. Considero relevante referir que, embora a T. tivesse feito uma incorreta gestão do tempo, a sua aula foi muito dinâmica e cativante para os alunos.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

Hoje, a minha colega T. terminou a aula na Área de Português que tinha ficado por concluir. Depois de uma breve conversa com os alunos sobre as atividades realizadas por eles ao longo do fim de semana, relembrou o conceito de provérbio.

Depois de breves revisões, realizou com os alunos uma ficha formativa, na qual tinham de completar alguns provérbios, consoante o provérbio que iam ouvindo no leitor de cassetes (onde passava a leitura a que me referi no Relato da aula anterior). Enquanto decorria a aula da T., as minhas colegas de estágio e eu arquivávamos alguns trabalhos realizados pelos alunos nos respetivos dossiês.

Após o recreio, a professora titular fez a correção de uma prova feita segundo o modelo de um teste intermédio na Área da Matemática, com o objetivo de efetuar algumas revisões para o teste intermédio que se iria realizar no dia seguinte.

Inferências / Fundamentações

No início de cada semana, é habitual realizar uma breve conversa com os alunos sobre o que fizeram durante o fim de semana. Esta partilha de vivências enriquece quer a criança que conta, quer as crianças que ouvem. Segundo Curto (1998, p. 26), «os professores necessitam de criar espaços de diálogo nas suas aulas, de modo a despertar novos interesses nos alunos e de forma a terem com eles uma relação afectiva».

Estas iniciativas têm extrema importância para o desenvolvimento da linguagem, enriquecem bastante o vocabulário, para além de que, segundo Cordeiro (2010, p. 371), os alunos «aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração e tranquilidade». Desenvolvem, assim, o sentido de respeito pelos outros.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Hoje houve teste intermédio de Matemática. Assim que chegaram à sala, os alunos deram início à realização do caderno 1 do teste. Após um pequeno intervalo, realizaram o caderno 2. Concluído este teste, os alunos dirigiram-se para a entrada da escola, onde tiraram uma fotografia de grupo ainda antes de irem almoçar.

Inferências / Fundamentações

Os testes intermédios de Matemática são disponibilizados pelo GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional) e, segundo o Ministério da Educação, têm como principais finalidades permitir a cada professor aferir o desempenho dos seus alunos por referência

a padrões de âmbito nacional, ajudar os alunos a uma melhor consciencialização da progressão e da sua aprendizagem e, complementarmente, contribuir para a sua progressiva familiarização com instrumentos de avaliação externa⁵.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Este foi dia de *roulement*, já que, na véspera deste dia, fora feriado. Os alunos iniciaram a sua manhã brincando livremente no recreio. De seguida, todos os alunos do 2.º ano se juntaram aos alunos do 3.º ano e, na sala do 3.º ano B, assistiram ao filme *O Gato das Botas*. A meio da manhã, os alunos foram de novo para o recreio, onde fizeram um pequeno lanche e brincaram livremente até à hora do almoço.

Inferências / Fundamentações

Nos dias de *roulement*, alguns pais fazem “pontes”, mas outros não as fazem e não têm onde deixar as crianças, que acabam por ir para a escola. As que vão, brincam, conversam, divertem-se, mas sempre com uma professora presente. Como as duas turmas estão juntas, os alunos acabam por conviver mais e conhecerem-se melhor.

No entanto, nesta manhã, os alunos pouco conviveram, uma vez que se encontravam em silêncio a ver um filme. Healy (citado por Jensen, 2002, p. 35) refere que um dos motivos que leva as crianças de hoje a estarem menos preparadas para a escola deve-se ao fato destas terem uma maior exposição a televisão. Como sabemos deste dado, a menos que se use o televisor ou vídeo para passar um programa que complemente uma matéria, penso ser pouco produtivo usar tempo passado em escola para visionar filmes. Em vez disso, julgo que estes dias deveriam ser aproveitados para as crianças conviverem umas com as outras, uma vez que este é um fator decisivo para o seu desenvolvimento social.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

A professora iniciou a manhã com uma breve conversa com os alunos sobre as atividades realizadas ao longo do fim de semana. Concluída a conversa, solicitou à

⁵ Cf. <http://www.gave.min-edu.pt/np3/430.html>

minha colega de estágio M. que “desse” uma aula surpresa com o material estruturado calculadores multibásicos. Com este material, a M. lembrou algumas regras a ter com a utilização do mesmo, e trabalhou com os alunos a leitura de números até aos milhares de milhão. Depois, a pedido da professora, eu realizei com os alunos uma proposta de trabalho com exercícios de consolidação sobre os calculadores multibásicos.

Após o recreio, a professora realizou a leitura de um texto, em fotocópia, intitulado “Por que somos de cores diferentes?”, de Cármen Gil. Entregou depois aos alunos fotocópias do texto e pediu-lhes que o lessem em voz alta. Fez a avaliação da leitura de cada aluno, e os próprios alunos fizeram a sua autoavaliação. De seguida, a professora fez oralmente algumas perguntas de interpretação do texto. Para finalizar, distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho que continha também perguntas de interpretação do texto lido.

Inferências / Fundamentações

A professora realizou a avaliação da leitura de cada aluno da turma e estes também realizaram a sua autoavaliação. Autores como Pais e Monteiro (1996, p. 28) defendem a importância de os alunos se autoavaliarem, visto que «estes são os maiores críticos do seu próprio desempenho, e esta [atividade] permite ainda ao professor verificar onde se encontram as maiores dificuldades de aprendizagem e contornar os obstáculos».

Estas iniciativas de avaliação da leitura alertam para pontos como a expressividade, a entoação, o respeito pelas regras de pontuação. Ao autoavaliar-se, a criança está a realizar uma crítica sobre todos estes aspetos.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

Nesta manhã, a professora titular referiu algumas regras de sala de aula que não andavam a ser cumpridas pelos alunos. Seguidamente, duas estagiárias do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica “deram” as suas aulas programadas. Uma das estagiárias, durante aproximadamente vinte minutos, realizou com os alunos uma experiência com o objetivo de dar a conhecer o conceito de densidade. De seguida, a outra estagiária “deu” a sua aula; através de uma breve apresentação em PowerPoint,

explicou o conceito de vulcão, os seus constituintes e os três tipos de erupções existente. Mostrou aos alunos um vídeo com os três tipos de erupções vulcânicas. A concluir, realizou uma experiência que representava uma erupção vulcânica do tipo efusivo.

Após o intervalo, a professora conversou um pouco com os alunos sobre o significado do feriado que se iria comemorar no dia seguinte. Em continuidade deste tema de conversa, os alunos ouviram uma música que caracteriza o dia de Santo António e realizaram uma proposta de trabalho. Tratava-se de um texto com lacunas e os alunos tinham de completar a letra da música que estavam a ouvir.

Inferências / Fundamentações

Como referido, a professora falou com os alunos sobre as regras a serem cumpridas na sala de aula. De acordo com Canedo (citado por Pires, 2003, p. 8), a referência às regras de comportamento permite às crianças «compreender a razão da existência das regras sociais, prevendo as consequências dos seus actos e permitindo ao aluno agir com independência e com responsabilidade».

Também Freitas e Freitas (2002, p. 8) salientam a importância das regras, ao mencionar que o professor deve «definir com rigor um conjunto de regras e ensinar os alunos a respeitá-las e cumpri-las». Foi a esta situação que tive oportunidade de assistir no dia de hoje.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Os alunos iniciaram a manhã trabalhando com o material estruturado calculadores multibásicos. Como introdução, a professora questionou os alunos sobre o que se pode fazer com este material. De seguida, realizou com as crianças leitura de números (por ordens, classes e referindo a última ordem), operações de subtração com empréstimo e as respetivas provas. Quando concluíram estes exercícios, a professora distribuiu por todos os alunos um geoplano e, com o mesmo, efetuou um itinerário, representação de figuras geométricas, exercícios de perímetros de figuras e simetrias.

Após um breve intervalo, os alunos realizaram uma ficha formativa sobre simetrias. Este trabalho tinha como finalidade desenhar simetricamente a figura que era apresentada na proposta de trabalho.

Inferências / Fundamentações

A proposta de trabalho sobre simetria permitiu o reconhecimento da simetria de certas figuras e noção de sentido espacial. De acordo com Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 89), «a simetria proporciona oportunidades para os alunos verem a geometria do mundo da arte ou da natureza». Todas estas capacidades desenvolvidas ganham relevância quando são trabalhadas no concreto.

Os alunos realizaram a atividade sem grandes dificuldades. Saliento também que foi notório o interesse e o entusiasmo por parte dos alunos por estarem a realizar uma tarefa que implicava desenhar e pintar figuras simétricas.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

Hoje houve Provas Práticas de Aptidão de Capacidade Profissional das estagiárias do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Excepcionalmente, o momento de acolhimento das crianças não se realizou, tendo as mesmas ido diretamente para as salas. As minhas colegas de estágio e eu dirigimo-nos para a sala do 3.º ano B, com o objetivo de assistir a uma daquelas provas finais.

A colega iniciou a sua prova na Área de Estudo do Meio. Inicialmente, fez uma breve revisão sobre as características dos anfíbios e, de seguida, explorou o axolote. Fez a apresentação deste animal e falou das suas principais características, através de uma apresentação em PowerPoint. Para que os alunos pudessem consolidar as características faladas, levou este anfíbio e mostrou-o a todos. Na Área de Português, distribuiu pelos alunos um texto científico com informações sobre o axolote e, após a leitura e interpretação do texto, distribuiu cartões plastificados que continham palavras (nomes, pronomes, verbos, adjetivos) e sinais de pontuação. Com estes cartões, os alunos tinham de construir frases acerca do texto lido. Na Área da Matemática, a colega construiu com os alunos um pictograma, e fez perguntas de análise do mesmo. Para concluir a prova, no recreio, propôs a realização de um jogo de lagarta que tinha como finalidade chegar rapidamente à imagem de um axolote. A equipa que o fizesse mais rapidamente era a vencedora.

Concluída esta prova regressámos à sala do 2.º ano B, onde a outra colega já se encontrava preparada para realizar a sua Prova Prática de Aptidão de Capacidade Profissional. Na Área de Português, através de um poema musicado, trabalhou com os

alunos os nomes coletivos. Na Área de Estudo do Meio, começou por mostrar aos alunos um excerto do filme “A fuga das galinhas”, que serviu de introdução para a explicação de as galinhas não voarem. Esta temática foi explicada através de uma pequena apresentação em PowerPoint. Após estas explicações, a colega realizou com os alunos um ditado de lateralização, que consistia em tentar descobrir qual das galinhas representadas tinha conseguido fugir do galinheiro. Para concluir a sua prova, organizou os alunos por equipas e levou-os para a sala do Grupo de 3 anos, onde realizou um jogo. Os alunos foram distribuídos em grupo. A minha colega passava uma bola a um grupo e o grupo tinha 5 segundos para começar a cantar uma canção relacionada com animais; não podia haver canções repetidas. A equipa vencedora do jogo recebia um ovo de “ouro”.

Inferências / Fundamentações

Na primeira prova final que assisti neste dia, na Área de Português, a colega distribuiu pelos alunos um texto informativo sobre o anfíbio invulgar falado na Área de Estudo do Meio. De acordo com Sim-Sim (2007, p. 24), entende-se por texto informativo aqueles que «explicam e transmitem informação factual ou opiniões sobre um determinado assunto». Com a leitura do texto distribuído, os alunos prestaram atenção à informação do texto, relacionaram-na com o que já sabiam sobre o assunto e, assim, construíram o seu próprio conhecimento. A mesma autora defende ainda que o ensino da compreensão dos textos informativos implica ensinar estratégias que ajudem a identificar o tema central e o seu desenvolvimento; a escolher os aspetos mais salientes para o objetivo de leitura; a reconhecer a estrutura do texto para melhor poder compreender, recordar e verbalizar o lido (p. 24).

A meu ver, ao optar por um texto informativo, a minha colega teve uma boa estratégia, uma vez que, numa primeira fase, conversou com os alunos e fez o levantamento dos conhecimentos que estes já possuíam sobre o assunto, e só de seguida realizou a leitura do texto distribuído. Com este procedimento, fez o ensino de vocabulário específico presente no texto. Acrescente-se ainda que, com este texto informativo, fez ainda a síntese de toda a sua aula na Área de Estudo do Meio.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Hoje, os alunos fizeram o teste de Estudo do Meio. O teste era constituído essencialmente por exercícios sobre as classes (e respetivas características) dos animais e a constituição das plantas.

Após o intervalo, a turma teve Clube de Ciências. Realizaram uma experiência que trabalhou o conceito de atrito, força de atrito e a lei da inércia. Quando terminaram o Clube de Ciências, os alunos realizaram uma ficha formativa na Área da Matemática sobre operações de dividir. Esta proposta de trabalho foi realizada em conjunto pela professora e alunos.

Inferências / Fundamentações

Como referido, hoje houve teste de avaliação de Estudo do Meio. A avaliação tem como principal objetivo certificar as aprendizagens e as competências desenvolvidas por cada aluno. Com a realização de testes pretende-se dar a conhecer aos principais interessados, o que a criança sabe e faz. Estanqueiro (2010, p. 93) considera os testes como um instrumento mais objetivo, mais simples e mais rápido para se obter dados sobre a aprendizagem do aluno. Ao ser atribuída uma classificação, o teste permite medir, com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno. Possibilita verificar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Neste meu último dia de estágio junto desta turma, “dei” uma aula na Área de Português. Explorei o conceito de lenda e realizei a leitura e interpretação de duas lendas. Comecei por mostrar um mapa de Portugal e destacar onde estão situados os arquipélagos. De seguida, depois de falar um pouco das ilhas que constituem o arquipélago dos Açores, distribuí pelos alunos a lenda da “Lagoa das Sete Cidades”. Coloquei, oralmente, perguntas de interpretação e gramaticais sobre este texto. Para concluir, entreguei a todos os alunos uma fotocópia com a lenda do tangram.

Concluída a minha aula, a minha colega R. também “deu” uma aula na Área da Matemática. Trabalhou com os alunos com o material tangram. Começou por explorá-lo

um pouco, fazendo revisões sobre as figuras geométricas. De seguida, fez com os alunos duas construções: a casa e o coelho.

Após o recreio, foi a vez de a minha colega S. “dar” a sua aula. Distribuiu por cada aluno o material necessário e realizou uma experiência no âmbito do Estudo do Meio. Com canetas coloridas, água e dois tipos de papel, os alunos tinham de fazer separação das cores.

No final da manhã os alunos, a professora e nós, estagiárias, apresentámos todos a todos o nosso sincero obrigado.

Inferências / Fundamentações

Segundo Diniz (2001, p. 60), «a lenda é uma forma narrativa geralmente breve que pode ser escrita em prosa ou em verso. O seu argumento é tirado da tradição oral como o conto».

Ao trabalhar a lenda, verifiquei o entusiasmo dos alunos perante este tema. É normal que isto aconteça, uma vez que a lenda remete para o imaginário das crianças e que envolve em fantasia. Realço o interesse que os alunos demonstraram no decorrer da minha aula e a participação dos mesmos nas atividades propostas. Ainda de acordo com Diniz (2001, p. 61), «na lenda, o maravilhoso e o imaginário superam geralmente o histórico e o verdadeiro»; além disso, a intriga tem possibilidade de prender as crianças, pois «está ligada à vida dos heróis, à sua acção e morte», sendo aliciante e obrigando o ouvinte/leitor a estar sempre preso à ação. Assim, considero que o sucesso desta aula deve-se em muito ao tema abordado.

1.7. 7.º Momento de Estágio (3.º ano, turma B)

Este momento de estágio decorreu entre 25 de setembro e 16 de novembro e foi realizado na sala do 3.º ano B. Esta turma é constituída por alunos na faixa etária dos 8 anos.

1.7.1. Caracterização da Turma

A turma do 3.º ano B é constituída por vinte e sete alunos, sendo catorze do género feminino e treze do género masculino.

De acordo com informações fornecidas pelo professor titular de turma, de uma forma geral, a turma apresenta um nível de maturidade correspondente à faixa etária. Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, sendo que dois têm apoio individualizado.

Apesar de todos os alunos já lerem, alguns fazem-no de forma considerada abaixo da média para o nível de ensino. No que diz respeito à escrita, a maioria dos alunos ainda comete muitos erros ortográficos, mesmo quando copiam. Na Área da Matemática, alguns alunos apresentam dificuldades significativas no raciocínio lógico, o que se repercute na resolução de situações problemáticas. No geral, o cálculo mental está abaixo do considerado razoável para a idade.

A maioria dos alunos tem dificuldade em realizar as atividades no tempo estipulado, havendo dois alunos (os que têm apoio individualizado) que praticamente não realizam trabalho autónomo.

Esta turma adere com curiosidade às propostas apresentadas, tendo, no entanto, períodos de concentração abaixo do nível desejável para o ano de escolaridade em que se encontram. É também uma turma bastante irrequieta e conversadora.

1.7.2. Caracterização do Espaço

A sala do 3.º ano B é bastante ampla e luminosa. Está situada no 1.º andar desta escola. Ao seu lado, podemos encontrar duas casas de banho, que, normalmente, são usadas pelos alunos do 3.º e 4.º anos. Na sala, na parede oposta à porta de entrada, encontramos várias janelas, que dão luminosidade à sala. Ao fundo da sala há um quadro para uso de giz e, de frente para a mesa dos alunos, um quadro interativo. Existem diversos armários que se destinam à arrumação de materiais e dos dossiês individuais dos alunos. Há também alguns placares de cortiça, onde são expostos alguns trabalhos realizados pelos alunos nas diferentes áreas.

Ao lado do quadro interativo encontra-se a mesa do professor titular de turma. Nesta mesa, podemos encontrar um computador e uma impressora, que são muito utilizados para a elaboração de fichas de trabalho para os alunos.



Figura 19 - Sala de aula do 3.º ano (turma B)

1.7.3. Horário

O horário desta turma, que nos foi cedido pelo professor titular, é o que se transcreve a seguir.

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9.00 - 11.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.20	RECREIO				
11.20 - 13.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa Estudo do Meio	Matemática
13.00 - 14.30	RECREIO E ALMOÇO				
14.30 - 15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Estudo do Meio	Inglês
15.20 - 16.10		Língua Portuguesa			Música
16.10 - 17.00	Música *	Educação Física	Inglês	Educação Física*	Estudo do Meio
17.00 - 17.15	LANCHE				

Horário sujeito a alterações

Figura 20 - Horário do 3.º ano (turma B)

1.7.4. Rotinas

Nesta escola, como tenho vindo a referir, é habitual realizar-se o acolhimento das crianças em roda. Este momento tem a duração aproximada de 20/30 minutos e aqui são cantadas algumas canções. Para além das crianças, a roda conta também com a participação de todos os educadores, professores e estagiários. Quando concluído o momento do acolhimento, todas as crianças se dirigem para as respetivas salas.

Antes de iniciarem as primeiras atividades, bem como no final do recreio da manhã, os alunos do 3.º ano B dirigem-se todos à casa de banho. Para além destes dois momentos de higiene, os alunos dirigem-se à casa de banho, autorizados pelo professor titular de turma, sempre que precisam.

O recreio dos alunos do 3.º ano B realiza-se a meio da manhã, às 11 horas. O espaço é partilhado por todos os outros alunos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Aqui brincam livremente, durante aproximadamente trinta minutos.

A meio da manhã e durante o recreio, os alunos do 3.º ano B fazem um pequeno lanche (normalmente composto por algumas bolachas ou uma fatia de pão). Embora não seja observado por nós, estagiárias, às 13h, os alunos dirigem-se para o refeitório, onde almoçam juntamente com os alunos das outras turmas.

1.7.5. Relatos Diários

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

O primeiro dia de estágio na turma B do 3.º ano iniciou-se com a leitura de um texto do manual escolar, intitulado “Joãozinho e a menina do álbum”. Depois de todos os alunos lerem em voz alta um excerto do texto para toda a turma, o professor fez um ditado de um parágrafo do texto. Distribuiu ainda uma proposta de trabalho, que consistia na interpretação escrita do texto lido.

Após o intervalo, os alunos realizaram uma ficha de trabalho com revisões sobre a numeração romana. Esta ficha foi corrigida no quadro interativo com a participação dos alunos. Concluída a correção, o professor realizou chamadas ao quadro, e pediu que os alunos escrevessem alguns números em numeração romana.

Inferências / Fundamentações

O ditado é uma das práticas que beneficia o ensino da escrita, da leitura, e conhecimento da linguagem. Este exercício desenvolve no aluno um maior vocabulário, para além de exigir uma grande concentração e ritmo para o conseguir acompanhar. Autores como Condemarín e Chadwick (1987, p. 184) defendem que «o exercício de registar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem».

No decorrer do ano letivo, o professor titular de turma deve aumentar o nível de dificuldade dos ditados, com o objetivo de desenvolver novas competências, mantendo, contudo, os seus alunos motivados.

Sexta-feira, 28 de setembro de 2012

Os alunos iniciaram o seu dia de aulas trabalhando com o material estruturado 5.º Dom de Froebel. Antes de ser distribuído o material por todos os alunos, o professor fez a revisão de algumas regras a ter em conta com a utilização do mesmo. Projetou uma pequena história no quadro interativo, na qual se encontravam algumas palavras destacadas (que seriam as futuras construções). Após a leitura da história projetada, os alunos realizaram as construções propostas e, a propósito de cada construção, o professor realizou oralmente perguntas que apelavam ao cálculo mental.

Após o intervalo, os alunos trabalharam na Área de Português. Leram um texto do manual, intitulado “Dentes”, de José Jorge Letria. A leitura foi avaliada pelo professor. De seguida, fizeram a preparação de algumas palavras do texto lido (por exemplo, “gingivas”, “escova”, “cárie”), pois ia ser realizado um ditado. Esta preparação foi feita no quadro interativo e, a propósito de cada palavra escrita, o professor fez perguntas referentes à classificação de palavras quanto à acentuação e ao número de sílabas. Posteriormente, foi realizado o ditado em forma de caligrama e o mesmo foi decorado com desenhos e pinturas.

No final da manhã, o professor realizou com os alunos um pequeno concurso de tabuada.

Inferências / Fundamentações

A preparação de algumas palavras para a realização de um ditado foi realizada no quadro interativo da sala, indo diversos alunos escrever algumas palavras do texto lido anteriormente. Acho importante realçar que todas as palavras foram escritas de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Segundo Casteleiro e Correia (2008),

O Novo Acordo privilegia, de certo modo, o critério fonético, em desfavor do critério etimológico. É o que sucede com a supressão, do lado lusoafriano, das chamadas consoantes mudas em palavras como ato (e não acto), direção (e não direcção), ótimo (óptimo), etc. Esta supressão, há muito consagrada do lado brasileiro, facilita a aprendizagem e o ensino da ortografia nas escolas. (p. 5)

Para as crianças este acordo veio facilitar e atenuar os erros ortográficos, uma vez que se esqueceriam dessas letras visto que não as pronunciam.

Segunda-feira, 1 de outubro de 2012

A manhã iniciou-se com a leitura do *Vai e Vem*. Este livro é constituído por páginas em branco, e é levado todas as semanas por uma criança diferente. É nele que são relatadas as atividades realizadas durante o fim de semana pelo aluno que levou consigo o *Vai e Vem*. Depois de partilhados alguns momentos do fim de semana, todos os alunos leram o seu texto, realizado como trabalho de casa, que tinha como tema “Porque se comemora o 5 de outubro?”. De seguida, como forma de resumo de todas as informações lidas pelos alunos, foi realizada uma composição coletiva, orientada pelo professor.

Após o intervalo, trabalharam com o material geoplano. Com o mesmo, fizeram a representação de figuras geométricas, tipos de retas e revisões da classificação de ângulos. Para finalizar, o professor propôs a alguns alunos que fizessem a descrição de algumas figuras geométricas sem nunca dizer o nome delas, e que realizassem a construção de uma figura apenas com um quadrado, triângulo e retângulo.

Inferências / Fundamentações

O material geoplano é um material prático e de fácil manuseamento, com interesse pedagógico. O geoplano permite, segundo Caldeira (2009),

Familiarizar as crianças com diferentes tipos de polígonos mediante impregnação multissensorial; representar figuras geométricas observadas no meio envolvente; estimular a construção de um mesmo tipo de figura, variando a sua disposição no espaço, e com diferentes ângulos; desenvolver o sentido da geometria. (p. 412)

Com este material, os alunos fizeram também construções livres. Ora, depois de trabalhar com o material os conteúdos pretendidos, é muito importante deixar a criança explorá-lo e construir o seu próprio conhecimento.

Terça-feira, 2 de outubro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a preparação da leitura de um texto do manual, intitulado “A Varanda”, de Margarida Fonseca Santos. Depois de alguns minutos de preparação, iniciou-se a leitura avaliada de todos os alunos. Seguidamente a esta avaliação, o professor realizou algumas perguntas de interpretação e gramaticais, na sua maioria referentes à classificação de palavras quanto à acentuação e ao número de sílabas e à conjugação de verbos.

Terminado o intervalo, os alunos do 3.º ano B regressaram à sua sala, onde realizaram uma ficha de trabalho com algumas situações problemáticas. Esta ficha foi corrigida, com a participação dos alunos, no quadro interativo.

Inferências / Fundamentações

A leitura, feita pelos alunos, do texto de Margarida Fonseca Santos foi avaliada pelo professor titular da turma. A meu ver, a avaliação de leitura tem grande importância numa sala de aula, uma vez que, assim, é possível avaliar a evolução do aluno e detetar quais as suas principais dificuldades no âmbito da comunicação escrita. Zabalza (2000, p. 225) defende que «a avaliação está comprometida com o facto de fornecer informação sobre a marcha do ensino». Para um professor perceber e receber informações sobre o seu método de ensino, é relevante o uso da avaliação, pois esta permite ao docente identificar os erros cometidos pelos alunos e, posteriormente, corrigi-los. Com estas operações, o professor pode adotar e explorar novas estratégias e métodos de ensino, procurando sempre o sucesso escolar dos seus alunos.

Segunda-feira, 8 de outubro de 2012

O dia iniciou-se com a leitura do *Vai e Vem*. A criança que levou o livro durante o fim de semana partilhou algumas das atividades realizadas durante o mesmo. De seguida, fizeram a leitura em voz alta de um texto do manual escolar, intitulado “Histórias vividas”, de Luísa Ducla Soares. Depois de todos os alunos lerem, o professor realizou oralmente algumas perguntas gramaticais e de interpretação de texto. De seguida, distribuiu uma ficha formativa com mais perguntas de interpretação do texto lido. Esta atividade foi realizada até à hora do recreio.

Após o intervalo, os alunos trabalharam na Área da Matemática com o material estruturado calculadores multibásicos. O professor realizou com os alunos exercícios de ditado de números, leitura de números, por ordens e classes, e fez referência aos Algarismos de maior e menor valor absoluto e relativo. Depois de fazer estas breves revisões, pediu à minha colega de estágio que continuasse a dar a aula. Quando a minha colega terminou, o professor fez a correção do trabalho de casa no quadro interativo com a participação dos alunos.

Inferências / Fundamentações

Nesta manhã, os alunos trabalharam com o manual escolar de Português. Os manuais são uma preciosa ajuda no ensino, por serem um bom recurso. Mas é necessário saber usá-los, com equilíbrio e bom senso. Segundo Sanches (2001, p. 26), «o manual é um bom recurso, mas não é o único a ser utilizado, não será de seguir à risca o que é proposto. É preciso saber recriar o manual». A utilização do mesmo não deve ser exaustiva. Por exemplo, alternativas como trabalhar em torno de textos realizados pelos próprios alunos são muito interessantes e despertam o interesse e curiosidade dos mesmos.

Terça-feira, 9 de outubro de 2012

A manhã iniciou-se na Área da Matemática. O professor distribuiu por todos os alunos o material necessário à construção de pictogramas. Orientados pelo professor, os alunos realizaram os pictogramas pedidos. Durante a construção dos mesmos, o

professor apelou sempre ao cálculo mental dos alunos. De seguida, pediu-me que continuasse a dar a aula sobre pictogramas até à hora do recreio.

Após o intervalo, os alunos leram novamente o texto, de Luísa Ducla Soares, trabalhado no dia anterior, como preparação para o ditado que se iria realizar. Enquanto treinavam o texto, o professor falou com a minha colega e comigo sobre as aulas dadas por nós. Depois desta breve conversa, foi realizado o ditado do texto preparado. No final da manhã, realizaram uma ficha formativa com revisões do grau dos adjetivos.

Inferências / Fundamentações

O pictograma é um tipo de gráfico, definido por Ruas e Grosso (2000, p. 38) como «um gráfico semelhante ao gráfico de barras, mas que utiliza imagens alusivas ao estudo que está a ser feito».

Quer na aula dada pelo professor, quer na minha aula, os pictogramas foram construídos com a participação dos alunos, após terem sido explicadas as regras para a construção do mesmo. Os pictogramas foram sempre construídos com dados fornecidos pelos alunos. Segundo Borràs (2001, p. 334), é importante que os alunos sejam incentivados a «recolher dados da realidade ou de fontes documentais para sua quantificação e classificá-los e ordená-los» e que possam «realizar representações físicas e gráficas dos dados recolhidos e ordenados». Esta atividade foi muito rica para os alunos, despertando, sem dúvida, o seu interesse e motivação. O que contribuiu para tal foi o facto de este material ser bastante apelativo e atrativo, chamando de imediato a atenção dos alunos.

Sexta-feira, 12 de outubro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a realização de uma ficha formativa de gramática, como revisões para o teste. A correção foi feita pelos alunos no quadro interativo da sala. De seguida, realizaram um exercício ortográfico, que consistia em preencher os espaços lacunares de uma canção. Para tal, o professor colocou a tocar a canção duas vezes, e os alunos completaram com as palavras que estavam em falta. Preenchidos todos os espaços, cantaram alegremente a canção ouvida.

Após o intervalo da manhã, os alunos fizeram uma ficha formativa com exercícios de Matemática. Posteriormente foi realizada a respectiva correção no quadro interativo. No final da manhã, a pedido do professor, realizei chamadas orais de tabuada a todos os alunos da turma.

Inferências / Fundamentações

No ensino da Matemática, a tabuada ganha importância, pois permite aos alunos que resolvam com maior rapidez e, sobretudo, com eficácia as operações da multiplicação e da divisão. Assim, é considerável a relevância de trabalhar este conteúdo com regularidade.

O professor do 3.º ano B realiza frequentemente chamadas orais sobre tabuada ou, até mesmo, faz concursos que levem a estimular os alunos para esta aprendizagem. Segundo Marques (2001, p. 104), «a prática e o treino corresponde a uma metodologia essencial na consolidação dos conhecimentos, na aplicação de conhecimentos e novas situações e na superação das dificuldades de aprendizagem». Este professor organiza frequentemente métodos e técnicas que ajudam a consolidar a tabuada e facilitam a sua aprendizagem.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

Hoje “dei” a minha manhã de aulas programada. Iniciei-a pedindo que a criança que levou o *Vai e Vem* partilhasse com a turma as atividades realizadas durante o seu fim de semana. Comecei na Área de Estudo do Meio. Relembrei quais os sistemas do corpo humano já estudados, e dei a conhecer um novo sistema: o sistema respiratório. Expliquei todo o trajeto que o ar realiza até chegar aos pulmões e voltar novamente a sair pelo nariz. Mencionei os órgãos constituintes deste sistema bem como as suas funções. Todas estas explicações foram dadas com o auxílio de um PowerPoint. De seguida, entreguei uma ficha formativa para serem aplicados os conteúdos falados anteriormente.

Na Área da Matemática, introduzi o conceito de centésima. Numa primeira fase, fiz uma breve revisão sobre as décimas e, seguidamente, com uma apresentação em

PowerPoint, expliquei as centésimas. Após o intervalo, realizei com os alunos exercícios de leitura de números e representação de números centesimais.

Na Área de Português, dei a conhecer as principais características do texto dramático. Distribuí por todos os alunos um texto dramático e, com a participação dos mesmos, realizámos a respetiva leitura. Como conclusão da minha aula, construí, com o auxílio dos alunos, um pequeno cenário. Distribuí adereços, atribuí personagens e pedi que realizassem a representação do texto lido anteriormente.

Inferências / Fundamentações⁶

Nestas minhas aulas programadas, dei primazia aos conhecimentos e experiências dos alunos. Ouvi com atenção todas as suas vivências e tive em conta tudo o que disseram, enriquecendo assim a programação das minhas atividades. Segundo Sanches (2001, p. 46), devemos dar «a vez aos alunos, deixemo-los experimentar, correr alguns riscos. Aprende-se quando se fazem coisas boas, mas também quando se erra». Dando aos alunos a oportunidade de se expressarem, estamos a motivá-los para o tema abordado e a envolvê-los na dinâmica da aula. Não se perde tempo ouvindo as suas vivências e experiências; antes se ganha o interesse e respeito dos alunos.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a realização de um teste na Área da Matemática. Este teste foi realizado até à hora do recreio.

Quando regressaram à sala, após o recreio, fizeram a leitura de um texto do manual escolar, intitulado “A lenda dos hamsters”. O professor distribuiu por todos os alunos uma ficha formativa, com perguntas de interpretação sobre o texto lido. A ficha formativa foi realizada em conjunto no quadro interativo da sala.

Inferências / Fundamentações

Esta manhã destinou-se essencialmente à aferição de conhecimentos, por parte dos alunos, na Área da Matemática. Ao responderem a questões relacionadas com

⁶ A minha aula de Português será comentada no capítulo 2, Planificações.

conteúdos abordados na sala de aula, os alunos demonstram as aprendizagens que fizeram e os conteúdos que dominam. Para Morgado (2004, pp. 80-81), «a avaliação, através dos diferentes procedimentos e dispositivos que podem ser mobilizados, constituiu-se como o principal instrumento de regulação do trabalho do professor e do trabalho dos alunos». Com a realização do teste e, após, a sua correção, o professor pode verificar quais os conteúdos que ainda não são dominados corretamente e planear estratégias que possam ajudar a ultrapassar este obstáculo.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Os alunos concluíram uma ficha formativa iniciada no dia anterior, na qual tinham de identificar, numa tabela, quais as palavras mal escritas. De seguida, fizeram a leitura de um texto do manual, intitulado “De regresso”, de Maria Isabel de Mendonça Soares. Este texto continha lacunas que só podiam ser preenchidas com a resolução de situações problemáticas, que eram fornecidas pelo professor e coladas numa folha à parte depois de resolvidas. Durante a leitura do texto, o professor explicou o que é a emigração e fez perguntas aos alunos sobre este tema, para explorar e aprofundar os seus conhecimentos. Com a resolução das situações problemáticas fornecidas, introduziu as operações com números decimais, explicando como se efetuam estas operações.

Após o recreio, o exercício lacunar com situações problemáticas foi concluído pela minha colega de estágio, a pedido do professor. Quando terminado, realizei com os alunos uma ficha formativa sobre o sistema respiratório, que posteriormente corriji no quadro interativo da sala.

Inferências / Fundamentações

Os alunos tinham de resolver situações problemáticas com o objetivo de saber as respostas que faltavam nos respetivos espaços do texto lacunar. A resolução de problemas é de extrema importância, uma vez que, para além de ser uma forma de enquadramento das operações e dos cálculos, desenvolve a capacidade de interpretação da criança. Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 9) encaram a «resolução de problemas como um dos instrumentos de aprendizagem essenciais». Os mesmos autores referem que «o cálculo faz, naturalmente parte integrante da matemática mas aprender

procedimentos de cálculo isolados (...) não garante que eles sejam capazes de mobilizar os conhecimentos relevantes quando tiverem que enfrentar mesmo as situações problemáticas mais simples surgidas num contexto diferente».

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

Nesta manhã de estágio, a minha colega “deu” a sua aula programada. Iniciou a aula com uma breve conversa com os alunos sobre as atividades praticadas ao longo do fim de semana e de seguida solicitou a leitura do *Vai e Vem*. Depois de partilhadas estas vivências e experiências, trabalhou na Área de Português. Através de uma apresentação em PowerPoint, explicou quais são e em que casos se aplicam os determinantes possessivos. Seguidamente, para consolidação dos conteúdos, distribuiu por todos os alunos um envelope que continha cartões, onde estavam escritos determinantes possessivos, e uma tabela para ser preenchida. Enquanto construía a tabela com o material fornecido, a minha colega pediu a participação de alguns alunos e, em simultâneo, construiu a mesma tabela no quadro interativo da sala.

Enquanto decorria o resto da aula da minha colega, dirigi-me para a sala do 4.º ano A, com o objetivo de ver a aula surpresa de uma colega, assistida por uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica. Foi pedido à minha colega que trabalhasse com os alunos a leitura de números com os calculadores multibásicos. Concluídas as aulas surpresa, decorreu a reunião com as Professoras Orientadoras, professoras titulares de turma e estagiárias.

Quando regresssei à sala do 3.º ano B, a minha colega continuava a trabalhar com os alunos na Área da Matemática. Com o auxílio de uma apresentação em PowerPoint, explicou as linhas de circunferência (raio, diâmetro, corda, tangente e secante). Depois das explicações, como atividade de consolidação, distribuiu pelos alunos uma proposta de atividade: numa circunferência desenhada numa folha, os alunos tinham de colar fios de lã para representarem todas as linhas de circunferência faladas anteriormente.

Inferências / Fundamentações

Na Área da Matemática, com o objetivo de consolidar os conteúdos trabalhados, a minha colega de estágio optou por distribuir pelos alunos uma ficha de trabalho que

consistia em representar as linhas de circunferência faladas durante a aula, com pedaços de lã. Em minha opinião, esta atividade foi muito interessante, pois conseguiu concentrar vários saberes: a Matemática e a Expressão Plástica. Para Santos (1999, p. 137), «as expressões artísticas contribuem para um equilibrado desenvolvimento da personalidade autêntica da criança, na sua sensibilidade, na sua espontaneidade, na sua criatividade». Como tal, é necessário valorizar as expressões artísticas em todas as práticas efetuadas, tendo sempre em vista o desenvolvimento de capacidades, a construção de novos conhecimentos e a motivação dos alunos.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Neste dia, os alunos realizaram um teste de avaliação na Área de Estudo do Meio, especificamente de História de Portugal. O teste decorreu até à hora do recreio.

Após o intervalo, a minha colega de estágio, a pedido do professor, concluiu a correção de uma ficha formativa que continha situações problemáticas. Seguidamente, realizaram uma ficha formativa, também na Área da Matemática, sobre décimas e centésimas. Esta ficha foi corrigida no quadro interativo da sala.

Inferências / Fundamentações

Diariamente, o professor titular de turma, após a realização de fichas formativas, opta, como estratégia, por fazer a sua correção no quadro interativo da sala, apelando à participação dos alunos. A correção dos exercícios permite aos alunos uma melhor perceção dos seus erros e ajuda-os a refletir sobre os mesmos. Segundo Perrenoud (citado por Ferreira, 2007), o aluno, ao pensar sobre aquilo que fez,

[...] reflete sobre o porquê de o ter feito e sobre o caminho que está a seguir para que cumpra os critérios de avaliação estabelecidos, numa lógica de gestão própria dos seus projetos, dos seus progressos, das estratégias face às tarefas e aos obstáculos. (p. 108)

Também Estanqueiro (2010, p. 95) aborda o tema da correção de trabalhos, referindo que esta «ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal».

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

Esta manhã de estágio foi um pouco diferente das habituais. Enquanto decorria o momento de acolhimento das crianças, a minha colega de estágio e eu permanecemos na sala, a pedido do professor, para alterar a disposição da sala, uma vez que o pai de uma aluna do 3.º ano A ia “dar” uma aula. Quando acabou o momento de acolhimento, todos os alunos do 3.º ano se juntaram na sala do 3.º B. O pai da aluna iniciou a sua aula com uma apresentação em PowerPoint, onde explicou quais os órgãos que constituem e como funcionam os sistemas circulatório e respiratório. Seguidamente, com um aparelho especializado que trouxe, o referido pai ouviu os batimentos cardíacos de alguns alunos. Para concluir, mostrou alguns órgãos que pertenciam a um animal (um porco), para que as crianças pudessem ver, no concreto, tudo o que foi falado.

Concluída a aula deste encarregado de educação, os alunos foram para o recreio e a minha colega de estágio e eu reorganizámos a sala. Ao regressarem para a sala, os alunos trabalharam na Área da Matemática. Fizeram uma ficha formativa com situações problemáticas e a mesma foi corrigida no quadro interativo da sala.

Inferências / Fundamentações

Neste dia é de salientar a participação de um encarregado de educação no ambiente escolar. Era visível o entusiasmo e orgulho da filha (uma aluna do 3.º A) em dar a conhecer aos colegas o seu pai.

A este propósito, realço a importância da participação da família na escola. Para que a criança se desenvolva de uma forma saudável, é importante que tenha o afeto de que necessita e assim se torne mais segura. Como refere Bloom (1982, citado por Reis, 2008 p. 72), «os pais e o ambiente familiar representam a chave principal na aprendizagem da criança». A família e a instituição escolar são contextos sociais que contribuem para a educação da criança. Assim, é fundamental que haja uma relação entre estes dois sistemas. São extremamente benéficas as estratégias que fomentam a relação de proximidade e cooperação entre a escola e a família, como aquela a que hoje assisti. Se existir um bom ambiente entre a escola e a família, o aluno conseguirá melhores resultados no seu desempenho. Reis (2008, p. 75) reforça que é fundamental que «a escola tome a iniciativa de fomentar o envolvimento de todas as famílias».

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

Este dia de estágio ficou marcado pela ida a uma visita de estudo, ao teatro Tivoli. Enquanto esperávamos pela chegada do autocarro, que nos iria levar, o professor realizou chamadas orais avaliadas de tabuada, a alguns alunos, e solicitou a leitura do *Vai e Vem*, para que fossem partilhadas vivências do fim de semana dos alunos.

Quando chegou o autocarro, dirigimo-nos então até ao teatro Tivoli, onde todos os alunos do 3.º e 4.º anos, professores titulares de turma e estagiárias assistiram a uma peça de teatro que tinha como assunto o corpo humano.

Inferências / Fundamentações

As visitas de estudo são importantes, na medida em que permitem que as crianças tenham um contacto com o meio exterior à escola. Este contacto pode promover conhecimentos e aprendizagens inerentes ao ambiente escolar. As visitas de estudo também servem para consolidação de conteúdos trabalhados em sala de aula. Para Abreu, Sequeira e Escoval (1990, p. 128), «o conhecimento experienciado que as crianças fazem dentro e fora da escola e os saberes da comunidade deverão ser os pontos de referência e de extrapolação para um Conhecimento do Mundo».

Atividades como esta são importantes para complementar ou introduzir um tema a abordar em sala de aula, envolvendo assim o aluno com um contacto próximo dos conteúdos. Hodson (citado por Almeida, 1998, p. 43) salienta que «qualquer estratégia de aprendizagem que exija num aluno uma atitude activa em vez de passiva, levando a aprender melhor com a experiência directa, pode ser designada por actividade prática». É fundamental que o professor proporcione momentos de contacto direto com o concreto, em todas as situações de aprendizagem, com o objetivo de as crianças verificarem, por si próprias, os conteúdos que estão a ser transmitidos em sala de aula.

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Nesta manhã de estágio “dei” a minha manhã de aulas programada. Iniciei-a na Área de Português. Comecei por distribuir por todos os alunos um texto, rico em adjetivos, de José Fanha, intitulado *O dragão Samuel*. Realizei a sua leitura e fiz algumas perguntas de interpretação. Seguidamente, com o auxílio de uma apresentação

em PowerPoint, introduzi os graus dos adjetivos. Para consolidar o conteúdo falado, propus que completassem uma tabela com frases onde teriam de colocar o adjetivo no grau pedido. Todas as frases construídas tinham de ser inspiradas numa imagem que mostrei.

Posteriormente, abordando a História de Portugal, falei um pouco das invasões romanas. Com uma breve apresentação em PowerPoint, foquei os principais feitos dos romanos e as suas vastas conquistas. Após o intervalo da manhã, realizei com os alunos um jogo que tinha como objetivo responder ao máximo de perguntas sobre as invasões romanas. No final, procedi à entrega das medalhas às equipas vencedoras do jogo realizado.

Na Área da Matemática, dei a conhecer qual a unidade principal de medida de comprimento e em que casos se aplica. Mostrei também uma representação do metro e os seus submúltiplos. Pedi aos alunos que realizassem algumas medidas de objetos escolares e que comparassem as mesmas. Para concluir a minha aula, distribuí uma ficha formativa com exercícios de consolidação e corrija-a, com a participação dos alunos, no quadro interativo.

Inferências / Fundamentações

O jogo que realizei com os alunos sobre as invasões romanas correu bastante bem e foi notório o agrado e o interesse demonstrado pelos alunos. O interesse do jogo, por parte dos alunos, estimula o processo de aprendizagem. As experiências dos mesmos e as suas descobertas são situações muito eficazes e estimuladoras para a construção de conhecimentos.

Como defende Antunes (2003, p. 36), «o jogo ganha um espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno». Autores como Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro, e Pereira (2009 p. 12) reforçam que, «inicialmente, através do seu brincar, e posteriormente, de uma forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia». Todos os que lidam com crianças (professores, pais, etc.) deveriam ser alertados para a importância que os jogos desempenham no desenvolvimento e na

educação da criança. Froebel (citado por Santos, 2002) afirma que «falar e jogar constituem um meio de vida da vida das crianças» (p. 37).

Ter recorrido ao jogo, foi uma estratégia muito positiva e bem-sucedida, uma vez que motivei os alunos para o tema abordado e eles construíram os seus conhecimentos de uma forma lúdica.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Este dia de estágio foi de *roulement*. Excepcionalmente, não se realizou o momento de acolhimento em roda e todas as crianças permaneceram, durante aproximadamente 30 minutos, no salão, a ver um filme animado. Seguidamente os alunos do 3.º ano reuniram-se na sala da turma A, pelo motivo de apenas se encontrar presente a professora titular dessa turma. Iniciaram a manhã com a conclusão de trabalhos em atraso e, de seguida, a professora realizou com todos os alunos um jogo. Este tratava-se de um jogo do loto mas com a tabuada.

A meio da manhã, os alunos foram para o recreio, onde permaneceram até à hora de almoço. Todas as estagiárias foram dispensadas mais cedo do estágio.

Inferências / Fundamentações

A motivação é essencial para as aprendizagens das crianças. Qualquer criança se fascina com jogos e, não o podemos esquecer, eles são uma forma lúdica de aprender. De acordo com Spodek e Saracho (1998),

[...] a motivação pela competência é o desejo de se envolver em uma atividade como resultado do sentido de competência causado pelo sucesso
[...] a teoria da busca da estimulação sugere que os indivíduos estão continuamente buscando estímulos para manter um modo ativo de processamento de informações. (p. 213)

É importante que os professores proporcionem brincadeiras e jogos com o objetivo de promover conhecimento. Ainda segundo Spodek e Saracho (1998), «os professores quando planeiam uma brincadeira devem providenciar os recursos necessários» (p. 225) e «ao propor brincadeiras, os professores podem procurar meios de estimular o interesse e a imaginação das crianças» (p. 226).

Ao longo do jogo do loto a que hoje assisti, era notório o entusiasmo dos alunos e o interesse em responder corretamente às perguntas sobre tabuada. Tiveram, assim, um momento de aprendizagem lúdica que lhes agradou bastante.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Nesta manhã, a minha colega de estágio R. “deu” aula programada. Iniciou a sua aula com História de Portugal, falando sobre a romanização. Todas as explicações dadas foram suportadas e completadas com uma apresentação em PowerPoint. De seguida, como consolidação do conteúdo falado, distribuiu uma ficha formativa, que consistia na colagem de imagens pertencentes à romanização e no preenchimento da respetiva legenda. Esta atividade foi corrigida oralmente, com a participação dos alunos.

Na Área da Matemática, com uma breve apresentação em PowerPoint, a R. apresentou e falou dos múltiplos do metro. Após o recreio, com o objetivo de trabalhar o conteúdo de Matemática, distribuiu uma ficha formativa com exercícios de equivalências e uma situação problemática para que fosse resolvida pelos alunos. Esta ficha foi posteriormente corrigida no quadro interativo, com a participação dos alunos.

Na Área de Português, a R. deu a conhecer a estrutura e as características do texto publicitário. Para finalizar a sua aula, propôs que, a pares, os alunos realizassem um texto publicitário. O tema para cada texto foi retirado de um saco (que continha cartões onde estava escrito um tema), aleatoriamente. Todos os pares leram o texto publicitário que criaram.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

Os alunos iniciaram o dia com a leitura do capítulo II do livro *El-rei Tadinho*, de Alice Vieira. Inicialmente, todos os alunos fizeram a leitura silenciosa, mas, de seguida, o professor realizou a leitura em voz alta de todo o capítulo, para que os alunos o pudessem acompanhar. Após, realizaram um ditado de palavras (que pertenciam a um excerto do capítulo lido). Depois, enquanto o professor titular de turma realizava individualmente operações de dividir com alguns alunos, os restantes elaboraram uma ficha formativa, que continha perguntas de interpretação do capítulo lido. Concluíram esta ficha, após o recreio da manhã.

De seguida, na Área da Matemática, o professor distribuiu por todos os alunos uma ficha formativa com exercícios relacionados com as medidas de comprimento. Esta mesma ficha foi realizada em conjunto, no quadro interativo da sala. O último exercício da ficha tratava-se de uma situação problemática e, a pedido do professor, fui eu que orientei o pensamento dos alunos e fiz a respetiva correção do exercício.

Inferências / Fundamentações

Durante a leitura que os alunos realizaram do livro da autora Alice Vieira, surgiram algumas dúvidas sobre o significado de diversas palavras. Como forma de esclarecer os alunos, o professor pediu que procurassem o significado de todas as palavras que desconheciam no dicionário. Estanqueiro (2010, p. 18) defende que «é tarefa do professor oferecer instrumentos que permitam ao aluno assumir gradualmente a responsabilidade pela sua aprendizagem».

Várias vezes, o professor pediu a alguns alunos que esclarecessem os colegas sobre palavras desconhecidas. Estanqueiro (2010, p. 22) refere que «num clima de cooperação, de partilha de saberes e experiências, todos ganham, aprendendo juntos». Por este motivo, é dever do professor promover atividades que permitam ao aluno partilhar os seus saberes.

Sexta-feira, 9 de novembro de 2012

A turma iniciou o dia com a leitura de um texto que tinha como assunto os romanos na Península Ibérica. O professor distribuiu uma ficha formativa com perguntas de interpretação do texto lido e de gramática, especificamente dos graus dos adjetivos. Esta ficha foi posteriormente corrigida no quadro interativo da sala. Seguidamente, fizeram outra ficha formativa, de História de Portugal, com o mesmo assunto do texto lido.

Após o intervalo da manhã, os alunos regressaram à sala e trabalharam na Área da Matemática. O professor distribuiu uma ficha formativa com situações problemáticas com o objetivo de trabalhar a divisão. Propôs à minha colega de estágio e a mim que a realizássemos, em conjunto com os alunos, mas fazendo sempre a interdisciplinaridade

com as Áreas de Português e Estudo do Meio. A minha colega realizou com os alunos a primeira parte da ficha formativa e eu a segunda.

Inferências / Fundamentações

Embora este não seja um hábito da turma, a aula de História de Portugal teve lugar de manhã. É de realçar que o tema de História de Portugal desperta grande curiosidade nos alunos, tornando-os bastante participativos. Com o estudo dos acontecimentos que decorreram na História Portuguesa, os alunos desenvolvem a noções temporais. Para Borràs (2001, p. 408), «a aquisição de categorias e noções temporais é uma necessidade para o indivíduo, para a estruturação do tempo pessoal e a plena integração no tempo colectivo». O mesmo autor afirma que «a correcta compreensão do tempo e de noções como simultaneidade e sucessão, continuidade e mudança é condição indispensável para abordar ao longo do Ensino Básico».

Por volta do 3.º ano de escolaridade, os alunos devem adquirir conhecimentos históricos que lhes permitam perceber questões do nosso quotidiano.

Segunda-feira, 12 de novembro de 2012

Nesta manhã, os alunos concluíram um trabalho de grupo sobre os sistemas do corpo humano. Cada grupo, com diferentes materiais, tinha de fazer a representação de um determinado sistema. Terminados os trabalhos de grupo, fizeram a correção, no quadro interativo, de uma ficha formativa sobre o povo romano e o seu império, elaborada no dia anterior.

Após o recreio, fizeram a correção do trabalho de casa, que consistia numa ficha formativa de Matemática. Seguidamente, o professor distribuiu por todos os alunos uma ficha formativa com exercícios sobre as medidas de comprimento. Ao final da manhã, solicitou a leitura do *Vai e Vem*, que não se tinha realizado ao início da manhã.

Inferências / Fundamentações

Neste dia, destaco a realização dos trabalhos de casa por parte dos alunos. É essencial que os conteúdos aprendidos no meio escolar sejam exercitados e

consolidados em casa. Por este motivo, alguns professores enviam trabalhos de casa. Estes trabalhos têm como principal objetivo a consolidação e interiorização de conteúdos trabalhados em sala de aula. Rochetta (citado por Simões, 2006, p. 85) confirma a importância dos mesmos, referindo que os trabalhos de casa permitem «reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola e são essenciais para a aquisição de hábitos de estudo». Também Epstein (citado por Simões, 2006, p. 87) defende que «a aprendizagem não pode ser reduzida à simples receção de informação nas ‘aulas’, pelo que se torna necessário rever em casa a matéria abordada, através de exercícios estimulantes e acessíveis».

Terça-feira, 13 de novembro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a leitura de um texto dramático, fotocopiado, intitulado “Os Bárbaros”. Concluída a leitura, o professor realizou oralmente perguntas de interpretação e distribuiu por cada aluno as personagens que integravam o texto com o objetivo de ser representado posteriormente. Disponibilizou aos alunos algum tempo para ensaiarem e, assim, decorarem as falas. Após o intervalo, o professor distribuiu os adereços necessários à realização da peça e os alunos fizeram a respetiva representação.

Concluída a representação, os alunos trabalharam na Área da Matemática. Realizaram uma ficha formativa, onde, num friso cronológico, tinham de ordenar as invasões da Península Ibérica, descobrindo, através de cálculos matemáticos, em que século cada povo invadira esta Península.

No final da manhã, realizaram uma ficha formativa que continha um texto lacunar sobre as invasões bárbaras. Para a realização da mesma, o professor pediu aos alunos que abrissem o manual nas páginas correspondentes à matéria pretendida. De seguida, leram as respetivas páginas e, em simultâneo, preencheram o texto lacunar com as informações lidas.

Inferências/ Fundamentação

Foi muito interessante ver os alunos representarem um pequeno texto dramático. Considero importante a realização de atividades destas, uma vez que proporcionam momentos lúdicos e, em simultâneo, educativos.

O teatro realizado na escola é, segundo Sousa (2003a), um espetáculo que,

[...] no mesmo espaço de uma sala de teatro, com a sua plateia, palco e todo o seu equipamento – ou num espaço semelhante cedido pela escola, põe em cena (...) peças de teatro destinadas a proporcionar situações educacionais específicas aos diferentes escalões etários de um público infantil. (p. 82)

A peça realizada teve como tema “Os Bárbaros” e focou conceitos e momentos históricos importantes. Toda esta mensagem foi transmitida e consolidada pelos alunos de uma forma lúdica, despertando o interesse dos mesmos pelo conteúdo abordado.

Sexta-feira, 16 de novembro de 2012

Neste meu último dia de estágio, a turma iniciou a manhã trabalhando na Área da Matemática. O professor distribuiu uma ficha formativa com exercícios de multiplicação por 10, 100 e 1000 e de divisão por 0,1, 0,01 e 0,001. Enquanto os alunos realizavam a ficha, fomos surpreendidas com a entrada na sala de uma Professora Orientadora de Prática Pedagógica, que solicitou uma aula surpresa à minha colega de estágio. Na aula surpresa que “deu”, a minha colega fez a leitura modelo de um texto do manual escolar, pediu a alguns alunos que o lessem em voz alta e, posteriormente, realizou perguntas de interpretação. A pedido da Professora Orientadora de Prática Pedagógica, fez também uma revisão geral à gramática aprendida até ao momento.

Concluída a aula, decorreu a reunião com as orientadoras de Prática Pedagógica, professores e estagiárias, onde foram tratados aspetos positivos e aspetos a melhorar das aulas observadas. Após a reunião, regressámos à sala do 3.º ano B, onde o professor terminou a manhã com a realização de chamadas ao quadro, para que os alunos realizassem exercícios de multiplicação por 10, 100 e 1000 e de divisão por 0,1; 0,01 e 0,001.

Inferências / Fundamentações

Por ser o último dia de estágio nesta turma, este dia foi marcante no que diz respeito a sentimentos, uma vez que houve uma relação muito forte de cooperação entre nós, estagiárias, o professor titular de turma e os alunos. Talvez por já termos contactado anteriormente com estes alunos, nomeadamente durante o ano lectivo anterior – em que tínhamos estado com esta turma (então a turma do 2.º B), e por já os

conhecermos bem, a relação criada tenha sido vivida de forma diferente. Segundo Carvalho (citado por Cunha, 2008),

Podemos então referir que a socialização é um processo que se desenvolve ao longo da vida e que, no caso dos professores, não se esgota nos períodos – fases formais de preparação (formação inicial, período de indução, formação contínua e especializada), decorrendo também antes desses momentos através de uma aprendizagem por modelação, por exemplo, através de influências e das experiências sociais escolares e não escolares e, posteriormente, ao longo da carreira. (p. 117)

Momentos como estes são importantes, pois proporcionam situações de aprendizagem, crescimento pessoal e profissional. Uma relação de proximidade entre estagiárias e professores pode facilitar a formação do futuro docente.

1.8. 8.º Momento de Estágio (1.º ano, turma B)

Este momento de estágio decorreu entre 19 de novembro de 2012 e 25 de janeiro de 2013 foi realizado na sala do 1.º ano B. Esta turma é constituída por alunos na faixa etária dos 6 anos.

1.8.1. Caracterização da Turma

Esta turma do 1.º ano é constituída por vinte e oito alunos, sendo treze do género feminino e quinze do género masculino.

De acordo com os testes diagnósticos aplicados no início deste ano letivo, a principal dificuldade na Área de Português centra-se ao nível da escrita, ao copiarem iniciam as frases com letra minúscula e foi também detetado a ausência de sinais de pontuação. A maioria dos alunos consegue ler pequenos textos. Na Área da Matemática, a turma revela dificuldades na aplicação dos sinais de <, > e =, bem como na decomposição de números até à dezena. Dois alunos revelam problemas visuais e um tem problemas auditivos. Um aluno encontra-se a frequentar a terapia da fala com uma terapeuta que é administrada no Jardim-Escola, em horário letivo.

As informações descritas acima foram amavelmente fornecidas pela professora titular de turma.

1.8.2. Caracterização do Espaço

A sala do 1.º ano B situa-se no rés-do-chão da escola. A porta de acesso à sala encontra-se no salão. Considero que a sala não é muito espaçosa; no entanto, é bastante luminosa e arejada.

Há vinte e oito mesas dos alunos, que estão dispostas em filas, viradas para um quadro, para uso de giz, e para a mesa da professora titular de turma. Nesta mesa, há um computador e uma impressora. Num dos lados do quadro está a *Cartilha Maternal* disposta num cavalete.

Ao longo da sala há vários placares, onde são expostos trabalhos realizados pelos alunos nas diferentes áreas de ensino. Este espaço dispõe de vários armários para arrumação de matérias, livros e os dossiês individuais dos alunos



Figura 21 - Sala de aula do 1.º ano (turma B)

1.8.3. Horário

O horário desta turma, que nos foi cedido pelo professor titular, é o que se transcreve a seguir.

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9.00 - 11.00	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.20	RECREIO				
11.20 - 13.00	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
			Música		Inglês
13.00 - 14.30	RECREIO E ALMOÇO				
14.30 - 15.20	Música*	Estudo do Meio	Matemática	Estudo do Meio	Educação Física
15.20 - 16.10	Estudo do Meio		Inglês	Trabalhos Manuais	Matemática
16.10 - 17.00			Educação Física*		Estudo do Meio
17.00 - 17.15	LANCHE				

Horário sujeito a alterações

Figura 22 - Horário do 1.º ano (turma B)

1.8.4. Rotinas

Como já referido anteriormente, todos os dias, antes das crianças iniciarem as suas atividades letivas, decorre o momento de acolhimento no salão ou no espaço exterior, de acordo com as condições climáticas. São cantadas canções durante aproximadamente vinte a trinta minutos. Todas as crianças que já se encontram na instituição participam ativamente neste momento.

O primeiro momento de higiene decorre após o momento de acolhimento referido acima. Todos os alunos do 1.º ano dirigem-se à casa de banho quando terminado o mesmo e após o recreio da manhã. É de salientar que os alunos também vão à casa de banho sempre que precisam.

O recreio dos alunos do 1.º ano B realiza-se às 11 horas. O espaço é partilhado com todos os outros alunos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Aqui brincam livremente durante aproximadamente trinta minutos.

No decorrer do recreio da manhã, os alunos do 1.º ano B fazem um pequeno lanche que normalmente é composto por bolachas ou uma fatia de pão. Às 13 horas, dão início ao almoço que é realizado no refeitório do Jardim-Escola.

1.8.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

Nesta primeira manhã de estágio, a professora da turma B encontrava-se um pouco atrasada, pelo que todos os alunos se reuniram na sala da turma A. Quando chegou a professora, os alunos foram para a sua sala. A professora iniciou a manhã referindo as regras a serem cumpridas na sala de aula, devido ao comportamento dos alunos não ter vindo a ser o mais adequado.

Seguidamente, realizou algumas revisões sobre a noção de fração com o auxílio do material estruturado, 5.º Dom de Froebel. Enquanto decorriam estas revisões, uma colega de estágio foi chamar-me para que fosse “dar” aula surpresa à turma do 3.º ano B. Ao chegar à sala, já se encontrava lá a Professora Orientadora de Prática Pedagógica, que me iria avaliar, com o respetivo material que eu iria trabalhar. Foi-me solicitado que trabalhasse com os alunos a leitura de números com o material estruturado calculadores multibásicos. Abordei todos os conteúdos pedidos, tentei diversificar as estratégias de ensino e apelei à participação e conhecimentos dos alunos; respondi, individualmente, a dúvidas colocadas por um aluno. Seguidamente, decorreu a reunião onde foram tratados aspetos relacionados com as aulas “dadas”.

Quando regressámos à sala do 1.º ano, os alunos encontravam-se a trabalhar na Área de Português. Realizaram um ditado mágico, que consistia essencialmente na memorização de frases. A professora escrevia uma frase no quadro e, passado alguns instantes, apagava-a e os alunos tinham de a escrever. A manhã finalizou com uma breve revisão dos sinais de pontuação aprendidos até ao momento, e a introdução de 4 novos sinais. Nos novos sinais de pontuação aprendidos, a professora focou-se no nome e na função de cada um.

Inferências / Fundamentações

As reuniões de Prática Pedagógica são, para mim, fundamentais. Rodrigues e Esteves (1993, p. 42) referem que «a formação do professor é uma formação dupla, incluindo duas componentes: a preparação científica numa dada área do saber,

tradicionalmente referida como formação académica, e a preparação profissional, durante muito tempo restringida à preparação pedagógica e didática».

Nestas reuniões, ouvirmos as críticas das Professoras Orientadoras apercebemo-nos das práticas corretas e menos corretas e o que poderia ser feito para melhorar. Assim, em aulas futuras, temos noção de quais as melhores estratégias a adotar. No caso deste dia, disseram-me que a aula tinha corrido bem e que eu tinha diversificado as estratégias. A melhorar apontaram-me que, apesar de ter feito bem em esclarecer as dúvidas colocadas por um aluno, deveria ter-me dirigido e falado para toda a turma e não exclusivamente para o aluno em causa. Naturalmente, agradeço esta observação, pois, durante a aula, nem sequer me tinha apercebido de tal.

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã ouvindo a história e a canção *João e o Pé de Feijão*, que serviu de pequeno ensaio para a festa de natal. Seguidamente, realizaram uma experiência que consistia em visualizarem o efeito de uma pinha em contacto com a água. Os resultados e as conclusões da experiência iriam ser feitos durante a tarde. Posteriormente, a professora realizou algumas revisões para o teste de Português, abordando a variação de palavras quanto ao género e número. Pediu exemplos aos alunos e solicitou que os escrevessem no quadro. Concluídas as revisões, fizeram uma ficha formativa sobre o assunto abordado anteriormente.

Após o recreio, os alunos fizeram uma ficha formativa, na Área da Matemática, sobre numeração romana e números ordinais. Ao final da manhã, a minha colega e eu ajudámos os alunos na conclusão trabalhos em atraso.

Inferências / Fundamentações

Considero importante referir que muitos alunos têm trabalhos em atraso. É notório que algumas crianças possuem algumas dificuldades de aprendizagem e, como tal, necessitam de um acompanhamento mais individual. Pacheco (1995, p. 169) defende que «a personalização da aprendizagem requer do professor uma acomodação aos ritmos de aprendizagem dos alunos, tendo como pressuposto o seguinte: os alunos mais lentos necessitam de mais tempo para aprender».

Como já referi no relato, ao final da manhã, a minha colega de estágio e eu ficámos perto de alguns destes alunos para que os pudéssemos ajudar na conclusão dos trabalhos em atraso. Saliento ainda a existência de estagiárias na sala ser um fator positivo, pois permite dar um apoio mais individual a cada criança.

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

Nesta manhã de estágio, os alunos foram encaminhados para o Museu onde se encontrava a ilustradora Carla Nazareth. Ouviram falar um pouco dos seus desenhos e no que se inspira para os realizar. Seguidamente, alguns alunos pediram à ilustradora que autografasse livros que compraram, ilustrados pela mesma.

Após o intervalo, regressaram à sala e fizeram uma ficha na Área de Português. A mesma consistia na organização de sílabas, com o objetivo de formarem palavras e na identificação de palavras numa “sopa de letras”.

No final da manhã, os alunos tiveram inglês com um professor formado e especializado nesta Área. O professor trabalhou com os alunos essencialmente os números e as cores. Enquanto decorriam as atividades, a minha colega de estágio e eu arrumámos trabalhos realizados nos dossiês dos respetivos alunos.

Inferências / Fundamentações

Esta turma tem inglês uma vez por semana. Por ser à sexta-feira, temos a oportunidade de assistir a essas aulas. A meu ver, é bastante importante a prática desta disciplina, uma vez que introduz, desde cedo, uma nova língua e assim as crianças têm perceção que, para além das tradições, linguagem e costumes do seu país, existem também outras culturas em diferentes países que são interessantes de conhecer. Segundo o Ministério da Educação (2001),

A aprendizagem da língua inglesa, pela apropriação de competências de tipo comunicativo, determina ainda uma abordagem intercultural, em que o aluno parte da sua própria língua e cultura para a descoberta da língua e das culturas dos povos de expressão inglesa. Deste modo desenvolve a sua competência sócio-cultural, o que é imprescindível ao desenvolvimento da sua capacidade de comunicar, visto que a utilização de uma língua implica o recurso a um quadro de referências que é pelo menos parcialmente determinado pelo contexto sócio-cultural no qual essa língua é utilizada

pelos nativos. Para além disso, a análise contrastiva que faz da sua realidade e da dos povos de expressão inglesa permite-lhe um melhor entendimento de uma e outras, do que resulta por um lado uma atitude de tolerância e respeito pelas diferenças e por outro a relativização dos valores e dos significados da sua própria cultura. (p. 41)

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Enquanto decorria o momento de acolhimento das crianças no salão, a minha colega de estágio e eu permanecemos na sala a arrumar trabalhos dos alunos nos respetivos dossiês. Quando os alunos regressaram à sala, fizeram uma ficha de trabalho de Português, que serviu de revisões para o teste que se iria realizar. Depois, concluíram trabalhos em atraso e os alunos que não os tinham realizavam pequenas cópias.

A meio da manhã, a professora realizou um concurso de cálculo mental, atribuindo pontos às equipas que respondiam corretamente às perguntas realizadas. De seguida, os alunos de ambas as turmas dirigiram-se para o ginásio, onde tiveram um ensaio das músicas que iriam ser apresentadas na festa de natal.

Inferências / Fundamentações

Nesta manhã, os alunos que não possuíam trabalhos em atraso realizaram pequenas cópias de textos fornecidos pela professora. As autoras Condemarin e Chadwick (1987, p. 182) defendem a importância da realização de cópias, visto que estas permitem à criança conhecer as «características específicas da linguagem escrita», «praticar as destrezas caligráficas» e «favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações».

Durante a realização das cópias, é de salientar a preocupação dos alunos em fazer uma caligrafia perceptível, e o interesse em conhecer o significado de palavras desconhecidas.

Terça-feira, 27 de novembro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a realização de uma ficha de avaliação de Português. Depois de distribuída a ficha de avaliação, a professora leu toda a ficha, esclareceu algumas dúvidas e os alunos deram início à sua elaboração.

Após o recreio da manhã, os alunos realizaram uma ficha formativa, na Área da Matemática, sobre combinações. A professora realizou algumas explicações, com imagens expostas no quadro, e com a participação dos alunos realizou alguns exemplos. Seguidamente, os alunos realizaram a ficha formativa que consistia em colar as imagens das combinações possíveis.

Inferências / Fundamentações

Para realizarem o exercício de Matemática proposto, os alunos tinham várias imagens de vestuário, que podiam manipular e mexer, de forma a verificarem quais as combinações possíveis de fazer. Todos os alunos dispunham de material que puderam manipular e explorar antes e durante a realização da atividade.

Segundo Williams, Rockwell e Sherwood (1995, p. 31), «com vista a construir progressivamente os seus conhecimentos, as crianças deverão ter oportunidades de manipular, explorar, iniciar e escolher. Precisam de ter oportunidade de tocar, examinar e brincar com as coisas, para saberem como funcionam». Cabe ao professor proporcionar aos seus alunos momentos de exploração de materiais ou, como no caso do dia de hoje, imagens, para que as crianças possam ter uma perceção real das matérias abordadas e assim construir o seu conhecimento. As crianças compreendem e consolidam os conhecimentos, se puderem experimentar, mexer, manipular materiais.

Sexta-feira, 30 de novembro de 2012

A professora teve uma breve conversa com os alunos sobre os preparativos para a festa de natal. Seguidamente, enquanto alguns alunos realizavam trabalhos em atraso, outros ensaiavam, com a supervisão da professora, os textos a dizer na festa.

Ao final da manhã, em inglês, os alunos fizeram exercícios orais sobre as cores.

Inferências / Fundamentações

Nos ensaios realizados para a festa de natal, o ambiente entre as crianças era de agitação e entusiasmo. Durante todo o ensaio cantaram algumas músicas, acompanhados pela professora titular de turma.

As celebrações de natal são muito importantes, já que despertam nas crianças o interesse e a capacidade de concentração. Segundo Aguera (2008 p. 73), «as festas e celebrações constituem actos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psico-pedagógica de grande utilidade para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças».

Durante este ensaio, os alunos do 1.º ano divertiram-se e foi notório o ânimo dos mesmos, principalmente quando tinham de fazer a representação e dizer as suas falas.

Terça-feira, 4 de dezembro de 2012

Neste dia, a professora distribuiu os testes de avaliação realizados anteriormente. Os alunos tomaram conhecimento das suas notas e dos erros cometidos (nos testes das três Áreas), após o que a professora recolheu os testes.

Posteriormente, os alunos realizaram uma ficha formativa sobre calculadores multibásicos, especificamente sobre a divisão. A professora titular de turma começou por ler e explicar a resolução de alguns exercícios e, perante as dificuldades surgidas, realizou esquemas no quadro para auxiliar os alunos. Estes exercícios serviram de consolidação de conteúdos trabalhados no dia anterior com este mesmo material.

Terminado o recreio, a professora escreveu no quadro algumas perguntas de interpretação sobre um texto já lido, com o objetivo de estas perguntas serem copiadas e respondidas pelos alunos.

Inferências / Fundamentações

Gostaria de destacar a reação tida pela professora perante as dificuldades que alguns alunos sentiram na realização da ficha formativa sobre a divisão. A professora não só leu e explicou os enunciados dos exercícios, como realizou esquemas no quadro, como, ainda, deixou que os alunos tentassem realizar os exercícios sozinhos incentivando-os a um trabalho individual, embora sob o seu supervisionamento.

De acordo com Freire (2001),

[...] é preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológico, político, ético,

epistemológico, pedagógico, mas também precisa de ser constantemente testemunhado e vivido. (p. 52)

Ao insistir com o aluno que sente maior dificuldade na realização de tarefas, o professor acaba por proporcionar uma maior envolvimento de todos na aprendizagem e, conseqüentemente, a obtenção de melhores resultados. Assim, é de referir que o professor não pode nem deve desistir nunca dos seus alunos, tentando sempre ajudá-los na construção do seu saber.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012

Este dia iniciou-se com a realização de um exercício caligráfico. Todos elaboraram a cópia de um pequeno texto, intitulado “O mestre da orquestra”, que se encontrava escrito (pela professora) no quadro da sala. Concluída a cópia, a professora colocou no quadro algumas perguntas de interpretação sobre o texto para que fossem respondidas por escrito pelos alunos.

Seguidamente, todos os alunos do 1.º ano, de ambas as turmas, se dirigiram para o ginásio da escola onde ensaiaram as peças de teatro que iriam ser apresentadas na festa de natal, bem como as respetivas canções.

Terminado o recreio da manhã, as duas turmas reuniram-se na sala da turma B, onde, juntamente com o professor de Expressão Musical, ensaiaram algumas músicas para a festa de natal e as melodias a serem tocadas, com flauta. Para finalizar a manhã, a turma B teve aula de inglês, durante a qual pintaram e decoraram um postal de natal.

Inferências / Fundamentações

O ensaio realizado neste dia de estágio não correu como as professoras desejavam. Talvez pelo facto dos alunos se encontrarem pouco concentrados ou nervosos, enganaram-se várias vezes nas músicas, coreografias e falas. As professoras tentaram acalmar as crianças, ajudando-as a ultrapassar este obstáculo.

Na realização de atividades como esta é essencial que o aluno esteja motivado e interessado no que está a fazer e, como tal, cabe ao professor estimulá-lo para que tudo aconteça da melhor forma. Segundo Jesus (1996, p. 16), «os comportamentos manifestam-se, de forma personalizada e nas situações concretas, a partir de

perspectivas e de atitudes adequadas por parte do professor». Como tal, o professor deve ser um modelo a seguir pelos alunos. Se transmitir tranquilidade, persistência e segurança no que faz vai motivar certamente os seus alunos.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

Esta manhã foi destinada essencialmente aos ensaios para a festa de natal. Ambas as turmas do 1.º ano fizeram um ensaio geral das peças a serem representadas.

Após o recreio, fizeram um ditado de lateralização, que decoraram com desenhos e pinturas. A finalizar a manhã, concluíram trabalhos em atraso.

Inferências / Fundamentações

No final da manhã, enquanto os alunos concluíram trabalhos em atraso, a professora colocou música ambiente. O ensino da música na infância tem repercussões no futuro, uma vez que, ao crescer, «um adolescente terá mais facilidade em gostar de música se, desde a mais pouca idade, for estimulado para ouvir e tocar música, pelos pais, na escola e nos grupos onde se inserem» (Cordeiro, 2009, p. 536). É importante estimular as crianças a gostar de música e ajudar a construir o conhecimento por diferentes formas de música, diversas sonoridades. Se forem educados a ouvir diversos géneros musicais, não só as crianças se sentirão incentivadas a descobrir, cada vez mais, novos tipos e formas de sons.

Quando a professora colocou música na sala, os alunos fizeram silêncio e ouviram com atenção o cd colocado.

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Este dia iniciou-se com os ensaios para a festa de natal (que se realizaria no dia seguinte). Algumas colegas de estágio e eu, a pedido da professora, dirigimo-nos para o ginásio da escola e decorámos todo o espaço com elementos natalícios, pois no dia da festa os encarregados de educação iriam lanchar neste local. Terminada a decoração, regressámos à sala do 1.º ano onde os alunos estavam reunidos na sala da turma A a realizar o último ensaio da manhã.

Inferências / Fundamentações

Saliento a relação de cooperação existente entre as duas professoras do 1.º ano. A ligação estabelecida entre as duas professoras é notória, e é possível verificar que existe interajuda no envolvimento e planeamento das atividades. É de referir que nunca esquecem do envolvimento dos seus alunos, o que é também imprescindível. Segundo Morgado (1997),

O envolvimento dos alunos neste processo de planeamento, o qual apresenta ganhos potencialmente interessantes do ponto de vista pedagógico, na medida em que poderá implicar cumulativamente:

- Que os alunos, individualmente ou em grupo, observem, questionem, experimentem e investiguem;
- Que os alunos desenvolvam integradamente actividades diversificadas;
- O desenvolvimento e apropriação activa e integrada de conceitos, conhecimentos e competências diferenciadas. (p. 68)

Se os professores mantiverem uma boa relação entre si, esta vai passar para os alunos e estes últimos, através da imitação de comportamentos, irão usar os mesmos face aos seus colegas.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Na Área da Matemática, os alunos realizaram exercícios nos quais trabalharam essencialmente o número. Após, a professora distribuiu uma ficha formativa com o objetivo de ser construído um gráfico de barras com os dados fornecidos na mesma. Os alunos fizeram a leitura e interpretação dos dados e, com o auxílio da professora e nosso, realizaram o gráfico pretendido que foi depois decorado com recortes de revistas.

A meio da manhã, a pedido da professora, nós, estagiárias, dirigimo-nos para a sala do 1.º ano A, onde permanecemos até à hora de saída a arrumar trabalhos realizados pelos alunos desta turma nos respetivos dossiês.

Inferências / Fundamentações

A propósito dos exercícios sobre o sentido do número, gostaria de referir que considero positivo e estimulante que as crianças sejam incentivadas a descobrir novos modos de formar uma quantidade. Pimentel *et. al.* (2009, p. 7) refere que «as crianças

devem ter oportunidade de trabalhar livremente com os números». Também Caldeira (2009, p. 62) refere que «a aquisição do conceito de número é apontada como fundamental para a continuidade da aprendizagem da matemática escolar».

Assim, é possível concluir que o exercício proposto pela professora titular de turma foi bastante positivo, uma vez que permite que as crianças trabalhem o número, consolidando assim conhecimentos.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

Os alunos concluíram alguns trabalhos em atraso. Seguidamente, todos os alunos do 1.º Ciclo se dirigiram para o ginásio, onde assistiram a uma pequena peça de teatro sobre o dia de reis.

No final da manhã, houve aula de inglês. Durante toda a manhã, à exceção de quando nos dirigimos para o ginásio, a minha colega de estágio e eu arquivámos trabalhos realizados pelos alunos nos respetivos dossiês.

Inferências / Fundamentações

Cordeiro (2011, p. 424) recomenda que «a frequência do teatro, como espectador, deve começar cedo (...) porque tem numerosas vantagens». Este autor defende que as crianças, ao assistirem a peças de teatro, desenvolvem uma progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais, bem como a ideia de que é possível contar histórias aliciantes com cenários pequenos, ou aprendem que a mesma pessoa pode desempenhar várias tarefas a ser várias personagens (Cordeiro, 2011, p. 424).

Ao assistirem à peça referida, os alunos perceberam o que representa o dia de reis, como surgiu o bolo-rei. É importante que as crianças tomem gosto em observar peças de teatro, uma vez que estas são um momento de descontração, um passatempo.

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

A professora iniciou a manhã com uma conversa com os alunos sobre as atividades realizadas durante o fim de semana. Posteriormente, leu alguns álbuns com dados pessoais e fotos dos alunos. Esta atividade foi processada da seguinte forma: a

professora chamava um aluno; este dirigia-se para o seu lado e, então, a professora lia o seu álbum. Seguidamente, a professora leu em voz alta um texto do manual escolar intitulado “A Lua de janeiro”, de Rosário Alçada Araújo. Concluída a leitura, fez o esclarecimento do significado de palavras desconhecidas para os alunos e realizou perguntas de interpretação. Disponibilizou algum tempo para que os alunos preparassem a leitura do texto. Depois, todos os alunos leram um excerto do texto e a respetiva leitura foi avaliada pela professora.

Após o recreio, a minha colega de estágio teve aula surpresa solicitada pela professora da turma. Trabalhou com os alunos o material estruturado calculadores multibásicos, realizando operações de soma com transporte.

Inferências / Fundamentações

Nesta manhã, destaco a leitura que a professora fez de álbuns de alguns alunos. Ao fazê-lo, a professora criou uma atenção individualizada, que cria confiança nos alunos.

De acordo com Zabalza (1998, p. 53), é necessário manter contactos individuais com cada criança, «é o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos de ação, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas, de apoiá-la na aquisição de habilidade ou condutas muito específicas». O mesmo autor defende ainda que a atenção dada a cada criança individualmente está na base da diversidade cultural. É com uma atenção individualizada que se podem realizar experiências de integração.

Com esta atividade e experiência, os alunos puderam conhecer-se melhor uns aos outros. O interesse de todos os alunos era evidente, pois realizaram inúmeras perguntas pessoais ao aluno que se encontrava à sua frente.

Terça-feira, 8 de janeiro de 2013

Hoje foi a minha manhã de aulas programadas no 1.º ano B. Iniciei-a na Área de Português. Fiz a leitura da história *A Viagem da Sementinha* e, de seguida, efetuei perguntas de interpretação. Depois, com algumas palavras que se encontravam na história lida, introduzi e expliquei a classificação de palavras quanto ao número de sílabas. Para consolidação dos conteúdos, realizei com os alunos um jogo: escondi

cartões com palavras pela sala de aula, para serem encontradas pelos alunos; após os encontrarem, teriam de classificar as palavras quanto ao número de sílabas.

Na Área da Matemática, distribuí algarismos móveis, placas de operações e um caderninho com 5 folhas contendo situações problemáticas. As operações a fazer, depois de eu lhes ter dado as devidas explicações, eram as de multiplicar com dois algarismos no multiplicando.

No final da manhã, trabalhei com os alunos na Área de Estudo do Meio. Levei uma imagem, em tamanho grande, de uma planta; conversei com os alunos sobre os constituintes das plantas e as suas funções. Para finalizar, distribuí por todos os alunos um vaso, terra e algumas sementes de amores-perfeitos, para que, nas semanas seguintes, com o crescimento das sementes, observassem os constituintes falados.

Inferências / Fundamentações

Na Área de Estudo do Meio, ao ter optado por levar uma imagem, em tamanho grande, de uma planta, pretendia que os alunos pudessem ver com clareza todas as partes constituintes da mesma. Optei por utilizar esta estratégia, por considerar que, assim, todos viam nitidamente a imagem e conseguiriam acompanhar mais facilmente as explicações que dei. Spodek e Saracho (1998) defendem que os professores devem mostrar imagens com dimensões maiores

[...] em discussões de grupo ou afixá-las nos murais da sala. Se optarem pelos murais, os professores devem ter em atenção a forma como forem dispostas e ajudar as crianças a verem o que é importante. As fotos também podem ser combinadas com outros materiais de exposição. (p. 335)

Na minha aula expus a imagem no quadro e, depois de me certificar que todos os alunos tinham uma visão ampla da mesma, conversei com eles e expliquei quais as funções dos diferentes constituintes das plantas. Esta foi uma matéria que despertou muita curiosidade por parte dos alunos e estes participaram entusiasticamente em todas as atividades propostas.

Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

A professora iniciou o dia com a leitura da história *A flor vai ver o mar*, de Alves Redol. Realizou com os alunos a ficha de leitura da história lida. Concluída a

ficha de leitura, a professora leu em voz alta um texto, do manual escolar, intitulado “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”, de Alice Vieira. De seguida, a leitura do texto foi feita pelos alunos. Posteriormente, a professora realizou um ditado de um excerto do texto lido. Em simultâneo, a minha colega de estágio e eu, a pedido da professora da turma, ajudámos uma criança com mais dificuldades a ler algumas palavras, como preparação para o ditado que foi realizado logo de seguida.

Após o recreio, os alunos concluíram o ditado. No final da manhã, a turma teve aula de inglês, durante a qual trabalharam os graus de parentesco.

Inferências / Fundamentações

A pedido da professora titular de turma, a minha colega de estágio e eu ajudámos uma criança a ler algumas palavras.

A oralidade e a escrita têm um destaque importante no desenvolvimento das crianças. É através da oralidade que a criança se exprime e partilha, quer com outras crianças, quer com adultos, as suas experiências. Através da escrita, a criança adquire conhecimentos e regista o que pretende. Ruivo (2009) afirma que «a leitura é efectivamente uma competência que as crianças devem adquirir em tempo útil, pois só desta maneira poderão participar activamente na vida em sociedade em que estão inseridos» (p. 44). A mesma autora acrescenta que «o papel da escola deve ser muito bem definido no sentido de estabelecer com a população escolar um compromisso de responsabilidade e de igualdade de oportunidades» (p. 69).

A criança que auxiliámos demonstra uma grande dificuldade na leitura. No entanto, após algum tempo de treino, já lia fluentemente as palavras pretendidas. Posso, assim, referir que a nossa ajuda foi crucial na leitura de palavras.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

Neste dia de estágio tive aula surpresa, solicitada pela professora da turma. Foi-me proposto que, com os calculadores multibásicos, trabalhasse com os alunos a leitura de números, por ordens e classes, e que explicasse os algarismos de maior e menor valor absoluto. De seguida, os alunos elaboraram uma ficha formativa como consolidação dos conteúdos trabalhados na minha aula.

Após o recreio, os alunos fizeram um exercício ortográfico de um pequeno texto, do manual, intitulado “O Rui”. O exercício tinha como objetivo identificar e escrever corretamente palavras que se escrevem com “o” ou com “u”. Ao final da manhã, os alunos realizaram um exercício que consistia em escrever três frases inspiradas numa imagem distribuída previamente.

Inferências / Fundamentações

O exercício que consistia em escrever três frases inspiradas numa imagem provocou algumas dificuldades nas crianças; no entanto, sentiam-se entusiasmadas e interessadas em realizá-lo, por ser um exercício criativo. Segundo Condemarín e Chadwick (1987, p. 159), «a escrita criativa é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência». Então, apesar de o exercício ter sido um pouco difícil para os alunos, é importante fazê-lo, uma vez que desenvolve diversas competências. Com este exercício foi possível verificar onde se centram as principais dificuldades dos alunos. Os mesmos autores referem ainda que «nas atividades de escrita criativa colocam-se em evidência as relações entre a escrita e as outras expressões da linguagem» (p. 159).

Terça-feira, 15 de janeiro de 2013

Hoje, a minha colega de estágio “deu” a sua aula programada. A R. levou a turma para o ginásio, com o objetivo de ali contar uma história – *O Nabo Gigante*, de Alexis Tolstoi. Tinha trazido a representação, em papel plastificado, de todas as personagens deste conto, uma base em *k-line* (na qual as figuras ficavam de pé) e alguns elementos para criar um pequeno cenário (um nabo gigante, feito em pasta de papel e forrado em tecido; gravilha que representava terreno de um quintal). Terminada a leitura em voz alta da história, dirigimo-nos para a sala, onde a R. distribuiu um pequeno excerto da história lida e pediu aos alunos para sublinharem, no texto, algumas palavras ditadas por ela. Com as palavras sublinhadas, explicou como se classificam as palavras quanto à sílaba tónica. Após as explicações, realizou um exercício de consolidação que consistia em dividir as palavras sublinhadas em esdrúxulas, graves e agudas.

Na Área da Matemática, os alunos resolveram algumas situações problemáticas. A minha colega, com a resolução das situações problemáticas, explicou aos alunos como se realizam operações de dividir com dois algarismos no dividendo.

Na Área de Estudo do Meio, a R. falou com os alunos sobre plantas comestíveis. Deu exemplos de raízes, caules, folhas, flores e frutos que utilizamos regularmente na nossa alimentação. Tinha trazido, para os alunos verem, os legumes e frutos falados. Distribuiu uma ficha formativa para os alunos colarem imagens de legumes nas colunas corretas, separando-as por raízes, caules, folhas, flores e frutos comestíveis.

Inferências / Fundamentações

A minha colega preparou cuidadosamente a história que iria ler. Considerei importante ter oferecido às crianças um momento de magia e fantasia com os cenários que trouxe. No decorrer da leitura, consegui despertar nos alunos a atenção dos mesmos. É de extrema importância que as crianças contactem com a leitura desde cedo. Homman e Weikart (2011) defendem que

[...] através da leitura de histórias às crianças, pelos pais, outros membros da família ou quaisquer adultos significativos, cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que, as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com as histórias e a leitura (p. 547)

Cabe aos professores proporcionar aos alunos momentos como estes e criar estratégias que facilitem e contribuam para a aproximação à leitura.

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

Neste dia, a minha colega e eu dirigimo-nos para a sala do 2.º ano A, para que pudéssemos assistir à aula surpresa de uma colega de mestrado. Foi-lhe pedido que trabalhasse com o material estruturado calculadores multibásicos. Com o mesmo, a colega realizou com os alunos operações de subtração com empréstimo. Concluída a aula, dirigimo-nos para a sala do 3.º ano A onde outra colega nossa “deu” uma aula surpresa. Trabalhou com os alunos o perímetro, usando o material *Cuisenaire*. Depois destas aulas decorreu a reunião com as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica.

Após a reunião, dirigimo-nos para o ginásio, onde todos os alunos do 1.º Ciclo se encontravam a assistir a uma pequena peça de teatro.

Inferências / Fundamentações

Em ambas as aulas a que assisti, houve casos em que os alunos confundiram a direita e a esquerda, nomeadamente quando lhes foi solicitado que colocassem o material no canto superior direito da mesa. Posso concluir que a lateralidade não foi bem trabalhada nestes alunos.

É fundamental praticar a lateralidade com os alunos. De acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p. 29) «a lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas».

Os exercícios de lateralidade desenvolvem nas crianças várias componentes fundamentais, como o esquema corporal, o equilíbrio, a coordenação e a estruturação espacial e temporal. A lateralidade deve ser trabalhada desde cedo nas crianças, para que não aconteça o que aconteceu nas aulas que assisti. Alunos destas idades já deveriam saber distinguir com facilidade a direita da esquerda.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

Nesta manhã, a minha colega de estágio e eu “demos” uma aula em conjunto. Trabalhámos apenas a Área de Estudo do Meio, nomeadamente, os meios de comunicação. Demos a sua definição e fizemos a distinção entre meios de comunicação sociais e pessoais. De seguida, realizámos uma atividade com os alunos que consistia em elaborar um telefone com dois copos de plástico e um cordel. Concluída a nossa aula, a professora propôs aos alunos que realizassem um exercício caligráfico.

Após o recreio, os alunos concluíram o exercício caligráfico e trabalhos em atraso. Enquanto os alunos realizavam os trabalhos, a professora falou connosco sobre a nossa aula.

Inferências / Fundamentações

Os trabalhos em atraso que os alunos concluíram consistiam na realização de operações aritméticas. Como definido no Programa de Matemática do Ensino Básico, é importante nesta idade que os alunos saibam corretamente «usar os sinais +, -, x e : na representação horizontal do cálculo» e, essencialmente, que saibam «resolver problemas envolvendo adições, subtrações, multiplicações e divisões» (Ministério da Educação, 2007, p. 16).

Com a realização destes trabalhos, pude constatar que nas adições e subtrações os alunos não revelaram dificuldades significativas. No entanto, observei que as dificuldades estavam presentes em quase todas as operações de multiplicar e dividir.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Os alunos iniciaram a manhã trabalhando na Área de Português. Realizaram uma ficha formativa com exercícios de jogos de palavras. Tinham de, a partir da última sílaba de uma palavra, descobrir a próxima e assim sucessivamente. Seguidamente elaboraram algumas frases com palavras descobertas neste mesmo exercício.

Na Área da Matemática, a professora realizou algumas revisões para o teste que se iria realizar na semana seguinte. Os alunos trabalharam a decomposição de números, os sólidos e figuras geométricas. Esta manhã de estágio foi toda observada pela diretora da escola com o objetivo de avaliar a professora titular de turma.

Inferências / Fundamentações

Durante as revisões de Matemática que a professora fez, um dos temas abordados foram os sólidos e figuras geométricas. A professora solicitou a alguns alunos que descrevessem alguns sólidos, referindo o número de arestas, vértices e faces. Fez referência ainda aos sólidos que tinham superfícies planas e aos que não as tinham. De acordo com o Programa de Matemática do 1.º Ciclo (Ministério da Educação, 2007, p. 23), o aluno deve «comparar e descrever propriedades de sólidos geométricos e classificá-los (prisma, paralelepípedo, cubo, pirâmide, esfera, cilindro e cone)».

Durante as revisões realizadas, pude constatar que ainda existiam muitas dúvidas sobre a matéria que iria sair no teste, e que muitos alunos ainda não tinham começado a

estudar. A professora incentivou-os a começar a estudar para que os resultados dos testes fossem satisfatórios.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

A turma iniciou a manhã a trabalhar com a professora de apoio, devido ao atraso da professora titular de turma. Começaram por realizar uma ficha formativa que continha alguns provérbios e exercícios sobre o feminino e o plural das palavras. Quando a professora titular de turma chegou, trabalharam na Área da Matemática. Fizeram uma ficha formativa com diversos exercícios, como revisões para o teste. Estes exercícios foram realizados com conjunto com a professora, no quadro da sala.

Após o recreio, os alunos tiveram aula de inglês. Trabalharam os graus de parentesco, as cores e os números. Enquanto decorria a aula de inglês, a professora despediu-se de nós e fez um breve balanço do estágio realizado na sua sala.

Inferências / Fundamentações

Neste último dia de estágio, não posso deixar de fazer referência à disponibilidade e amabilidade que a professora titular da turma demonstrou para com as estagiárias. Foi muito simpática ao acolher-nos, de forma tão amável, e colocou-nos, desde logo, muito à vontade para qualquer eventualidade. O primeiro contacto caloroso por parte da professora foi muito positivo para o decorrer dos restantes dias de estágio, o que favoreceu uma boa relação pedagógica.

Como refere Morgado (1997, p. 82), a relação pedagógica «torna imprescindível uma atitude de cooperação que julgamos poder ser entendida e assumida como um imperativo de natureza ética». Durante todo este momento de estágio, a professora colocou-nos à vontade, cooperou em tudo connosco, mostrando-se sempre muito disponível para o que necessitássemos. Da nossa parte, retribuímos dando toda a colaboração pedida, com empenho e gosto

CAPÍTULO 2

PLANIFICAÇÕES

No presente capítulo, serão apresentados quatro planos de aulas. Dois deles referem-se a aulas lecionadas no Pré-Escolar e os outros dois a aulas lecionadas no 1.º Ciclo de Ensino Básico.

As planificações apresentadas são baseadas no modelo T de aprendizagem, uma vez ser este o modelo adotado e utilizado nas escolas privadas onde estagiei. Após a apresentação de cada planificação, seguem-se as inferências referentes às aulas dadas que sustentam e justificam as estratégias utilizadas.

Passo agora à fundamentação teórica que suporta todo este capítulo.

2.1. Fundamentação teórica

Para um professor, é de extrema importância planificar, uma vez que assim possui linhas orientadoras que definem os objetivos a ser atingidos e, principalmente, cumpridos. As atividades escolares devem ser todas planeadas atempadamente, para que tenham o fim desejado.

Mas a planificação nem sempre é fácil. Para Zabalza (2000, p. 47), planificar significa «converter uma ideia ou um propósito num curso de acção». Para Escudero (citado em Zabalza, 2000 pp. 47-48), «trata-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas (...) para as concretizar». Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 59) mencionam a planificação como sendo uma operação relacionada com o sistema curricular e pedagógico. Estes dois últimos autores defendem que «a planificação do ensino, partindo do currículo, programa, actividades de ensino-aprendizagem que selecciona, organiza e sequencia no tempo e concretiza-se num plano de ensino.»

É também de grande relevância referir a importância do currículo, pois este é um plano nacional anual de organização do ensino. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 47), «os currículos traduzir-se-iam numa listagem ou esquema de temas e tópicos por área disciplinar (ou disciplina), apresentando uma certa organização e sequência, a que se acrescentam, por vezes, algumas indicações ou sugestões metodológicas no tratamento dos conteúdos programáticos enunciados».

Ao planificar, o professor deve considerar alguns aspetos, entre os quais, como defendem Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 449), «fazer uma seleção limitada dos conteúdos e ideias a transmitir»; deve ainda clarificar «uma estrutura e sequência de apresentação bem definida (...) as quais servem de “ponte” entre o que o aluno sabe e o que vai aprender».

Clark e Yinger (citados por Zabalza 2000, pp. 48-49) referem que há três razões pela qual um professor deve planificar, sendo elas: a satisfação das suas próprias necessidades pessoais, reduzindo assim a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes cria e definindo uma orientação que lhes dê confiança e segurança; a determinação dos objetivos a alcançar no termo de processo de instrução, quais os conteúdos que devem ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que atividades teriam que ser organizadas, que distribuição de tempo; por fim, as estratégias de atuação durante o processo de instrução, qual a melhor forma de organizar os alunos, como iniciar as atividades e quais os marcos de referência para a avaliação.

Cabe ao professor gerir a turma e programar as atividades de acordo com as necessidades dos seus alunos. Para que a atividade seja concretizada com sucesso, é importante que o professor tenha em conta os alunos a quem destina as suas práticas diárias, conseguindo adaptar estratégias que levem a cabo a aprendizagem. Na elaboração da planificação, é essencial que o educador/professor seja capaz de organizar as atividades, consoante o interesse e capacidades dos alunos.

As planificações podem ser realizadas a longo, médio e curto prazo. As planificações a longo prazo referem-se aos planos anuais e, segundo Arends (1995), centram-se essencialmente nos temas e atitudes gerais, a matéria a dar e os ciclos do ano letivo (pp. 60-61). Em relação às planificações a médio prazo, o autor citado defende que este tipo de planificação «associa num conjunto uma série de objetivos, conteúdos e actividades que o professor tem em mente» (p. 60). Por último, as planificações a curto prazo destinam-se a planos diários e, segundo o mesmo autor, referem esquematizando «o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação» (p. 59).

É frequente acontecer um professor planear as suas aulas para um certo dia, mas se, nesse dia, os alunos não se encontrarem recetivos às atividades planeadas, estas devem ser postas de lado e devem ser concretizadas posteriormente. Zabalza (2000) acrescenta que

«o professor tem que apostar decididamente em ser ele próprio o co-responsável pelo projecto e pela gestão do seu próprio trabalho na aula» (p. 46). É também importante ter em consideração que a planificação deve ser flexível. Segundo o mesmo autor, «os professores com experiência dizem que modelos de planificação rígidos, em que tudo é previsto, são pouco úteis, pois, mais tarde ou mais cedo, a própria dinâmica imprevisível do grupo turma acabará por impor-se» (p. 55). Desta forma, planificar torna-se numa atividade de grande importância para todos os professores.

O plano de atividades deve definir claramente quais os objetivos a seguir pelo professor. No entanto, este não é obrigado a mantê-la: pode sempre alterá-la. Isso poderá acontecer diversas vezes, por diversas razões, por isso, é possível dizer que as planificações não são estanques nem estáticas.

Os professores, ao planificar, podem fazê-lo com base em diversos modelos de planificação, uma vez que existem vários tipos. As planificações apresentadas neste capítulo baseiam-se no modelo T de aprendizagem, de Martiniano Pérez. Este modelo caracteriza-se por ser um modelo amplo e resumido, que pode ser utilizado com base numa área ou domínio ou em diversos momentos de aprendizagem. Segundo Pérez (s.d., p. 7), este modelo de planificação «trata de agrupar os objetivos fundamentais (capacidades-valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/ atividades gerais numa visão global e panorâmica».

De acordo com Pérez (s.d.), este modelo consiste num «modelo de selecção cultural e curricular integrado para favorecer a educação integral e o desenvolvimento harmonioso da personalidade» (p. 7) e é adaptado às atividades que se pretendem realizar. Para Pérez, os conteúdos ou conhecimentos abrangem as unidades de aprendizagem que devem ser adquiridas ao longo do ano. Esses conhecimentos são transmitidos através de métodos ou procedimentos que são entendidos pelo autor como «formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar» (p. 40). Reforça ainda este autor que «é possível de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar» (p. 40).

O modelo T de aprendizagem transmite uma perceção global da informação, assemelhando-se a um guião que proporciona ao professor saber com precisão o que irá explorar e ensinar. Pode ser encarado como uma forma simples de organizar as

atividades, facilitando a tarefa do professor, uma vez que a prática de planejar é muito importante para atingir o sucesso profissional.

É de extrema importância realçar que não devemos considerar um modelo certo ou errado, pois, em cada caso, por vezes, é necessário utilizar outro tipo de planificação. Como afirmam Pais e Monteiro (1996, p. 37), «não podemos dizer que este ou aquele modelo é melhor ou que é mais correcto. O essencial é que o modelo escolhido agrade ao professor, que se sintam bem a trabalhar com ele».

Volto a realçar que a elaboração de um plano não exige uma aplicação implacável do mesmo, visto que não podemos ter uma visão estática na elaboração de um plano. Sempre que, em contexto de sala de aula, se justifique, é necessário alterá-lo, de acordo com as necessidades e dificuldades dos alunos ou mesmo com o objetivo de tornar a aula mais viva e dinâmica.

Adianto ainda que em todos os planos de aula se encontra em rodapé a seguinte nota: «Plano sujeito a alterações». Esta nota possibilita a flexibilidade para modificar o rumo da aula, sempre que necessário. Tal flexibilidade é fundamental para que o processo de ensino e a relação entre professor e aluno sejam de qualidade.

2.2. Planificações

Nas próximas páginas, encontram-se quatro planificações de aulas que lecionei durante o Estágio Profissional realizado. Estas planificações são de atividades aplicadas, respetivamente, na educação Pré-Escolar (a um grupo de crianças na faixa etária dos cinco anos e a outro na faixa etária dos quatro anos) e no 1.º Ciclo do Ensino Básico (numa turma de 2.º ano e noutra de 3.º ano). As duas planificações destinadas à educação Pré-Escolar, são relativas à Área da Expressão e Comunicação, aos Domínios da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A planificação aplicada à turma de 2.º ano é referente à Área Curricular de Estudo do Meio; na turma do 3.º ano, a planificação apresentada refere-se à Área Curricular de Português.

Cada planificação é acompanhada de algumas inferências científicas que sustentam e suportam os procedimentos expressos nos planos de aulas.

2.2.1. Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação

Quadro 2 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação

Plano de aula

Nome: Ana Filipa Santos Leal

Data: 25 de outubro de 2011

Grupo: 5 anos de idade

Domínio da Matemática

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
→ Cálculo Mental → Contagem → Sentido da divisão	→ Confeccionar um bolo, com os ingredientes necessários (na posse da estagiária) e respetivas imagens (na posse das crianças), recorrendo à contagem e ao cálculo mental de cada criança; → Repartir o bolo confeccionado pelas crianças, inculcando o sentido da divisão.
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
→ Cálculo <ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio → Compreensão <ul style="list-style-type: none"> • Associar • Interpretar 	→ Concentração <ul style="list-style-type: none"> • Atenção • Aplicação de conhecimentos → Solidariedade <ul style="list-style-type: none"> • Partilhar • Colaborar/ cooperar
<p>Material: Tigela grande, ingredientes necessários à confeção do bolo (farinha, açúcar, ovos, fermento), imagens dos ingredientes (em cartolina) e tigelas (uma por criança).</p>	

Modelo T de unidade de aprendizagem.
Esta planificação está sujeita a alterações.

Inferências/ Fundamentação

Nesta aula no Domínio da Matemática, optei por realizar um bolo com as crianças, apelando ao cálculo mental das mesmas. Considerei importante relacionar a matemática com acontecimentos do quotidiano, familiares – neste caso, **confeccionar um bolo**. De acordo com Cerquetti - Aberkane e Berdonneau (1997, p. 4), lidar com matemática «é, antes de tudo, oferecer à criança a oportunidade de agir, e posteriormente levá-la a refletir acerca de suas ações: reviver em pensamentos os acontecimentos que acabaram de se desenvolver, antecipar o que poderia vir a acontecer, procurar, prever».

Durante a elaboração do bolo, apesar de ser eu própria a juntar, mexer, etc., os ingredientes (tendo as crianças, em seu poder, cartões plastificados com as imagens respetivas), deixei que tocassem nos ingredientes, que cheirassem, que provassem (por exemplo, açúcar). Assim, as crianças acabaram por utilizar diversos sentidos. É através dos sentidos que as crianças exploram o mundo que as rodeia e, para tal, é importante que o docente proporcione momentos de experiências para que a aprendizagem seja rica. Para Aranão (1996, p. 16), a criança «tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele as informações que lhe são necessárias». Optei por utilizar esta estratégia, por a considerar enriquecedora, por considerar que motivaria as crianças e contribuiria para a formação do conhecimento, de uma forma lúdica.

Ao longo de toda a atividade, tentei que as crianças desenvolvessem o **cálculo mental**. O cálculo mental é descrito por Ribeiro, Valério e Gomes (2009) como «um movimento rápido e flexível através do mundo dos números» (p. 8). Este movimento é um poderoso meio de cálculo, sendo um caminho de aproximação aos números e à informação numérica. Os autores citados afirmam que esta competência elementar é caracterizada por:

- trabalhar com os números e não com os algarismos;
- usar as propriedades elementares de cálculo e as relações entre números tal como a propriedade comutativa, a propriedade distributiva e a noção de operação inversa;
- implicar um bom desenvolvimento do sentido de número e um saudável conhecimento dos factos numéricos elementares;
- permitir o uso de registos intermédios de acordo com a situação. (pp. 7-8)

Ainda segundo Ribeiro, Valério e Gomes (2009), o cálculo mental tem como principal característica «desenvolver nas crianças uma diferenciação natural no modo como operam, para chegar à solução de um problema» (p. 8). Esta forma de cálculo é «ativa, flexível e habilidosa», dando assim liberdade às crianças de seguirem as suas «próprias abordagens, usarem as suas próprias referências numéricas e adoptarem o seu próprio grau de simplificação de cálculos» (p. 7). O desenvolvimento do cálculo mental, segundo os autores citados, constitui uma ferramenta importante nos dias de hoje, quer diga respeito a cálculos com dinheiro, tempo, massa ou distâncias; as boas competências de cálculo são essenciais para a manutenção de uma forte relação com os números, de forma a sermos capazes de olhar para estes de uma maneira crítica e interpretá-los de modo apropriado (p. 4). O cálculo mental é um elemento crucial do mundo dos números, que a criança deve ser capaz de usar com confiança.

Durante esta atividade, ao inserir alguns ingredientes na tigela, as crianças fizeram contagens, trabalhando, deste modo, a noção do sentido do número. Butteworth (2005) esclarece que a **contagem** «é uma das primeiras formas que a criança tem para entrar em contacto com o sentido do número»⁷. As crianças participaram muito ativamente na atividade que lhes proporcionei, respondendo prontamente às questões feitas.

Solicitei a uma das crianças que contasse, oralmente, o número de ovos que usámos; a outra que contasse o número de chávenas de açúcar, a outra, ainda, pedi que contasse o número de chávenas de farinha e, finalmente, a outra que contasse o número de colheres de café de fermento. Ao fazer este exercício, realizei também, oralmente, situações problemáticas, nomeadamente sobre a noção de dobro, pois, antes que a terceira criança colocasse, na taça grande, a quantidade de farinha, solicitei-lhe que usasse o dobro do número de chávenas de açúcar que o menino anterior tinha colocado na taça. Segundo Castro e Rodrigues (2008, p. 29), «as competências de cálculo das crianças em idade Pré-Escolar desenvolvem-se em simultâneo com as suas competências de contagem». Deste modo, é notória a importância da contagem como suporte no cálculo mental das crianças.

⁷ In F. Caldeira, “O sentido do número”, s.d., p. 2. Este documento fotocopiado foi-nos entregue pela Professora Filomena Caldeira, no âmbito da Unidade Curricular de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da Matemática no Jardim de Infância.

Seguidamente, **reparti o bolo** confeccionado anteriormente, **incutindo o sentido da divisão**. Expliquei-lhes que, primeiramente, íamos dividir o bolo em duas partes iguais – sendo cada uma “a metade”. Depois, parti cada metade em duas partes, dizendo-lhes que agora tínhamos “um quarto de bolo”. Considerando a idade das crianças, fiquei por esta informação. A seguir, cortei cada quarto de bolo em oito pequenas fatias e distribuí uma por cada criança, pela educadora, pelas minhas colegas de estágio.

Achei importante repartir o bolo, abordando a noção de divisão, por considerar que situações no concreto ajudam a estimular o raciocínio matemático das crianças, para além de as capacitar para partir do concreto para o abstrato. Segundo Caldeira (2009),

Não se ensina matemática às crianças. O que devemos fazer é colocá-las em situação de, por si mesma, poder construir, ao seu nível, as primeiras estruturas lógico-matemáticas – deve-se para o efeito partir do concreto para o abstrato, considerando como fundamental os conhecimentos que a criança tem do mundo que a rodeia. (p. 363)

Este tipo de atividades, próxima do quotidiano das crianças e lúdica, desperta um certo prazer e vontade em participar. Segundo Oliveira (citado por Caldeira, 2009, p. 40), «as actividades lúdicas são a essência de infância». Nesta minha aula, as crianças mostraram-se muito interessadas e entusiasmadas durante toda a atividade.

2.2.2. Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação

Quadro 3 - Planificação da Área de Expressão e Comunicação

Plano de aula	
Nome: Ana Filipa Santos Leal	
Data: 31 de janeiro de 2012	
Grupo: 4 anos de idade	
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
→ Ouvir ler histórias → Antecipar conteúdos, com base nas ilustrações e no título das histórias → Mobilizar conhecimentos prévios → Explorar uma história lida	→ Sentar as crianças em forma de “U”; → Ler, em voz alta, às crianças, o livro <i>João e o Pé de Feijão</i> , de Ana Oom; → Conversar com as crianças antecipando conteúdos da história e relacionando-os com as suas experiências; → Explorar as informações contidas na história lida; → Relacionar os conteúdos da história lida com os conceitos a transmitir no domínio do Conhecimento do Mundo.
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
→ Expressão Oral <ul style="list-style-type: none"> • Interpretação → Participação	→ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir → Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Participar
Material: livro <i>João e o Pé de Feijão</i> .	
Modelo T de unidade de aprendizagem. Esta planificação está sujeita a alterações.	

Inferências/ Fundamentação

Nesta aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, tinha como objetivo ler em voz alta às crianças a história *João e o Pé de Feijão*, adaptada da tradição oral por Ana Oom, mostrando-lhes as ilustrações do livro, e fazer a sequente exploração da história.

Comecei por **sentar as crianças em forma de “U”**, com o objetivo de todas as crianças conseguirem observar, com clareza, as imagens mostradas durante a leitura. A organização deve ter em conta a aprendizagem das crianças e a sua motivação. Ao organizar o espaço, o educador demonstra as suas intenções educativas. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, o educador deve interrogar-se «sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização» (Ministério da Educação, 1997, p. 37). Pareceu-me pertinente sentar as crianças desta forma, para conseguir promover uma melhor aprendizagem e evitar as distrações. De acordo com Cury (2004), «apesar de parecer tão inofensivo enfileirar os alunos uns atrás dos outros na sala de aula, esta disposição é nociva, produz distrações e bloqueia a inteligência» (p. 123). Como tal, prossegue este autor, «sentar em forma de U ou em círculo aquieta o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interacção social dá um grande salto» (p. 125).

Depois de organizada a sala, iniciei a **leitura em voz alta** da história *João e o Pé de Feijão*. A leitura da história em voz alta, feita pelo educador, é uma prática proveitosa, pois, segundo McGee (citado em Mata, 2006),

[...] apoia a construção de sentido por parte das crianças, e enriquece a interacção da criança com a literatura. Para apoiar na construção de sentido, o adulto ajusta o seu estilo de leitura, facilita a compreensão da criança, realça alguma informação pertinente, questiona, comenta, etc. (p. 92)

As crianças gostam de **ouvir ler histórias**. É de referir que a leitura de histórias, para além de contribuir e ajudar na construção de conhecimentos contribuindo de uma forma lúdica para a aprendizagem, desperta ainda nas crianças o gosto e o prazer pela leitura.

É de extrema importância proporcionar momentos de interação das crianças com a literatura. Como refere Mata (2006), as crianças «não nascem com um gosto natural pela literatura, elas desenvolvem estratégias sofisticadas ao compreenderem e

interpretarem a literatura através de interacções adequadas» (p. 92). Por isso, antes de iniciar a leitura, procurei **antecipar conteúdos**. Mostrei-lhes a capa e solicitei-lhes que, olhando a imagem, me falassem sobre o que poderia ser a história. Li-lhes o **título** e voltei a formular a pergunta. Ao longo da leitura, ao fim de cada página, antes de virar para outra, parei e fui conversando com as crianças sobre o que tinham escutado e sobre o que previam vir a acontecer; mostrava as **ilustrações** e as crianças adiantavam o que achavam que se iria passar.

Spodek e Saracho (1998, p. 276) alertam-nos para que «Ouvir histórias ajuda as crianças a se conscientizarem das funções, formas e convenções dos textos, bem como a desenvolver o seu conhecimento metacognitivo sobre as tarefas de leitura e as suas interações com os pais e professores». Para além de que o contacto com a escrita tem como um dos principais instrumentos o livro. É através dele que as crianças descobrem «o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética» (Ministério da Educação, 2009, p. 70).

Desde o início e até ao final da minha leitura, tentei **conversar sobre a história lida**, conduzindo as crianças a **mobilizar conhecimentos adquiridos**. Por exemplo, perguntei-lhes se gostavam mais de sopa de feijão ou de grão, por que motivo na história se dizia que os feijões eram mágicos. De modo a enriquecer a interação da criança com a literatura é importante, como afirma Mata (2006), proporcionar momentos que levem as crianças «a participar antes, durante e depois da leitura, apoiando a criança a desenvolver o seu pensamento, usando o texto e as suas ilustrações como informação crítica, mais do que a recitar elementos» (p. 92).

A leitura de uma história é uma atividade que muito agrada às crianças, para além de contribuir para a construção de conhecimentos. De acordo com Mata (2008),

[...] a leitura de histórias pode, assim, ser muito mais do que o cumprir de uma rotina de uma forma estereotipada e pouco rica. Ela pode ser uma actividade muito agradável, fonte de inúmeras reflexões e partilhas e um elemento central na formação de ‘pequenos leitores envolvidos’ que conseguem aproveitá-la para irem muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas que a registam. (p. 80)

Concluída a leitura, procurei **explorar as informações contidas na história lida**, levando-as a “interpretá-la”. Achei importante estimular as crianças para falarem sobre os conteúdos da história e também sobre as suas vivências. Conversar com as mesmas, também ajuda as crianças a expressarem-se e incute o respeito e a capacidade

de saber ouvir os outros. Hohman e Weikart (2003, p. 40) defendem que «ao comunicarem [as crianças] aprendem que a forma pessoal de se expressarem é eficaz porque os outros as ouvem e respeitam aquilo que elas dizem». De acordo com Spodek e Saracho (1998, p. 245), «a única forma de sabermos se uma criança nos está a prestar atenção é fazendo-lhe perguntas que exijam reflexão sobre algum elemento do que elas ouviram ou que requeiram que elas façam algo de acordo com o que ouviram». Também Castro e Gomes (2000, citados por Mata, 2006, p. 185) afirmam que, depois de se ler uma história em voz alta, deve-se questionar as crianças sobre o seu conteúdo, salientando que esta é uma atividade muito vantajosa, pois desenvolve muitas competências ao nível da linguagem. Esta prática é defendida igualmente por Teberosky e Colomer (2003, p. 118), que afirmam que «ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido».

Seguidamente, optei por **relacionar os conteúdos da história lida com os conceitos a transmitir no domínio do Conhecimento do Mundo**. Como a história nos falava de um feijoeiro, pelo que abordava um dos conteúdos que iriam ser trabalhados naquele domínio (nomeadamente, a constituição das plantas), utilizei-a como “ponte” para a transição de um domínio diferente. Ao relacionar os conteúdos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com os do Conhecimento do Mundo, realizei a interdisciplinaridade. Para Pombo, Guimarães e Levy (1994, p. 13), a «interdisciplinaridade, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes».

A interdisciplinaridade implica uma organização do processo de aprendizagem, uma vez que estimula e ajuda as crianças na aprendizagem. O relacionamento de saberes é de extrema importância na educação, visto que ajuda na construção de conhecimentos. Segundo Fourez (2002, p. 27), a interdisciplinaridade é um método que permite «tratar problemas concretos provenientes de uma realidade», recorrendo a outra área do saber, ou seja, é a «colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares» (p. 25), é saber «ultrapassar as fronteiras disciplinares». De acordo com Haigh (2010),

São enriquecedoras as estratégias e/ou atividades que promovam o cruzamento das áreas/ domínios, que estimulam o desenvolvimento das capacidades, valores e atitudes, levando à formação de indivíduos autónomos, responsáveis e portadores de um saber globalizante. Todas as

áreas são igualmente importantes na medida em que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. (p. 99)

Neste caso, pratiquei a interdisciplinaridade para que os alunos relacionassem os conteúdos da história lida com os conceitos que iriam ser abordados no Domínio do Conhecimento do Mundo.

2.2.3. Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio

Quadro 4 - Planificação da Área Curricular de Estudo do Meio

Plano de aula

Nome: Ana Filipa Santos Leal

Data: 21 de maio de 2012

Ano: 2.º ano B

Área: Estudo do Meio

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
→ Características dos anfíbios (axolote)	<p>→ Rever as características dos anfíbios;</p> <p>→ Apresentar um anfíbio invulgar e explicar porque é considerado um anfíbio;</p> <p>→ Abordar algumas curiosidades acerca deste animal, com o auxílio de uma apresentação em PowerPoint;</p> <p>→ Distribuir pelos alunos cartões, onde estão características deste animal e outras que ele não detém; os cartões com as características corretas destinam-se a ser coladas numa proposta de trabalho previamente distribuída;</p> <p>→ Realizar a correção da proposta, representada num cartaz, em tamanho grande, colocado no quadro da sala.</p>
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<p>→ Expressão oral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fluidez mental <p>→ Pensamento e sentido crítico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de informação 	<p>→ Respeito</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consciencializar <p>→ Responsabilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Esforçar-se
Material: <i>PowerPoint</i> , cartões, cola, proposta de trabalho, cartolina, bostic.	

Modelo T de unidade de aprendizagem.

Esta planificação está sujeita a alterações.

Inferências/ Fundamentação

Segundo Catita (2007b), «a abordagem do tema ‘Os Animais’ é fascinante para as crianças destas idades em geral» (p. 66); como tal, é de extrema importância explorar e aproveitar o fascínio que as crianças têm pelo reino animal. Esta temática requereu muito do meu empenho e pesquisa, uma vez que, previsivelmente, por se tratar de um tema de grande interesse para os alunos, as questões iriam surgir e era importante sentir-me apta para esclarecer todas as suas dúvidas. O autor citado esclarece que «é importante não responder de forma irresponsável a perguntas feitas pelas crianças, cometendo erros conceptuais de carácter praticamente irreversível do ponto de vista estruturante para a formação intelectual da criança, relativamente a estas temáticas» (p. 67).

Antes de dar início à minha aula, **revi as principais características dos anfíbios**, aproveitando para apelar aos conhecimentos dos alunos. A meu ver, o docente deve ter em conta os saberes e conhecimentos que os alunos possuem e utilizá-los como ponto de partida para novas explicações. Martins *et al.* (2009, p. 19) referem a importância de o docente «estar atento à ideias prévias que as crianças manifestam em relação aos fenómenos que observam e de as considerar como ponto de partida para as novas situações de aprendizagem». A partir da compreensão das ideias prévias dos alunos, é possível ao professor adequar a sua intervenção e adaptar os seus recursos e estratégias.

Ao ter em conta as ideias e conhecimentos que os alunos possuem, os conhecimentos e aprendizagens que estes constroem são mais significativas. Curto, Morillo e Teixidó (2007, p. 84) afirmam que, ao usar os conhecimentos dos alunos, a aprendizagem que advém deste método é «significativa» e que «permite pensar». Estes autores defendem ainda que esta aprendizagem permite «desenvolver e expressar as próprias ideias, discuti-las, confrontá-las, melhorá-las, ampliá-las». Mais concretamente, nesta metodologia parte-se «das ideias pessoais, dos conhecimentos prévios, do que já se sabe» e o professor, orientando o aluno, põe as suas ideias/ conhecimentos ‘em movimento’, fazendo com que este ataque «um problema novo e estimulante».

Para esta aula optei por trabalhar um animal até então desconhecido para os alunos, com o objetivo de estimular o interesse delas nesta aula. Após relembrar as características dos anfíbios, **apresentei um anfíbio invulgar (o axolote) e expliquei**

porque era considerado como tal. Confirmei que este assunto despertou de imediato a curiosidade da criança. Com o envolvimento pelo assunto, era notório o desejo de aprender e explorar as características do animal em questão. Segundo Roldão (1995), «aprender implica sempre estar interessado e aprender, haver alguma identificação afectiva de quem estuda com o tema de estudo, gerando-se uma genuína curiosidade que tem a ver com o significado que o assunto assume para o aluno» (p. 33).

Seguidamente, **abordei algumas curiosidades sobre este animal através de uma apresentação em PowerPoint.** Optei por utilizar este meio audiovisual por considerá-lo uma ferramenta de ensino bastante útil. É prática e proporciona a todos os alunos a oportunidade de acompanharem o conteúdo que está a ser trabalhado. Para Cadório (2001, p. 53) «unir media e audiovisuais, unir escrita e leitura aos audiovisuais e media; usar pedagogicamente e produzir material audiovisual e mediático para fins pedagógicos, pode ter consequências benéficas».

O PowerPoint faz parte das novas tecnologias. Segundo Botelho (2009), os Programas Educativos relacionados com a «introdução do computador no acto de ensino-aprendizagem» (p. 140) assumem um papel especial, na medida em que estes recursos, utilizados nas aulas, tornam-nas mais apelativos para os alunos. Podem ser utilizadas imagens, animações para cativar a atenção e curiosidade dos alunos. Por este motivo, utilizei este meio para completar as explicações dadas durante a aula que lecionei.

Para a consolidação dos conteúdos trabalhados e falados anteriormente optei por uma proposta de atividade. Distribuí aos alunos uma folha A4, onde estava o título “Características do Axolote”. Após, distribuí **cartões, onde estavam descritas algumas características deste animal** e outras que estes animais não detêm. Os alunos tiveram de fazer uma seleção, escolher os cartões com as características corretas e **colá-las** na proposta previamente distribuída. Propus esta atividade por considerar que ela podia ser do interesse dos alunos. Foi notório o agrado das crianças, talvez por ser uma atividade que “foge” um pouco à rotina. Para conquistar a atenção dos alunos e para motivá-los a aprender, o professor tem de ser criativo nos trabalhos que propõe e realiza, transmitindo o conhecimento de forma lúdica. A atividade proposta por mim também foi pensada para despertar na criança o interesse de aprender e, sobretudo, de consolidar as suas aprendizagens. Tal como refere Piaget (citado por Kami, s/d, p. 26) «a situação

ideal de aprendizagem é aquela em que a actividade é de tal modo agradável que aquele que aprende a considera como um ‘trabalho’ e como um ‘jogo’».

Para a realização desta tarefa de colar os cartões na folha distribuída, os alunos trabalharam com tesoura e cola. A meu ver, como não utilizam com muita frequência este tipo de materiais, ficaram entusiasmados e motivados para a realização da atividade. Borràs (2001, p. 295) avisa-nos que «existem muitos materiais que têm como principal função motivar os alunos para que desenvolvam determinadas capacidades ou destrezas ou para que adquiram determinados conhecimentos, isto é, [para] desencadear um estímulo para a aprendizagem».

Para a **correção da proposta realizada anteriormente**, decidi construir um **cartaz, em tamanho grande**, que reproduzia a folha A4 que tinha entregado aos alunos. O cartaz estava exposto no quadro da sala. Pedi a **participação dos alunos para efetuarem, no cartaz, o que tinham feito na atividade proposta**. Considerei de extrema importância fazer um material visível a todos os alunos, facilitando a compreensão das explicações dadas e possibilitando, assim, que as crianças pudessem acompanhar o que estava a ser feito. Jensen (2002) defende que, «se os alunos não tiverem dificuldades visuais, sair-se-ão melhor quanto mais puderem ver, observar e seguir com os olhos» (p. 101).

Senti que cumpria, com êxito, o defendido no Programa de Estudo do Meio (Ministério da Educação, 2004), para o 2.º ano de escolaridade. Assim, no Bloco 3 – “À Descoberta do ambiente natural”, é indicado o seguinte objetivo: «Conhecer aspectos físicos e seres vivos de outras regiões ou países» (p. 122). No entanto, este objetivo é aconselhado que só seja abordado «se houver manifesto interesse por parte dos alunos» (p. 108). Como referido atrás, nos meus Relatos Diários, as crianças desta escola particular andam ligeiramente adiantadas nas matérias em relação ao que se defende nos Programas do Ensino Básico 1.º Ciclo, por iniciarem a aprendizagem da leitura e da escrita ainda no Pré-Escolar. Além disso, a hipótese que têm de ter estagiários em sala de aula, quer no Pré-Escolar, quer no 1.º Ciclo, que tentam dar o seu melhor e, por isso, levar para as turmas matérias e modos de as apresentar sempre inovadores, contribuem para que temas em torno dos animais mais comuns e do ambiente próximo sejam explorados desde as idades mais novas (Grupos dos 3, dos 4 e dos 5 anos); já no 1.º ciclo, os alunos estão sempre disponíveis a ouvir falar de novidades.

2.2.4. Planificação da área curricular de Português

Quadro 5 - Planificação da Área Curricular de Português

Plano de aula		
Nome: Ana Filipa Santos Leal		
Data: 15 de outubro de 2012		
Ano: 3.º ano B		
<table border="1" style="margin: auto;"> <tr> <td style="text-align: center;">Área: Português</td> </tr> </table>		Área: Português
Área: Português		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos	
→ Texto dramático	→ Rever os tipos de texto já aprendidos; → Explorar as características do texto dramático, usando uma apresentação em PowerPoint; → Entregar um texto dramático e lê-lo, em voz alta, fazendo a leitura modelo; → Distribuir alguns adereços; → Fazer a representação do texto lido com a participação dos alunos.	
Objetivos		
→ Expressão oral e escrita <ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário preciso → Associação <ul style="list-style-type: none"> • Compreender 	→ Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Saber ouvir → Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Ser ordenado 	
Material: Apresentação em PowerPoint, fotocópia de um texto dramático (adaptação de <i>Todos no sofá</i> , de Luísa Ducla Soares), adereços para a representação e ficha informativa.		
<p>Modelo T de unidade de aprendizagem.</p> <p>Esta planificação está sujeita a alterações.</p>		

Inferências/ Fundamentação

Para a aula de Português, cujo conteúdo a abordar era o **texto dramático**, comecei por **rever os tipos de texto que os alunos já tinham aprendido**. Achei importante averiguar os conhecimentos que os alunos já possuíam e familiarizá-los com o tema em questão. Para Sim-Sim (2007, p. 15), «o ensino da compreensão de textos implica que as crianças sejam familiarizadas com tipos variados de textos e lhes sejam ensinadas estratégias gerais de automonitorização da leitura e estratégias específicas para abordagem de cada tipo textual». Assim, rever e falar sobre os tipos de texto já conhecidos é uma mais valia, uma vez que proporciona aos alunos identificar e refletir cada um deles.

Seguidamente, **explorei as características do texto dramático através de uma apresentação em PowerPoint**. Uma definição teórica do texto dramático, apresentada por Barata (1997), diz-nos que este género literário «é uma categoria meta-histórica que congrega as ‘virtualidades transtemporais da enunciação e do discurso’ bem como configurações semântico-pragmáticas constantes» (p. 199). A especificidade deste tipo de texto literário é dada, segundo este autor, pelos seguintes traços:

- . [...] a necessária exclusão do discurso autoral do modo dramático, bem como da instância narrativa;
- . a *dupla enunciação* do texto dramático, dividido entre *réplicas* (texto principal, a ser actualizado em cena) e *didascálias* (texto secundário, de natureza autoral), suporte da sua orientação cénica;
- . [...] a *estrutura dialógica* do texto dramático;
- . a temporalidade do *presente*. (p. 200)

Dei a conhecer aos alunos, numa linguagem mais simplificada, naturalmente, as principais componentes de um texto dramático (personagens, respetivas falas, cenas, atos, didascálias) e seu aspeto formal. De acordo com Sim-Sim (2007, p. 49), num texto dramático o leitor «encontra as ‘falas’ das personagens e as instruções cénicas que não se destinam a ser ditas pelas personagens, as didascálias, escritas geralmente entre parêntesis ou/e em itálico, que situam a acção contextualmente e que dão indicações ao encenador». É importante fornecer informações sobre este texto e que estas sejam adquiridas pelos alunos para que possam, com facilidade, identificar um texto dramático.

Posteriormente, **entreguei a todos os alunos fotocópia de um texto dramático com o objetivo de ser lido.** O texto que entreguei aos alunos foi uma adaptação para texto dramático do livro *Todos no sofá*, de Luísa Ducla Soares. Usei este texto a pedido do professor. Apesar de o ter feito, pois não iria pôr em causa o pedido feito pelo professor, considero que, por um lado, o texto é demasiado infantil para alunos do 3.º ano; por outro, tive pena de não usar um texto dramático, originalmente criado como tal, mas antes uma adaptação (sem indicação de autor) do mesmo.

Antes de solicitar aos alunos que lessem o mesmo, realizei a leitura modelo, com o objetivo de possibilitar aos alunos uma melhor compreensão do texto e de lhes fornecer um modelo de entoação a seguir. A **leitura modelo** é defendida por Veloso (2001, p. 24), quando afirma que o professor, ao ler em voz alta, «com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica». Na minha opinião, não existe melhor explicação do que a que mostra às crianças como se faz, daí concordar com a ideia do autor citado. Realço ainda que, para aprender a ler e entender os diversos tipos de texto, há que, como defende Jean (1999, p. 123), ser o professor a realizar a leitura modelo, para que os alunos vejam «que a leitura ‘informativa’ e/ ou científica implica uma ‘dicção’ clara e argumentativa, que a leitura dos romances não deve negligenciar o imaginário dos ouvintes, que a leitura da poesia obedece a regras estritas, etc».

Para Borràs (2001 p. 366) «o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras)». Não posso também deixar de referir, a propósito da importância da leitura, a opinião de Cadório (2001): «o acto de ler é uma experiência sempre renovada onde se podem encontrar outros padrões, valores e modos de pensar e agir que podem ou não ser semelhantes aos nossos, podem ou não ser aceites por nós» (p. 40), para além de enriquecer o vocabulário e estimular o aluno para o gosto pela leitura; esta mesma autora defende que «a leitura pode tornar-se num óptimo veículo de enriquecimento do vocabulário, de novas estruturas de frase, de novos contextos vocabulares» (p. 38).

Quando concluída a leitura do texto dramático distribuído, **propus aos alunos que fizessem a representação do texto lido.** Para tal, tentei que memorizassem as suas falas, o que não foi difícil – a motivação e o interesse dos alunos ajudou em muito nesta atividade. Segundo Sim-Sim (2001, p. 49) «a expressividade na leitura é um óptimo indicador de fluência, A leitura oralizada é mais atractiva quando acompanhada de

gestos e movimentos, os quais contribuem para uma maior facilidade na memorização dos textos».

Depois dos alunos já terem memorizado as suas falas, e depois de eu ter montado um pequeno cenário, **distribuí alguns adereços**, de modo a enriquecer o envolvimento dos alunos na representação.

A apresentação de um texto de teatro aprofunda a compreensão do texto e trabalha nas crianças a expressividade. Como defende Sim-Sim (2001, p. 49) «a leitura de textos de teatro e a representação dos mesmos pelas crianças é de grande importância no desenvolvimento sociocognitivo dos alunos». Por último, os alunos, com a minha orientação, **fizeram a representação do texto dramático**.

CAPÍTULO 3
DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas quatro avaliações que se realizaram ao longo deste período de Estágio Profissional. Duas delas foram realizadas no Ensino Pré-Escolar, na Área de Expressão e Comunicação, especificamente no Domínio da Matemática, e na Área do Conhecimento do Mundo; as restantes duas foram aplicadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico, nas Áreas Curriculares de Português e Estudo do Meio.

Inicialmente, faço uma pequena contextualização da atividade, bem como a descrição dos parâmetros e os critérios de avaliação que foram previamente estabelecidos, após o que apresento uma grelha de avaliação, onde constam as notas quantitativas e qualitativas dos alunos, a descrição da mesma, e um gráfico circular no qual é possível verificar os resultados dessas mesmas notas.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), é definida como

[...] uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem. E se este resultado nem sempre é alcançado, pela ausência de condições de vária ordem, ele representa uma meta de que todo o professor deve tentar aproximar-se. (p. 338)

A avaliação faz parte do sistema educativo e é imprescindível saber refletir sobre a avaliação de um modo coerente e justo. É também essencial perceber-se que avaliar, por vezes, torna-se complicado. Autores como Pais e Monteiro (1996) sustentam que a dificuldade de avaliar

[...] advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objetiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas. (p. 46)

A avaliação faz parte das práticas pedagógicas e assume a função de certificação das aprendizagens e das competências desenvolvidas pelos alunos. Segundo Arends (1995, p. 229), a avaliação também se refere a um «largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos». É um processo sistemático onde se regista os resultados dos efeitos conseguidos, em relação aos objetivos previamente

definidos pelo professor. Como tal, é possível referir que a avaliação apoia o processo educativo, uma vez que se ajusta às necessidades de cada aluno e, com a mesma, é possível reconhecer as aprendizagens e competências adquiridas pelos alunos.

A avaliação abrange vários intervenientes como o professor, o aluno, o conselho de docentes, os órgãos de gestão da escola, o encarregado de educação, os serviços especializados de apoio educativo e toda a administração educativa.

Existem três tipos de avaliação que nos permitem tomar conhecimento das aprendizagens, conhecimentos e competências dos alunos: avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa (interna e externa). No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a avaliação sumativa interna é realizada apenas pelo professor e pelo conselho de docentes. A avaliação externa é da responsabilidade de um organismo do Ministério da Educação, o Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE), e não da escola.

A avaliação diagnóstica orienta e adapta os conhecimentos mais adequados e é centrada essencialmente no aluno. Este tipo de avaliação tem como objetivo identificar os conhecimentos e competências dos alunos numa fase inicial de trabalho. Fornece ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos aos conhecimentos de cada aluno. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342), «a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens».

A avaliação formativa, segundo Cardinet (citado por Abrecht, 1994, p. 31), «tem por finalidade guiar o aluno no seu trabalho escolar. Procurar situar as dificuldades sentidas pelo aluno e ajudá-lo a descobrir modos de progredir na aprendizagem». Assim, a avaliação formativa tem como principal objetivo orientar e ajudar o aluno no seu processo de aprendizagem significativa. Esta avaliação caracteriza-se por se oficializar nos fins de período e é a principal modalidade de avaliação. Para Cortesão (1993, p. 44), esta avaliação compreende a «recolha e *feedback* de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria». Resumidamente, este tipo de avaliação é uma das modalidades mais importantes da avaliação, uma vez que possibilita o acompanhamento do desenvolvimento de cada criança ao longo do seu período escolar. É também de especial importância que a avaliação motive os alunos a aprender e que os ajude a ter consciência dos seus progressos.

A avaliação sumativa é um tipo de avaliação que se opõe à avaliação formativa. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 359), «a avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado». Este tipo de avaliação tem como principal objetivo informar outras pessoas sobre o que o aluno sabe e faz. É uma apreciação das capacidades das crianças que é entregue ao professor seguinte, aos encarregados de educação ou a outro profissional. Esta avaliação consiste na formulação de um juízo sobre o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

A principal função da avaliação tem sido, essencialmente, classificar, através da atribuição de notas. Nesse sentido, para Leite e Fernandes (2002, p. 21), «a classificação implica a atribuição de um valor a um estágio ou a um resultado a que se chegou com o ensino»; como tal, afirmam os mesmos autores, a classificação «é uma das dimensões da avaliação. No entanto, sendo uma das dimensões mais visíveis, exige ser acompanhada por processos que assegurem a sua fiabilidade e ter características que melhorem a sua clareza, e que explicitem a densidade informativa que contém». Classificar, como refere Vallejo (1979, p. 161), «não é propriamente avaliar; é antes de tudo uma maneira de expressar uma avaliação. O número ou letra devem ter portanto um significado preciso, indicando se se alcançaram e em que medida, os objetivos propostos».

A avaliação é um elemento regulador das aprendizagens dos alunos. No entanto, segundo Morgado (1997, p. 66)

[...] parece oportuno considerar que em cada situação de avaliação apenas é possível ter acesso a uma amostra do que o aluno sabe, compreende ou realiza, o que não fornece uma verdadeira imagem da sua capacidade de sucesso, ou seja, na hipótese mais otimista, não é mais do que a melhor informação que se pode obter. (p. 66)

Assim, avalia-se para detetar os problemas e os êxitos dos processos de aprendizagem dos alunos, com o objetivo de informar o professor, o aluno, o encarregado de educação sobre o cumprimento dos objetivos curriculares. Todas as avaliações referidas têm as suas próprias características mas todas são um regulador das aprendizagens e competências dos alunos.

Para registar todas as apreciações e juízos feitos sobre o percurso do aluno é necessário recorrer a uma escala. Optei por recorrer a uma escala baseada na Escala de Likert (Quadro 6), na qual se representam as cotações e respetivas classificações.

Quadro 6 - Escala de Likert

Cotação	Classificação
0 a 2,9 valores	Fraco
3 a 4,9 valores	Insuficiente
5 a 6,9 valores	Suficiente
7 a 8,9 valores	Bom
9 a 10 valores	Muito Bom

3.2. Avaliação da atividade na Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)

3.2.1. Contextualização

A proposta de trabalho alusiva ao Domínio da Matemática foi aplicada no dia 15 de novembro de 2012, numa aula não lecionada por mim. As propostas foram entregues por mim à educadora da sala, que as aplicou quando achou oportuno. Com esta atividade, realizada por crianças de 5 anos, foi explorado o conteúdo de associação do número à quantidade (v. Anexo 1).

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Associação do número à quantidade: Este exercício tem como objetivo que a criança consiga associar o número à quantidade de animais pretendidos. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos os critérios:

- Associa corretamente os três números à quantidade;
- Associa corretamente os dois números à quantidade;
- Associa corretamente um número à quantidade;
- Não associa corretamente.

Identificação de seis animais de quatro patas: Este exercício tem como objetivo que a criança identifique seis animais de quatro patas. Para a sua correção foram estabelecidos os critérios:

- Identifica corretamente seis animais;
- Identifica corretamente cinco animais;
- Identifica corretamente quatro animais;
- Identifica corretamente três animais;
- Identifica corretamente dois animais;
- Identifica corretamente um animal;
- Não identifica nenhum animal.

Segue-se o quadro referente às cotações atribuídas aos critérios definidos neste Domínio da Matemática.

Quadro 7 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotações
1. Associação do número à quantidade	Associa corretamente os três números à quantidade.	4	4
	Associa corretamente dois números à quantidade.	2,5	
	Associa corretamente um número à quantidade.	1	
	Não associa corretamente.	0	
2. Identificação de animais com quatro patas	Identifica corretamente seis animais.	6	6
	Identifica corretamente cinco animais.	5	
	Identifica corretamente quatro animais.	4	
	Identifica corretamente três animais.	3	
	Identifica corretamente dois animais.	2	
	Identifica corretamente um animal.	1	
	Não identifica nenhum animal.	0	
Total			10

3.2.3. Grelha de avaliação de atividade no Domínio da Matemática

Apresento, na página seguinte, a grelha de avaliação das crianças referente à Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente ao Domínio da Matemática.

Quadro 8 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação
(Domínio da Matemática)

Parâmetros	1	2	Total	Classificação
Cotações	4	6	10	
Alunos				
A	4	6	10	Muito Bom
B	4	6	10	Muito Bom
C	4	6	10	Muito Bom
D	4	6	10	Muito Bom
E	4	6	10	Muito Bom
F	4	5	9	Muito Bom
G	4	5	9	Muito Bom
H	4	6	10	Muito Bom
I	4	6	9	Muito Bom
J	4	6	10	Muito Bom
K	4	6	10	Muito Bom
L	4	4	8	Bom
M	4	6	10	Muito Bom
N	4	6	10	Muito Bom
O	4	5	9	Muito Bom
P	4	6	10	Muito Bom
Q	4	3	7	Bom
R	4	6	10	Muito Bom
S	4	5	9	Muito Bom
T	4	6	10	Muito Bom
U	4	6	10	Muito Bom
V	4	6	10	Muito Bom
W	4	5	9	Muito Bom
X	4	5	9	Muito Bom
Y	4	6	10	Muito Bom
Z	4	6	10	Muito Bom
A1	4	6	10	Muito Bom
A2	4	6	10	Muito Bom
A3	4	6	10	Muito Bom
A4	4	5	9	Muito Bom
Média Aritmética				9,6

3.2.4. Descrição da grelha

A proposta de atividade apresentada foi realizada por trinta crianças. É possível verificar que todos os resultados foram bastantes satisfatórios. Todas as crianças fizeram o primeiro exercício corretamente, obtendo a cotação máxima no mesmo. No segundo exercício, vinte e uma crianças tiveram a cotação máxima.

A cotação mais baixa atribuída foi de 8 valores. A média aritmética deste Grupo de crianças, neste exercício, é de 9,6 valores.

No quadro seguinte, pode-se observar a legenda das classificações obtidas.

Quadro 9 - Escala de avaliação utilizada

		Quantidade de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0 Crianças
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0 Crianças
Entre 5 e 6,9	Suficiente	0 Crianças
Entre 7 e 8,9	Bom	2 Crianças
Entre 9 e 10	Muito Bom	28 Crianças

3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

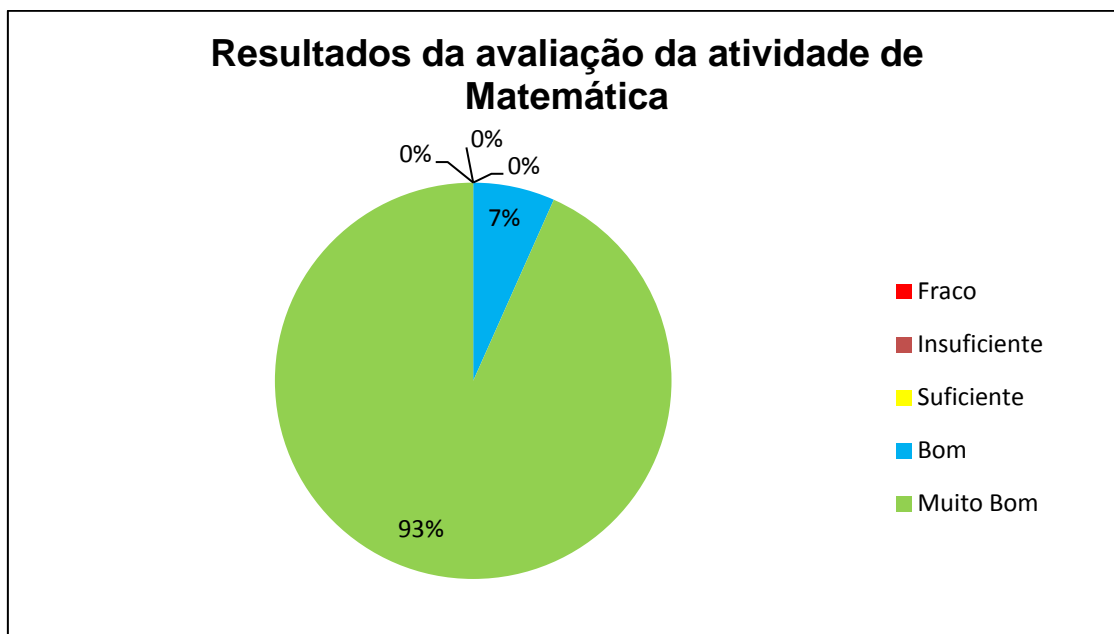


Figura 23 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)

3.2.6. Análise do gráfico

Lendo o gráfico circular apresentado anteriormente é possível verificar que 93% das crianças obtiveram uma classificação de Muito Bom. Os 7% registados no gráfico representam as duas crianças que obtiveram a classificação de Bom. É de salientar que apenas duas crianças não conseguiram a classificação máxima.

3.3. Avaliação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo

3.3.1. Contextualização

A proposta de trabalho alusiva à Área do Conhecimento do Mundo foi aplicada por mim no dia 7 de novembro de 2011. Esta atividade foi realizada por um grupo de crianças de 5 anos, e com a mesma foram trabalhados conteúdos como as atitudes corretas e incorretas a ter em relação à utilização da água (v. Anexo 2).

3.3.2. Descrição do parâmetro e critérios de avaliação

Reconhecer a atitude correta a ter com a água: Este exercício tem como objetivo que a criança perceba quais as atitudes corretas a ter com a água. Para a correção do mesmo foram estabelecidos os critérios:

- Pinta corretamente duas imagens;
- Pinta corretamente uma imagem;
- Não pinta corretamente nenhuma imagem

No quadro abaixo vão as cotações atribuídas aos critérios definidos nesta Área.

Quadro 10 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Reconhecimento das atitudes corretas a ter com a água.	Pinta corretamente duas imagens.	10	10
	Pinta corretamente uma imagem.	5	
	Não pinta corretamente nenhuma imagem.	0	
Total			10

3.3.3. Grelha de avaliação de atividade na Área do Conhecimento do Mundo

Quadro 11 - Grelha de avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo

Parâmetro	1	Total	Classificação
Cotações	10	10	
Alunos			
A	10	10	Muito Bom
B	10	10	Muito Bom
C	10	10	Muito Bom
D	10	10	Muito Bom
E	10	10	Muito Bom
F	10	10	Muito Bom
G	10	10	Muito Bom
H	10	10	Muito Bom
I	5	5	Suficiente
J	10	10	Muito Bom
K	10	10	Muito Bom
L	10	10	Muito Bom
M	10	10	Muito Bom
N	10	10	Muito Bom
O	10	10	Muito Bom
P	10	10	Muito Bom
Q	5	5	Suficiente
R	10	10	Muito Bom
S	10	10	Muito Bom
T	10	10	Muito Bom
U	10	10	Muito Bom
V	10	10	Muito Bom
W	10	10	Muito Bom
Média Aritmética		9,6	

3.3.4. Descrição da grelha

A proposta apresentada foi realizada por vinte e três crianças. Em relação a este exercício, é possível verificar que vinte e uma crianças identificaram corretamente quais as atitudes corretas a ter com a utilização da água e apenas duas delas não obtiveram a classificação total neste exercício.

A cotação mais baixa atribuída foi de 5 valores, referente às duas crianças que apenas pintaram corretamente uma imagem. A média aritmética deste Grupo, neste exercício é de 9,6 valores.

Segue-se o quadro 12 com a legenda das classificações obtidas pelas crianças.

Quadro 12 - Escala de avaliação utilizada

		Quantidade de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0 Crianças
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0 Crianças
Entre 5 e 6,9	Suficiente	2 Crianças
Entre 7 e 8,9	Bom	0 Crianças
Entre 9 e 10	Muito Bom	21 Crianças

3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

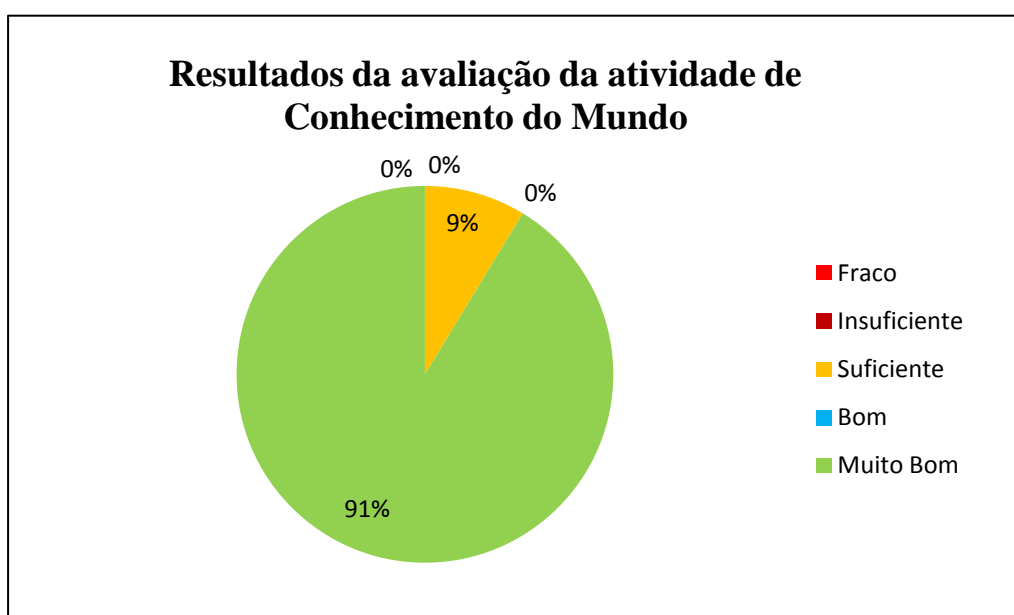


Figura 24 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área de Conhecimento do Mundo

3.3.6. Análise do gráfico

Após a leitura do gráfico circular é possível verificar que 91% das crianças obtiveram uma classificação de Muito Bom. Os 9% registados no gráfico representam as duas crianças que obtiveram a classificação de Suficiente. É de salientar que a aplicação desta proposta de trabalho obteve resultados bastante satisfatórios, uma vez que apenas duas crianças não conseguiram a classificação máxima.

3.4. Avaliação da atividade na Área de Português

3.4.1. Contextualização

A proposta de trabalho alusiva à Área curricular de Português, sobre o conteúdo dos graus dos adjetivos, foi aplicada no dia 20 de março de 2012. Esta atividade foi realizada na turma do 4.º ano B (v. Anexo 3).

3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Identificar o grau dos adjetivos das frases: Este exercício tem como objetivo que o aluno perceba em que graus se encontram os adjetivos das frases apresentadas. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos os critérios:

- Identificou corretamente o grau dos adjetivos das duas frases;
- Identificou corretamente o grau do adjetivo apenas de uma frase;
- Não identificou corretamente o grau dos adjetivos de nenhuma frase.

Construir frases de acordo com o que é pedido: Este exercício tem como objetivo que o aluno construa duas frases nas quais o adjetivo se encontre no grau superlativo absoluto sintético. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos os critérios:

- Construiu corretamente as duas frases com o grau superlativo absoluto sintético do adjetivo pedido;
- Construiu corretamente apenas uma frase com o grau superlativo absoluto sintético do adjetivo pedido;
- Não construiu corretamente nenhuma frase.

Identificar o grau dos adjetivos: Este exercício tem como objetivo que o aluno complete corretamente as frases com o adjetivo e o grau pedido. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos critérios como:

- Identificou três adjetivos no grau correto;
- Identificou dois adjetivos no grau correto;
- Identificou um adjetivo no grau correto;
- Não identificou nenhum adjetivo no grau correto.

Associar os adjetivos aos respectivos graus: Este exercício tem como objetivo que o aluno faça corretamente a correspondência entre o adjetivo e o respectivo grau. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos os critérios:

- Faz quatro ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus;
- Faz três ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus;
- Faz duas ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus;
- Faz uma ligação corretamente entre o adjetivo e o respectivo grau;
- Não faz nenhuma ligação corretamente.

Na página seguinte, encontra-se um quadro referente as cotações atribuídas aos critérios definidos, na Área Curricular de Português.

Quadro 13 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área Curricular de Português

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Identificação do grau dos adjetivos das frases.	Identifica corretamente o grau dos adjetivos das duas frases.	2	2
	Identifica corretamente o grau do adjetivo apenas de uma frase.	1	
	Não identifica corretamente.	0	
2. Construção de duas frases com o grau superlativo absoluto sintético do adjetivo pedido;	Constrói corretamente duas frase com o grau do adjetivo pedido.	3	3
	Constrói corretamente uma frase com o grau do adjetivo pedido.	1,5	
	Não constrói uma frase com o grau do adjetivo pedido.	0	
3. Identificação do grau dos adjetivos.	Identifica três adjetivos no grau correto.	3	3
	Identifica dois adjetivos no grau correto.	2	
	Identifica um adjetivo no grau correto.	1	
	Não identifica nenhum adjetivo no grau correto.	0	
4. Associação de adjetivos as respectivos graus.	Faz quatro ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus.	2	2
	Faz três ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus.	1,5	
	Faz duas ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus.	1	
	Faz uma ligação corretamente entre o adjetivo e o respetivo grau.	0,5	
	Não faz as ligações corretamente entre os adjetivos e os respectivos graus.	0	
Total			10

3.4.3. Grelha de avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa

Quadro 14 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Português

Parâmetros	1	2	3	4	Total	Classificação
Cotações	2	3	3	2	10	
Alunos						
A	2	3	3	2	10	Muito Bom
B	2	3	3	2	10	Muito Bom
C	2	3	3	2	10	Muito Bom
D	2	3	3	2	10	Muito Bom
E	2	1,5	3	2	8,5	Bom
F	2	3	3	2	10	Muito Bom
G	2	3	3	2	10	Muito Bom
H	2	3	3	1	9	Muito Bom
I	2	3	3	2	10	Muito Bom
J	2	3	3	2	10	Muito Bom
K	2	3	3	1	9	Muito Bom
L	2	3	3	2	10	Muito Bom
M	2	1,5	3	2	8,5	Bom
N	2	1,5	2	2	7,5	Bom
O	2	3	3	2	10	Muito Bom
P	2	3	3	2	10	Muito Bom
Q	2	3	3	2	10	Muito Bom
R	2	3	2	2	9	Muito Bom
S	2	3	3	2	10	Muito Bom
T	2	3	3	2	10	Muito Bom
U	2	3	3	2	10	Muito Bom
V	2	3	3	2	10	Muito Bom
W	2	1,5	3	2	8,5	Bom
X	2	3	3	2	10	Muito Bom
Y	2	3	3	2	10	Muito Bom
Z	2	3	3	2	10	Muito Bom
Média Aritmética					9,6	

3.4.4. Descrição da grelha

A proposta apresentada foi realizada para vinte e seis alunos. Em relação ao primeiro parâmetro, é possível verificar que todos os alunos identificaram corretamente o grau dos adjetivos das frases expressas.

Verifiquei que, quanto à construção de duas frases, com o adjetivo no grau pedido – o superlativo absoluto sintético (segundo parâmetro), apenas quatro alunos construíram corretamente só uma frase, tendo os restantes conseguido a cotação máxima neste exercício.

No que diz respeito à identificação dos graus dos adjetivos (terceiro parâmetro), apenas dois alunos não obtiveram cotação completa, uma vez que só identificaram corretamente dois adjetivos no grau correto de três.

A última questão não revelou grande dificuldade por parte dos alunos, uma vez que apenas dois não obtiveram a cotação completa neste exercício.

A cotação mais baixa atribuída foi de 7,5 valores e a média aritmética da turma foi de 9,6 valores.

Segue-se o quadro 15 com a legenda das classificações.

Quadro 15 - Escala de avaliação utilizada

		Quantidade de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0 Alunos
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0 Alunos
Entre 5 e 6,9	Suficiente	0 Alunos
Entre 7 e 8,9	Bom	4 Alunos
Entre 9 e 10	Muito Bom	22 Alunos

3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Na página seguinte, apresento o gráfico circular, referente aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Português.

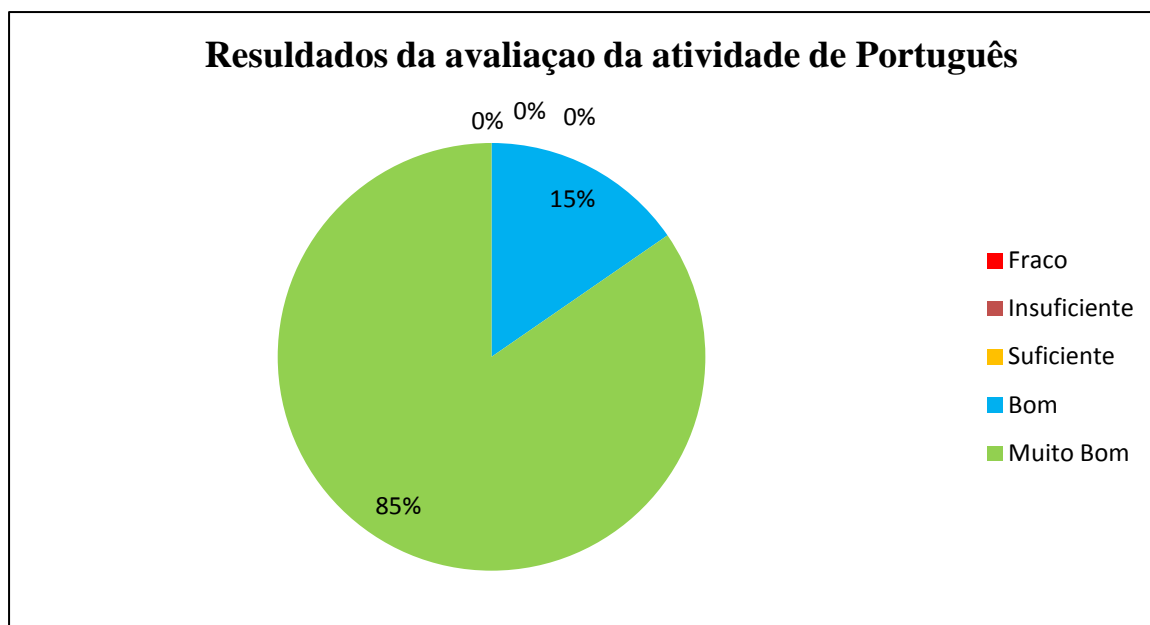


Figura 25 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Português

3.4.6. Análise do gráfico

É possível concluir que nenhum aluno teve uma classificação abaixo de Bom. Outra informação relevante é que 85% dos alunos obtiveram uma classificação de Muito Bom e 15% de Bom. Assim, concluo que a aplicação desta proposta de trabalho obteve resultados bastante satisfatórios.

3.5. Avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio (História de Portugal)

3.5.1. Contextualização

A proposta de trabalho alusiva à área curricular de História de Portugal foi aplicada por mim no dia 20 de abril de 2012. Esta atividade foi realizada na turma do 4.º ano B, e com a mesma foram explorados conhecimentos sobre o rei D. José I. (v. Anexo 4).

3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

Aplicar os conhecimentos sobre História de Portugal: Este exercício tem como objetivo que o aluno preencha corretamente um texto lacunar. Este texto tem como

temática os principais feitos do rei D. José I. Para a correção do mesmo, foram estabelecidos os critérios:

- Preencheu corretamente 8 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 7 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 6 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 5 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 4 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 3 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 2 espaços lacunares;
- Preencheu corretamente 1 espaço lacunar;
- Não preencheu corretamente nenhum espaço lacunar.

Quadro 16 - Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)

Parâmetros	Critérios de avaliação		Cotação
1. Aplicação de conhecimentos sobre História de Portugal (D. José I)	Preenche corretamente todos os espaços lacunares.	10	10
	Preenche corretamente 7 espaços lacunares.	8,75	
	Preenche corretamente 6 espaços lacunares.	7,5	
	Preenche corretamente 5 espaços lacunares.	6,25	
	Preenche corretamente 4 espaços lacunares.	5	
	Preenche corretamente 3 espaços lacunares.	3,75	
	Preenche corretamente 2 espaços lacunares.	2,50	
	Preenche corretamente 1 espaços lacunares.	1,25	
	Não preenche nenhum espaço corretamente.	0	
Total			10

3.5.3. Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)

Na página seguinte, apresento a grelha de avaliação referente à Área de Estudo do Meio (História de Portugal).

Quadro 17 - Grelha de avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio
(História de Portugal)

Parâmetro	1	Total	Classificação
Cotações	10	10	
Alunos			
A	10	10	Muito Bom
B	10	10	Muito Bom
C	10	10	Muito Bom
D	10	10	Muito Bom
E	8,75	8,75	Bom
F	10	10	Muito Bom
G	10	10	Muito Bom
H	10	10	Muito Bom
I	8,75	8,75	Bom
J	10	10	Muito Bom
K	10	10	Muito Bom
L	10	10	Muito Bom
M	7,50	7,50	Bom
N	10	10	Muito Bom
O	10	10	Muito Bom
P	10	10	Muito Bom
Q	8,75	8,75	Bom
R	10	10	Muito Bom
S	10	10	Muito Bom
T	6,25	6,25	Suficiente
U	10	10	Muito Bom
V	10	10	Muito Bom
W	10	10	Muito Bom
X	7,50	7,50	Bom
Y	10	10	Muito Bom
Z	5	5	Suficiente
Média Aritmética		9,3	

3.5.4. Descrição da grelha

A proposta foi realizada para vinte e seis alunos. Dezanove alunos preencheram corretamente todos os espaços lacunares, obtendo a cotação máxima. Três alunos não preencheram corretamente um espaço lacunar, acertando, assim, em sete respostas. Dois alunos acertaram apenas em seis espaços lacunares; apenas um só acertou em quatro.

A cotação mais baixa atribuída foi de 5 valores e a média aritmética da turma, neste exercício, foi de 9,3 valores. Segue-se o quadro 18 com a legenda das classificações.

Quadro 18 - Escala de avaliação utilizada

		Quantidade de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0 Alunos
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0 Alunos
Entre 5 e 6,9	Suficiente	2 Alunos
Entre 7 e 8,9	Bom	5 Alunos
Entre 9 e 10	Muito Bom	19 Alunos

3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

Apresento agora o gráfico circular, referente aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal).

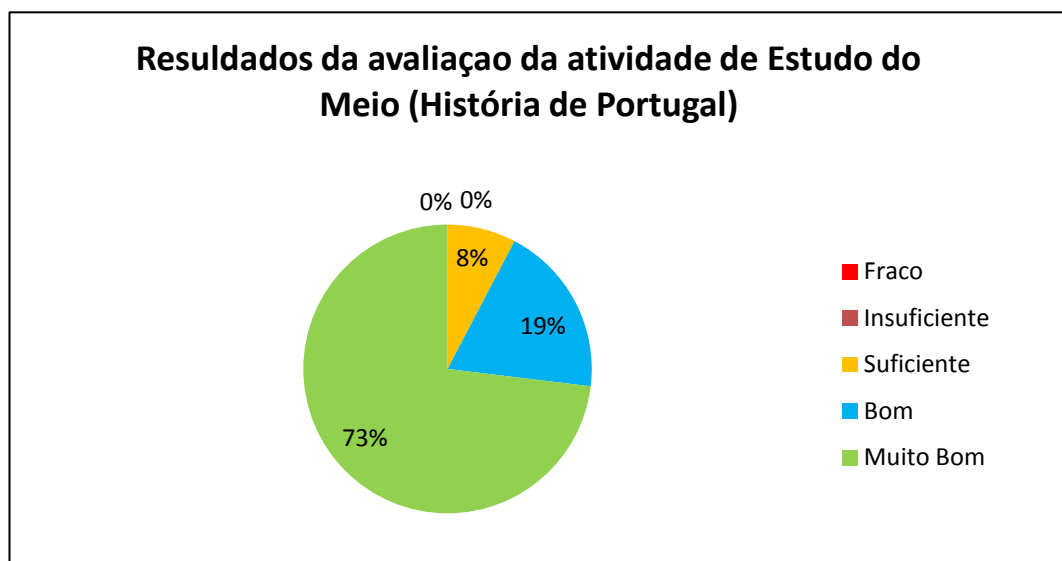


Figura 26 - Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)

3.5.6. Análise do gráfico

Com a leitura do gráfico circular, observa-se que, dos vinte e seis alunos a quem foi aplicado este exercício, dezanove obtiveram uma classificação de Muito Bom, representando assim uma percentagem de 73%. Cinco alunos obtiveram uma classificação de Bom, representando 19% da turma e apenas dois obtiveram a classificação de Suficiente.

REFLEXÃO FINAL

1. Considerações finais

Terminado o meu Estágio Profissional ao longo dos anos letivos de 2011/2012 e 2012/2013, sinto ser necessário refletir sobre os momentos que vivenciei, referindo os aspetos que considero positivos e as limitações que surgiram.

O balanço que faço desta prática é, sem dúvida, muito positivo, pois este percurso foi repleto de aprendizagens significativas que, como profissional, sempre terei em conta e que, como pessoa, serão sempre bases de vida e princípios orientadores para o futuro. As experiências vividas durante este período de estágio permitiram-me ter contacto com diferentes práticas de ensino-aprendizagem; aprofundei, assim, o meu conhecimento sobre a realidade educativa e a respetiva prática. Mas, para além disso, ao fazer este Relatório, adquiri novos conhecimentos teóricos e, sobretudo, vivenciei, a articulação da teoria com a prática.

Como refere Dewey (citado por Alarcão e Tavares, 2003, p. 19), a «formação profissional dos professores deve ter uma componente teórica e uma componente prática». A prática tem, sem dúvida, um papel de destaque, uma vez que nós, como estagiários, podemos experimentar diversos métodos e técnicas de ensino. A prática é, indiscutivelmente, fundamental nesta profissão. É no terreno que um professor seleciona e adequa as suas estratégias de ensino, pois cada aluno e cada turma são únicos e a adaptação constante do professor ao público-alvo é obrigatória. Formosinho, Machado e Formosinho (2010) alertam-nos para que «o conhecimento profissional prático é uma janela para uma melhor compreensão e apropriação da prática profissional» (p. 21).

Para mim, foi fulcral poder experimentar o ato de ensinar, durante as aulas programadas. A experiência real é diferente da simples observação. Tal como refere Loughran (citado por Flores e Simão, 2009), «se os alunos futuros professores ‘sentirem’ genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma pessoalmente mais significativa» (p. 27). Durante este período, verifiquei quais as minhas capacidades e limitações, auxiliada por uma equipa de docentes titulares dos Grupos e turmas, e de Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica que, ao longo de todo o Estágio Profissional, me esclareceram e orientaram para atingir o sucesso pretendido.

Ao longo desta etapa, percebi que cada Grupo/turma é diferente e que, para conseguir desenvolver as competências dos alunos, é necessário planificar atividades, de acordo com as características e nível de aprendizagem de cada Grupo e turma. Para Clark e Peterson (citados por Zabalza, 2000), o objetivo do ato de planificar passa por «transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino» (p. 54).

Realço, ainda, que o facto de construir dispositivos de avaliação foi fundamental para perceber a importância desta prática e o modo como se processa. Pude perceber que a avaliação tem o importante papel de melhorar a educação e é uma forma de o educador/professor regular a eficácia das suas estratégias. Fernandes (2005, p. 157) acentua que o uso frequente e regular de «práticas de avaliação» promovem uma melhoria bastante significativa das aprendizagens dos alunos, o que se traduz numa melhoria da «qualidade geral do sistema educativo».

Uma vez que estou a falar de avaliação, parece-me importante mencionar a forma como fui avaliada ao longo deste estágio, uma vez que a avaliação é parte integrante do reconhecimento e reflexão da minha prática profissional. O *feedback* constante das Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica ajudou e determinou o desenvolvimento das minhas competências. Este *feedback* baseava-se no diálogo pessoais entre as Professoras Orientadoras e nós, estagiários, e nas reuniões onde eram tratados aspetos a melhorar e aspetos positivos de aulas dadas.

Toda esta fase de prática docente proporciona e desenvolve competências necessárias a um cumprimento consciente, responsável e eficaz da profissão. A prática reflexiva permitiu-me aperceber-me mais facilmente das minhas falhas. Os professores têm mais hipóteses de aprenderem uns com os outros e de terem uma conceção sobre o desenvolvimento da sua profissão se ouvirem as opiniões de outros colegas.

No decorrer do estágio testei os meus conhecimentos ao lecionar diversas aulas (programadas ou surpresa), em áreas diferentes. Acima de tudo, fiz diversas reflexões sobre o meu desempenho. De acordo com Stoll (citado por Morgado, 2004, p. 44), «o desenvolvimento da qualidade na educação solícita que os professores assumam uma postura de reflexão e investigação, uma atitude de cooperação e uma disponibilidade para a aprendizagem permanente». Morgado (1997) acrescenta que «cumpre ao professor o estabelecimento de uma atitude de permanente ponderação dos seus valores, dos seus saberes, das suas práticas» (p. 44). O mesmo autor afirma que:

[...] somos levados a considerar necessária uma atitude de permanente reflexão sobre as práticas que se desenvolvem e os princípios de natureza diferenciada que as sustentam. Esta reflexão poderá constituir-se como um instrumento privilegiado de regulação e avaliação do trabalho desenvolvido, facilitando a introdução, quando justificada, de mecanismos de ajustamento. (p. 55)

Para além do que observei, conheci, vivenciei e aprendi com todos os educadores e professores com quem contactei, também aprendi com as crianças dos Grupos e turmas por onde passei. Acredito que, pelo meu lado, fui capaz de promover algumas aprendizagens. Refiro também a importância de ter tido oportunidade de trabalhar com crianças de faixas etárias variadas, uma vez que pude verificar que cada faixa etária apresenta um grau de maturação específico. Cada criança é um ser único. Embora tenham a mesma idade, têm diferentes formas de estar, de pensar, de aprender, e cabe-me, enquanto docente, proporcionar estratégias diversificadas para conseguir chegar a todas as crianças de um mesmo grupo.

Assim, encaro este percurso que vivi como imprescindível e a elaboração deste relatório como essencial. Embora esteja consciente do muito que terei ainda a aprender, considero a formação que recebi bastante rica.

2. Limitações

As limitações referentes à realização deste relatório prendem-se, em primeiro lugar, com a vertente científica. Considero que, no início deste Relatório, não me debrucei logo sobre a bibliografia fornecida durante os anos de licenciatura, e, pelo contrário, iniciei a pesquisa de títulos que não me tinham sido aconselhados, no que perdi muito tempo.

Em segundo lugar, gostaria de referir que, em determinadas circunstâncias, deparava-me com algumas críticas menos boas às minhas práticas, feitas pelos docentes titulares das turmas, práticas essas que eu tinha observado serem as usadas pelos mesmos professores. Acabava por me entristecer, pois, de certa forma, enquanto estagiária, estava a tentar colocar em prática as observações que tinha feito. No entanto, acabei por entender que, por vezes, compreensivelmente, os professores, quando adquirem alguma experiência, nem sempre acabam por colocar em prática tudo o que aprenderam. Como afirma Cury (2011, pp. 15-16), «eu e você podemos falhar diversas

vezes, às vezes estupidamente, mas até as nossas falhas são fruto da nossa sofisticação» (pp. 15-16). Assim, apesar de sentir o referido sentimento, fui aceitando ao longo do estágio que é natural errar, como estagiária ou como docente, e que há sempre possibilidade de aprender, mesmo que seja com os próprios erros.

3. Novas pesquisas

Apesar de ter aprendido muito ao longo de toda a minha formação, sei que este é apenas o início de um longo caminho que espero percorrer e ao longo do qual ainda terei muito para aprender. Um bom professor deve conhecer inteiramente os conteúdos que transmite aos alunos para que não os induza em erro. Tal como em todas as profissões, devemos permanecer em constante formação pois, felizmente, o mundo está em constante evolução e as diversas informações são muitas vezes atualizadas acerca dos mais variados conteúdos. Assim, o educador/professor deve manter-se atualizado e em pesquisa permanente, para benefício das crianças.

É minha pretensão continuar uma constante pesquisa nesta área do ensino, a fim de alcançar o sucesso na profissão docente e permitir que os meus futuros alunos tenham acesso ao desenvolvimento de competências. Ou seja, tenciono ser uma profissional atualizada e interessada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P.; Serrazina, L. e Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Rio Tinto, PT: ASA.
- Abreu, I.; Sequeira, A. P. e Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias. Contributos para uma educação participada*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na Primeira Infância – Atividades, rimas e brincadeiras para a Educação de Infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alava, M. J. e Palacios, P. (1993). *Será feliz uma criança no infantário?* Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na sala*. Porto: Asa.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepção e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alves, M. P. C. (2004). *Currículo e avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora.
- André, H. A. (1986). *A prática da redação em grupo*. São Paulo: Editora Moderna.
- Antunes, C. (2003). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Aranão, I. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Lisboa: Papyrus Editora.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Macgraw-Hill de Portugal.
- Astolfi, J. P.; Darot, É.; Vogel, Y. G. e Toussaint, J. (1997). *Práticas de formação em didáctica das ciências*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Azevedo, M. (2002). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

- Baptista, M. J. A. A. (2005). *Análise e interpretação do erro ortográfico. Um estudo com alunos do 4.º ano de escolaridade*. Tese de mestrado inédita, universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Barata, J. O. (1997). Drama. In AA.VV. *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa* (vol. II). Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo; pp. 198-205.
- Boavida, A. M. R., Paiva, A. L., Cebolla, G., Vale, I. e T. Pimentel (2008). *A experiência matemática no Ensino Básico. Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores dos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borràs, L. (2001). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do Ensino Básico – Áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.
- Botelho, A. T. C. P. S. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial dos professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Brickman, N. A. e Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, D. M. S. (1998). *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Brasil: Editora Vozes.
- Canavarro, J. M. P.; Pereira, A. I. F. e Pascoal, P. (2001). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Casteleiro, J. M. e Correia, P. D. (2008). *Atual. O novo acordo ortográfico*. Lisboa: Texto Editora.

- Castro, J. P. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Catita, E. M. (2007a). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social do Pré-Escolar ao 1.º ciclo: um guia para educadores, professores e pais*. Porto: Areal Editores.
- Catita, E. M. (2007b). *Estratégias metodológicas para o ensino do Meio Físico e Social*. Porto: Areal Editores.
- Cerquetti-Aberkane e Berdonneau (1997). *O ensino da matemática na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Changeux, J-P. (1997). *Uma mesma ética para todos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- Condemarín, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Correia, S., Andrade, M. e Alves, E. (2001). *Tecnologias da informação e da comunicação na educação. Propostas de trabalho e materiais de apoio*. Coimbra: Instituto de Inovação Educacional.
- Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa – Que desafios?* Lisboa: ASA.
- Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – Bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Curtiss, S. (1988). *A alegria do movimento no Pré-Escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Curto, L. M., Morillo, M. M. e Teixidó, M.M. (2007). *Escrever e ler. Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las e escrever e a ler*. Brasil: Artmed.
- Curto, P. M. (1998). *A escola e a indisciplina*. Porto: Porto Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Pergaminho.
- Damas, E.; Oliveira, V.; Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática. Guia prático para professores e educadores*. Lisboa: Areal Editores.

- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lousã: Artes Gráficas.
- Dinis, M. A. S. (2001). *As fadas não foram à escola*. Porto: ASA.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Lisboa: Presença.
- Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. e Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Afrontamento.
- Figueiredo, M. A. R. (2004). *Projecto curricular no jardim-de-infância*. Lisboa: Bola de Neve.
- Florêncio, V. (2001). O elogio da diferença na obra de Luísa Ducla Soares. *Malasartes* n.º 5, 3-8.
- Flores, M. A. e Simão, A. M. (2009). *Aprendizagem de desenvolvimento profissional de professores: Contexto e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Formosinho, I., Machado, J., e Formosinho, J. (2010). *Formação, desempenho e avaliação de professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Fourez, G. (2002). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, L., e Freitas, C. (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: ASA.
- Gomes, A.; Fernandes, A. e Cavacas, F. (1991). *Guia do professor de Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goodnow, J. (1992). *Desenho de crianças*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Guedes, T. (2002). *Ensinar a poesia*. Lisboa: ASA.

- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: Grandes ideias, regras simples*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hohmann, M. e Post, J. (2003). *Educação de bebês em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohman, M. e Weikart, D. (2003). *Educação de bebês em infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. e Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M.. e Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – Um guia para pais e educadores*. Lisboa: ASA.
- Jesus, M. H. (1996). *Influência do professor sobre os alunos: Relação pedagógica, gestão de indisciplina, motivação dos alunos*. Porto: ASA.
- Kammi, C. (s/d). *A teoria de Piaget e a educação Pré-Escolar*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos*. Porto: ASA.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G. e Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, J. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em Jardim de Infância*. Porto: ASA.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Marques, R. (2001). *Saber educar – Guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, R. (2003). *Motivar os professores – um guia para o desenvolvimento profissional*. Lisboa: Editorial Presença.

- Martins, I.; Veiga, M.; Teixeira, F.; Vieira, C.; Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. e Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência. Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, I.; Veiga, M.; Teixeira, F.; Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A. e Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar. Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2001). *Programa Inglês – Programa e Organização Curricular*. Lisboa: Oficinas gráficas.
- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Saúde (2006). Programa Nacional de Saúde Escolar. Despacho n.º 12.045/2006 2.ª série <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i008093.pdf>
Acedido em 25 de maio de 2012.
- Moreira, D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: Competências básicas... I*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica: Diferenciação e inclusão*. Lisboa: Presença.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação – Um desafio para os professores*. Lisboa: Presença.
- Nóvoa, A. (1992). Desenvolvimento profissional: produzir a profissão docente. In *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote; pp. 26-28.

- Oliveira-Formosinho, J. e Andrade, F. F. (2011). O espaço da pedagogia-em-participação. In J. Oliveira-Formosinho (Ed.). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora; pp. 49-54.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: Teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Pais, A. e Monteiro, M. (1996). *Avaliação, uma prática diária*. Lisboa: Presença.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem e de ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Perrenoud, P. (2000). *Novas competências para ensinar*. Porto alegre: ARTMED.
- Pimentel, T. et. al. (2009). *Matemática nos primeiros anos. Tarefas e desafios para a sala de aula*. Lisboa: Texto Editora.
- Pires, C. M. L. (2003). *Manual de psicopatologia: Uma abordagem biopsicossocial*. Leiria: Diferença.
- Pombo, O.; Guimarães H. e Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. e Serrazina, M. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Queiroz, F. (1999). *Introdução à psicologia da escrita*. Porto: Campo das Letras.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1988). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Raposo, N. A. V. (1991). *O contributo do Método João de Deus para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A Relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento Inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica de la Lengua y la Literatura.
- Ribeiro, A. e Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do Ensino-Aprendizagem* (vol. 1). Lisboa: Universidade Aberta.

- Ribeiro, D., Valério, N. e Gomes, J. T. (2009). *Cálculo mental*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Rodrigues, A. e Esteves, M. (1993). *A análise de necessidades na formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da arte, a arte da infância*. Porto: ASA.
- Roldão, M. C. (1995). *Estudo do Meio no 1.º ciclo. Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- Ruas, B. M. e Grosso, C. (2000). *Estatística e combinatória e probabilidades*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento Inédita, Universidade de Málaga, Departamento de Didáctica da Língua e da Literatura.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A. S. (1999). *Estudos de psicopedagogia e arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, A. S. (2002). *Da família à escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sim-Sim, I., Silva, A. e Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância – Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Simões, M. I. S. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Portugal: A casa encantada.
- Sousa, A. B. (2003a). *Educação pela arte e artes na educação. Drama e Dança* (vol. II). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. B. (2003b). *Educação pela arte e artes na educação. Música e artes plásticas* (vol. III). Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. e Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed.
- Vallejo, P. (1979). *Manual de avaliação escolar*. Coimbra: Almedina.
- Veloso, R. M. (2001). Literatura infantil e práticas pedagógicas. *Malasartes* n.º 6, 22-24.
- Veloso, R. M. e Riscado, L. (2002). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes* n.º 10; 26-29.
- Viana, F. L. e Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: ASA.
- Vilar, A. M. (1996). *A avaliação dos alunos no Ensino Básico*. Porto: ASA.
- Williams, R.; Rockwell, R. e Sherwood, E. (1995). *Ciência para crianças*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Zabalza, M. Â. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabalza, M. Â. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA.
- Zabalza, M. Â. (2001). *Didáctica da Educação Infantil*. Porto: ASA.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: EDUCA.

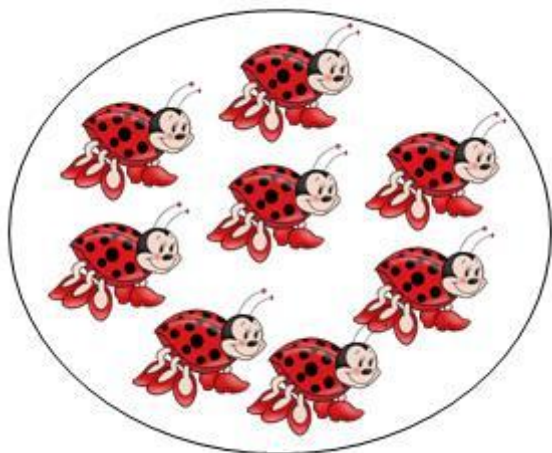
ANEXOS

ANEXO 1

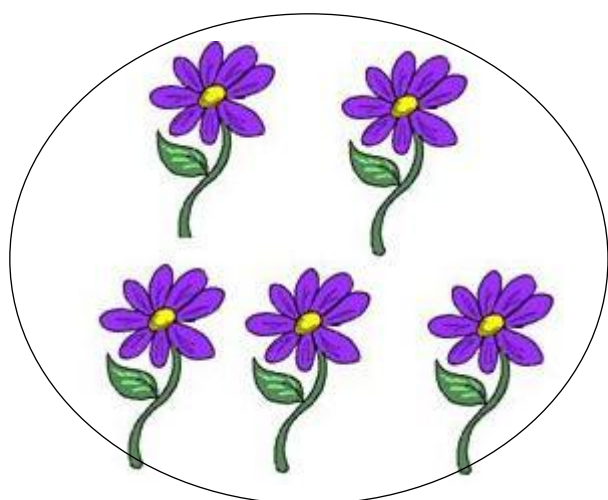
Proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)

Nome: _____ Data: ____/____/____

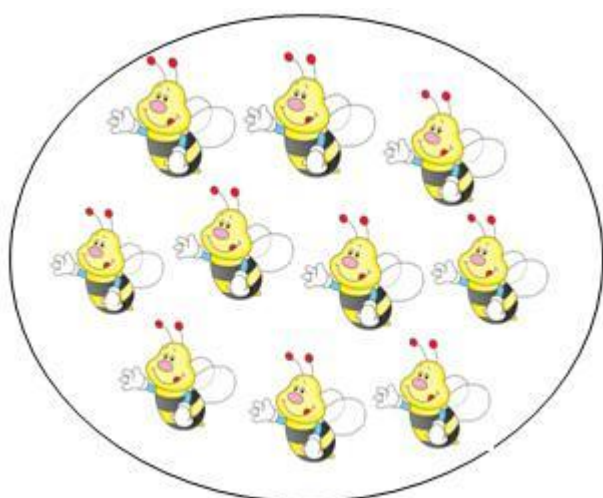
1. Faz a correspondência correta entre os números e a quantidade.



10

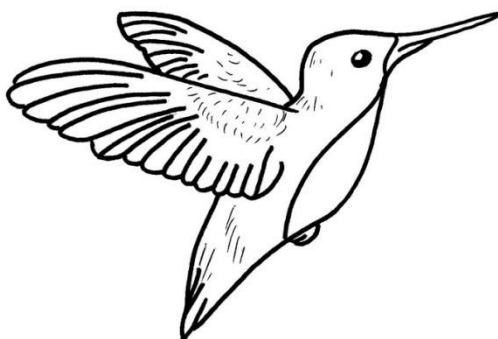
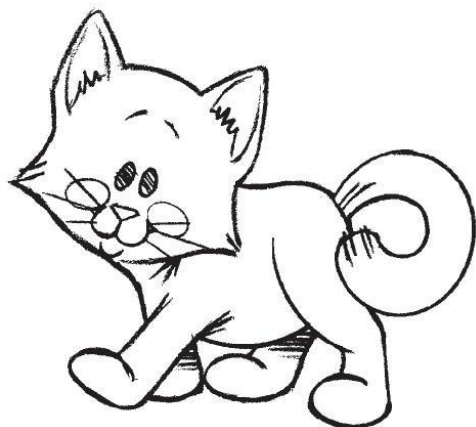
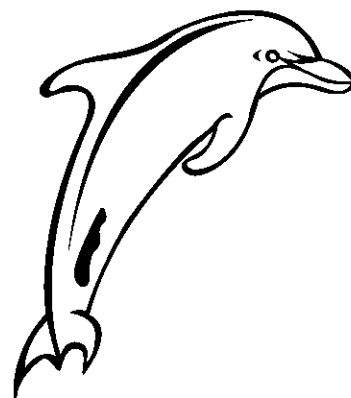
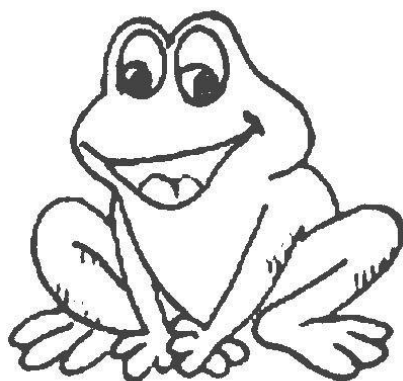
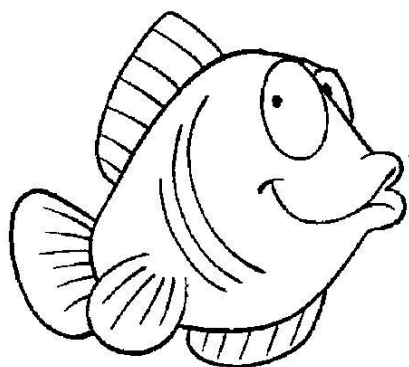
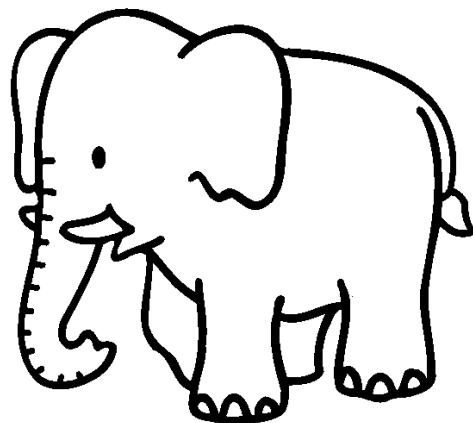
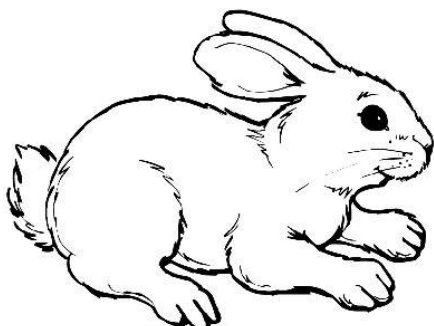
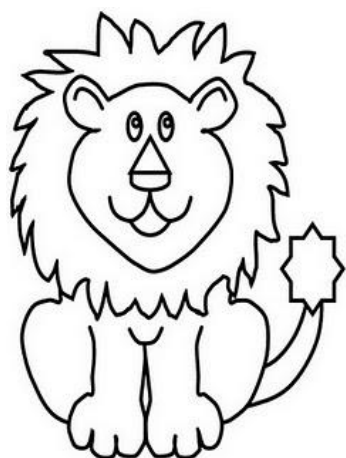


8



5

2. Pinta das imagens seguintes 6 animais que tenham 4 patas.



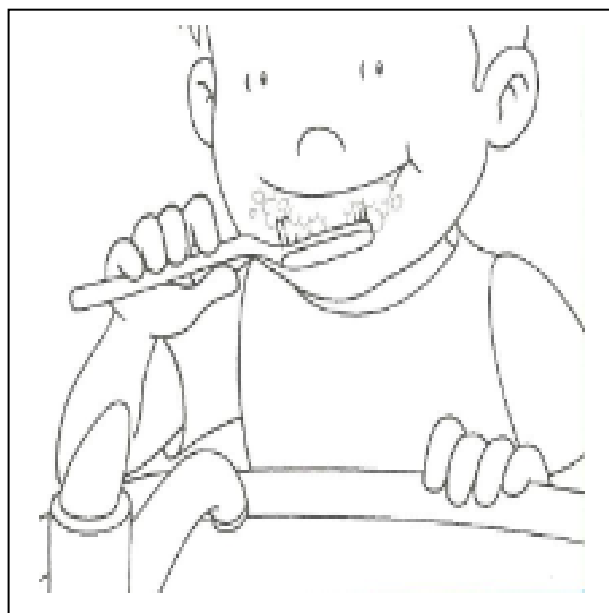
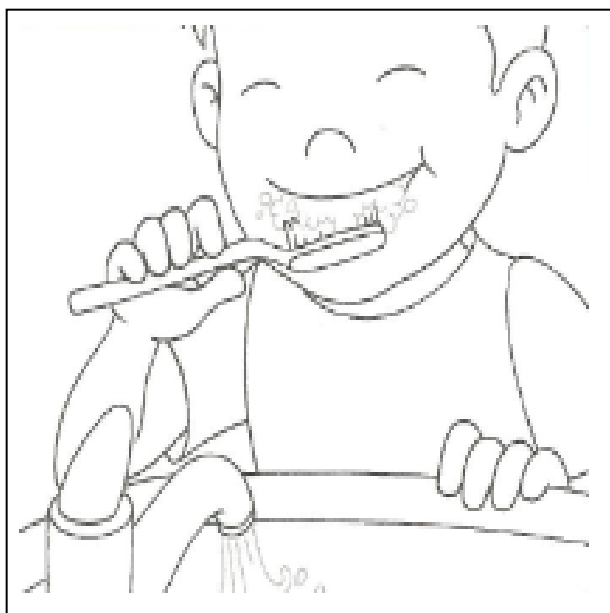
Atividade proposta pela aluna estagiária Ana Filipa Leal do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

ANEXO 2

Proposta de trabalho da Área de Conhecimento do Mundo

Nome: _____ Data: ____/____/____

Pinta as figuras que nos mostram o que devemos fazer para poupar água.



Atividade proposta pela aluna estagiária Ana Filipa Leal do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

ANEXO 3

Ficha formativa da Área Curricular de Português

Ficha Formativa
Grau dos Adjetivos



Nome: _____

Data: ____/____/____

1. Refere em que grau se encontram os adjetivos das seguintes frases.

a) O avô do Raul é paupérrimo.

_____.

b) O cabelo da Sara é mais claro do que o da Maria.

_____.

2. Constrói uma frase no grau superlativo absoluto sintético, tendo em conta o adjetivo pedido.

mau

a) _____.

grande

b) _____.

3. Completa as seguintes frases com o adjetivo e o grau pedido.

a) O filme foi _____ (interessante, grau superlativo absoluto sintético).

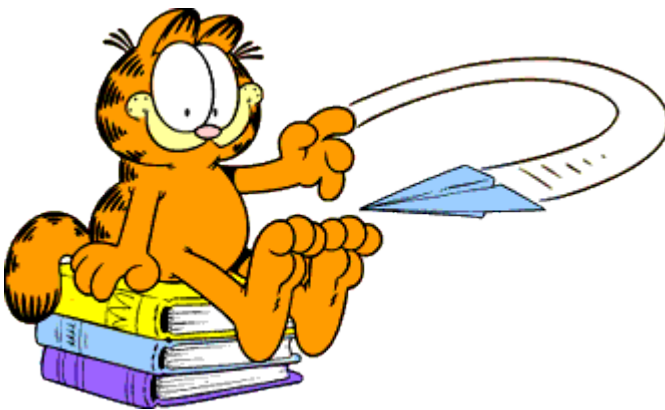
b) O Ricardo é _____ o João (alto, grau comparativo de inferioridade).

c) Aquele restaurante é _____ da cidade (caro, grau superlativo relativo de superioridade).

4. Faz a correspondência correta.

- | | | |
|----------------------|---|----------------------------------------------|
| a) muito guloso | • | • Grau superlativo absoluto sintético |
| b) tão comprido como | • | • Grau comparativo de igualdade |
| c) lindíssimo | • | • Grau superlativo relativo de superioridade |
| d) o mais rápido | • | • Grau superlativo absoluto analítico |

Bom Trabalho!



Atividade proposta pela aluna estagiária Ana Filipa Leal do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

ANEXO 4

Ficha Formativa da Área Curricular de Estudo do Meio (História de Portugal)

Ficha formativa
História de Portugal: D. José I



Nome: _____

Data: ____/____/____

1. Preenche o texto lacunar de acordo com as informações fornecidas no *Powerpoint*.

D. João V morreu em 1750 e sucedeu-lhe o seu filho _____ que não tinha qualquer experiência de governação, uma vez que o seu pai nunca o tinha chamado para tarefas governativas.

Nesta altura, Portugal enfrentava uma situação muito complicada e, como tal, D. José I nomeou como _____ Sebastião José de Carvalho e Melo, que seria o futuro Marquês de Pombal.

Logo no início do reinado de D. José I, em _____ (ano), Lisboa sofreu um grande terramoto, tendo a cidade ficado muito destruída. Homem de ação, o _____ tomou algumas medidas de imediato para reconstruir a cidade. Assim, Lisboa foi reconstruída e chamada de _____. Algumas características dessa reestruturação passam pela construção de ruas muito largas para a época e perpendiculares umas às outras, por passeios calcetados e pela construção do primeiro _____.

A iniciativa e a capacidade de resolver situações reveladas pelo _____ aumentaram a confiança que _____ tinha no seu ministro, aumentando-lhe a responsabilidade na governação do país.

